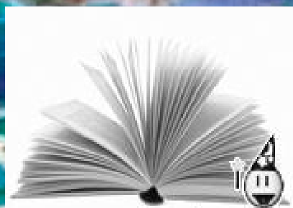


ALERTA DE TEMPESTADE

LINDA SUE PARK

LIVRO 9



01 de Janeiro de 2014



A



Por meio de seu



A Mafia dos Livros respeitosamente apresenta o 9º livro da série, The 39 Clues – Alerta de Tempestade-
Graças a colaboração de Junior Heyder.
E um agradecimento à euipe da Mafia e principalmente à Rogério Ribeiro, por em pleno feriado se prontificar a fazer a edição final desse ebook.

Capítulo 1

— Bahamas.

— Jamaica.

— Bahamas.

— Jamaica.

Dan sentiu todos os músculos tensos. Tentou mais uma vez:

— BA-HA-MAS. Amy, pense direito...

— Eu *estou* pensando direito! — retrucou a irmã. — É você que não está! Olha, se vamos para o lugar aonde *ela* foi, tem que ser a Jamaica. Ela nem era pirata quando morou nas Bahamas!

Estavam falando de Anne Bonny, que havia se disfarçado de homem e virado uma pirata aventureira no século XVIII. E que poderia ser um antepassado deles... ou não. Na China, Dan tinha encontrado um retrato em miniatura de uma mulher com o nome de Anne Bonny escrito no verso. Era a única dica que eles tinham para a próxima etapa da busca pelas pistas.

Amy e Dan pertenciam à família Cahill. Havia mais de quinhentos anos, os membros dessa família estavam entre as pessoas mais influentes do mundo. Cientistas como Galileu e Marie Curie, artistas e escritores como Vincent Van Gogh e Mark Twain, líderes mundiais como Napoleão e George Washington... A lista era interminável. E, pelo jeito, Anne Bonny tinha sido uma Cahill também.

No começo do século XVI, a família havia se separado em clãs, cada um transmitindo o legado de um dos filhos de Gideon e Olivia Cahill. O filho mais velho, Luke, deu origem aos Lucian: estrategistas, políticos, executivos. Katherine, ao clã Ekaterina: inovadores e inventores. Thomas, ao clã Tomas exploradores, aventureiros e atletas. E Jane, à linhagem dos Janus, povoada por artistas e visionários. Desde aquela época, as facções vinham lutando entre si, numa corrida desenfreada para desvendar o segredo que lhes permitiria se tornarem as pessoas mais poderosas do planeta.

Amy e Dan tinham entrado nessa corrida. Não que a princípio soubessem o que estavam fazendo. Quando sua querida avó Grace morreu, as cláusulas do testamento lhes forneceram uma dica que apontava para a primeira pista, então teve início uma aventura que os irmãos jamais poderiam ter imaginado.

Mas eles não estavam sozinhos. Outras equipes também estavam correndo atrás das pistas. Pessoas que fariam qualquer coisa para impedir que Amy e Dan descobrissem o segredo primeiro. Criaram explosões, desabamentos; tentaram envenená-los, afogá-los, enterrá-los vivos.

Perseguiram os dois pelo mundo: França, Áustria, Japão, Coreia do Sul, Egito, Austrália, África do Sul, China... Dan e Amy sobreviveram a tudo aquilo e encontraram várias pistas preciosas pelo caminho.

E eles ainda não sabiam o que estavam fazendo.

* * *

Agora no aeroporto de Pequim, esperavam por Nellie, sua *au pair*, que estava no guichê de câmbio.

— A Jamaica foi o último lugar onde alguém viu ou ouviu falar dela — disse Amy, que já tinha pesquisado sobre Anne Bonny na internet. — Então é por lá que a gente deveria começar a procurar.

— Mas... — Dan parou de falar, tentando desesperadamente achar um jeito de contornar o raciocínio de Amy. Ela era boa naquilo, em ver as coisas num contexto maior. Ele era mais ligado em detalhes e naquele exato momento estava muito interessado num detalhe específico sobre as Bahamas.

Amy encarou o irmão:

— Eu sei o que você está pensando, Daniel Arthur Cahill — ela anunciou numa voz dura. — Não seja ridículo. Temos de achar a próxima pista antes das outras equipes. Não temos tempo pra gastar num parque de diversões idiota.

Dan rosnou:

— "Parque de diversões idiota"? É isso o que você acha que é? Como você pode ser tão sem noção? O Oceanus é o maior parque aquático do mundo! Lá tem, tipo, cem escorregadores! E você pode nadar com golfinhos! E ver arraias e piranhas!

— Ahá! — Amy apontou para ele, triunfante. — Eu *sabia* que você estava pensando no Oceanus!

— Bom, é a última coisa em que você iria pensar — revidou Dan num tom amargo — a única pessoa no mundo que não faz ideia de como se divertir tinha que ser justo minha irmã. Não, espera, eu retiro o que disse. Sua ideia de diversão é uma biblioteca 24 horas.

Amy arregalou os olhos, magoada:

— D-Dan, isso não é j-justo — ela murmurou com sua leve gagueira vindo à tona, como sempre acontecia quando ficava chateada.

Os ombros de Dan caíram. Magoar Amy sempre o fazia se sentir mal, mas, sinceramente, às vezes ele não podia evitar.

— Olha, eu sei que você acha que não faz sentido a gente ir para as Bahamas primeiro. Mas também não temos certeza de que a pista está na Jamaica.

—Verdade — admitiu Amy.

Dan sentiu que a irmã estava amaciando e forçou o cérebro para pensar em alguma coisa convincente.

— A gente só encontrou as nossas pistas porque descobrimos um monte de outras coisas no caminho. Nos lugares "errados". Mas se a gente não tivesse ido primeiro nos lugares errados, não teria achado o que era preciso pra descobrir a pista no lugar certo.

Seu rosto agora estava meio vermelho por causa do esforço que fazia para tentar explicar seu ponto de vista.

— O que eu quero dizer é que, no fim, acabou sendo certo a gente ir para os lugares errados primeiro. *Voilá* Bahamas!

Amy caiu na gargalhada:

— Você percebe o que está dizendo? Está admitindo que tenho razão sobre a Jamaica!

Dan sorriu:

— Você fica com a sua razão e eu fico com o Oceanus. — Ele deu um soquinho no braço da irmã. — Assim fica bom pra todo mundo.

Em sua satisfação mútua, nenhum dos dois lembrou que os Kabra possuíam uma casa de veraneio nas Bahamas.

Os Kabra... A família super rica, super Lucian, liderada por Isabel Kabra, que já tinha tentando eliminar Dan e Amy da competição.

E que, anos antes, tinha assassinado os pais deles.

* * *

Nellie voltou até onde os dois estavam, balançando a cabeça no ritmo da música que tocava no seu iPod, como de costume. Certa vez, Dan tinha sugerido que ela implantasse os fones cirurgicamente, já que quase nunca os tirava dos ouvidos.

— Certo, crianças, balcão de passagens — disse Nellie. Ela concordou com a cabeça, num gesto de aprovação. — Bahamas... isso sim é lugar pra ir, parceiro! Cadeira de praia, aí vou eu!

A caminho do balcão de passagens, Nellie entrou no banheiro. Ao sair, pegou os passaportes das mãos deles.

Agora já tiravam o esquema de letra: Nellie entrava na fila para comprar as passagens e lidava com o balconista, enquanto Dan e Amy ficavam atrás dela, fingindo serem duas crianças que estavam apenas querendo fazer uma visitinha a parentes queridos em algum lugar. Escondiam a situação real: eram duas crianças que estavam o tempo todo fugindo de parentes vigaristas, assassinos e sanguinários.

— Três passagens para as Bahamas — pediu Nellie ao balconista.

Enquanto esperava, Dan conferiu as mensagens de voz no celular. Franziu a testa ao ouvir uma:

— O Hamilton ligou — disse para Amy assim que desligou.

— O que ele queria?

Dan balançou a cabeça:

— O sinal estava horrível, a mensagem estava toda cortada. Mas... — olhou em volta, desconfiado — ... de algum jeito, o pai dele já sabe para onde estamos indo.

Amy levou um susto:

— Como isso é possível? Nem a *gente* sabia para onde estava indo até, tipo, cinco minutos atrás! E a única pessoa... — Ela parou de falar, arregalando os olhos.

— Enquanto ela estava no banheiro! — exclamou Dan.

Juntos, viraram-se e olharam para as costas de Nellie, parada junto ao balcão de passagens.

* * *

Amy sentiu o coração afundar no peito. Fechou os olhos com força por um instante, lembrando outras ocasiões em que suspeitaram das atitudes de Nellie. Quando abriu os olhos de novo, viu que Dan parecia estar sentindo exatamente a mesma coisa. Havia perturbação em cada centímetro de seu rosto. Até no nariz se é que era possível.

Nos últimos meses, tinham passado mais tempo com Nellie do que com qualquer outra pessoa. *Ela é mais que uma* au pair *agora, é como uma prima,* pensou Amy. *Talvez até uma irmã mais velha. Como seria possível que ela...*

— Precisamos descobrir o que ela está tramando — disse Dan. —Vamos pressionar a Nellie no avião, ela não vai ter como fugir. Mas preciso te contar o resto da mensagem de Hamilton.

Depois de lançar mais um olhar apreensivo para Nellie, Amy se virou para o irmão.

— Então, o Eisenhower descobriu que a gente estava indo pras Bahamas — começou Dan — e o Hamilton na verdade não entendeu tudo, mas disse que o pai dele falou alguma coisa sobre um gato, e que a gente entendeu tudo errado, e que as Bahamas não são o lugar certo. Em vez disso, eles estão indo para a Carolina do Sul.

— Ele sabia do retrato? De Anne Bonny? — perguntou Amy.

— Não sei. Ele não falou nada sobre ela, só falou sobre um gato.

— Um gato? Ele estava falando do Saladin?

— Não. A ligação estava cortada e eu não entendi direito, mas com certeza não era o Saladin. Por falar nisso...

Dan tirou Saladin da gaiolinha e acariciou o gato por alguns instantes. Amy percebeu que ele ainda estava pensando em Nellie e que tinha colocado Saladin no colo em busca de um breve momento de conforto.

O gato se aninhou nos braços de Dan e ronronou. Era o único dos três que estava completamente satisfeito.

Capítulo 2

Nellie ficou de queixo caído.

— Vocês vão dar o assento da janela pra mim? — perguntou, incrédula.

Por um instante, ficou atordoada com a generosidade dos dois, mas não hesitou em aproveitar aquele raro presente. Instalou-se no assento e recostou a cabeça na janela.

Depois da decolagem, Dan esticou o braço e tirou os fones dos ouvidos de Nellie.

— Epa! — ela exclamou. — O que você está fazendo?

— Pergunta correta: O que *você* está fazendo? — retrucou Dan.

Ele arrancou o fio do iPod e manteve os fones de ouvido fora do alcance dela.

Amy pegos os fones das mãos de Dan e enrolou o fio com cuidado, longe de Nellie:

— Nellie, deixa disso — ela começou. — Nós... nós temos mesmo que conversar.

A *au pair* sentiu uma pontada de apreensão, que encobriu com um suspiro exasperado:

— Qual é o problema agora? Vocês disseram Europa, eu levei vocês pra Europa. Vocês disseram Japão, por isso eu levei vocês pra lá, e depois Egito e Rússia e... e nem sei mais pra quais outros lugares, já perdi a conta... E agora vocês disseram Bahamas, por isso estamos a caminho. Temos que conversar sobre o quê?

Dan cruzou os braços, numa expressão severa. Por um breve instante, Nellie quase quis passar a mão na cabeça dele. Com aquele rosto tão sério, de alguma maneira o menino parecia ainda mais novo.

— Pra começo de conversa — ele disse — que tal isso: você dá um jeito mágico de arranjar autorizações pra gente entrar no Tibete, quando a maioria das pessoas demora meses. Você dá um telefonema e de repente temos acesso ao único helicóptero do mundo que consegue alcançar o topo do Everest. Os Holt descobriram que estamos indo pras Bahamas quando a única pessoa que sabia era você. E na Rússia, ouvimos um recado no seu telefone, pedindo pra você "reportar a situação".

Nellie sabia que aquele momento iria chegar, mas cedo ou mais tarde. Tinha rezado, porém, para que fosse mais tarde.

Bom, lá vamos nós, pensou. Talvez pudesse distraí-los... Ela inclinou a cabeça.

— Que ótimo. Eu larguei a faculdade pra cuidar de vocês. Saí do país e parti numa corrida ensandecida pelo mundo inteiro, que aliás deixou meus pais supercontentes, muito obrigada. Até salvei a pele de vocês mais de uma vez, e é assim que me agradecem?

Amy parecia péssima. Nellie sentiu uma pontada de compaixão. Coitada. Mesmo com uma *au pair* por perto, Amy vinha carregando nas costas um peso que vários adultos não suportariam.

— Não é que a gente não confie em você, Nellie — ela afirmou. — É só que o senhor Mcintyre mandou a gente não confiar em *ninguém.* E o que o Dan falou... Você não percebe como isso parece meio suspeito pra nós?

Quando a coisa fica preta, o lance é ir ao banheiro. Nellie desafivelou o cinto de segurança.

— Se me dão licença, preciso usar o toalete.

Nenhum deles se mexeu.

— Ah — ela disse. — Então foi por isso que vocês me deixaram sentar na janela. Eu devia saber que estavam aprontando alguma coisa.

Dan se retorceu no assento para bloquear ainda mais o caminho dela.

Nellie mordeu o lábio e baixou os olhos para o colo. Os pensamentos corriam soltos na sua mente. *Aquela cláusula de sigilo no meu contrato...*

Cinquenta mil dólares de bônus se eu chegar ao fim sem contar para eles. Cinquenta mil! Mas nunca achei que as coisas fossem ficar tão complicadas... E provavelmente vão ficar muito piores antes de tudo acabar.

Ela sentiu os olhos deles penetrando em sua pele. Não seria fácil enganá-los.

A verdade, então. Mas não toda a verdade. Não vou contar para quem eu realmente trabalho. Só o suficiente para eles saírem do meu pé por enquanto.

Ela se decidiu.

— Certo — começou. — Eu não deveria fazer isso, mas não aguento mais. Vou contar tudo para vocês.

Ela apertou o botão para reclinar o encosto em todos os dois centímetros que o assento permitia.

— Espero que vocês estejam bem acomodados — ela disse — esta é uma longa história.

* * *

A sensação de Amy era de que estava caindo. Era como se alguém tivesse puxado o tapete debaixo de seus pés, tirando completamente seu equilíbrio, embora ela estivesse sentada.

Nellie, em quem eles tinham depositado toda a confiança durante aquelas semanas, não era nada do que imaginavam.

Ela não era uma universitária qualquer contratada pela tia Beatrice para trabalhar como *au pair* deles. E o tempo todo tinha enviado relatórios sobre as atividades dos dois.

Sem perceber, Amy segurou a mão de Dan. Olhou para ele e viu que seu rosto estava pálido, os lábios quase sem cor. Ele não desvencilhou a mão.

Nellie estava apenas começando:

— Foi a Grace que me contratou — ela contou — quando redigiu o testamento, deve ter adivinhado que vocês iriam atrás das pistas. E que as outras equipes teriam adultos, ou dinheiro, ou os dois. Por isso ela planejou tudo com cuidado. Queria que vocês tivessem a companhia de alguém que pudesse ajudar vocês com todas as questões da viagem, alguém que pudesse dirigir e tudo o mais. Ela me disse que vocês iriam procurar pistas e que as coisas talvez ficassem meio complicadas. Mas com certeza não contou o verdadeiro tamanho da encrenca em que eu estava me metendo!

Nellie balançou a cabeça:

— Fui entrevistada três vezes. Durante *horas...* Cara, como ela era exigente. Eu percebi que tinha chance quando contei que sabia pilotar aviões. E, quando finalmente consegui o emprego, ela falou para sua tia Beatrice que, se me demitisse, não iria ficar com nada do testamento. Sua avó era uma mulher esperta.

Dan limpou a garganta:

— Não foi à toa que você durou tanto tempo — ele disse, devagar. — Antes de você, a tia Beatrice eliminava *au pairs* como se fossem baratas ou algo assim.

— Eu juro que nunca contei nada para nenhuma das outras equipes — afirmou Nellie. — Eu conto pro Mcintyre e ele decide o que fazer com as informações. Então, tipo, isso das Bahamas? Sim, eu contei pra ele. Mas não contei pros Holt. Ele deve ter contado, e deve ter tido seus motivos, mas geralmente não me diz quais são. Tirando isso, minha única função é cuidar da segurança de vocês.

Silêncio.

— Vocês não entendem? — perguntou Nellie, parecendo um pouco desesperada. — Manter contato com o Mcintyre era parte das atribuições do emprego, desde o começo. É para isso que eles vêm me pagando esse tempo todo.

Finalmente, Amy se forçou a dizer algumas palavras.

— Esse tempo todo? — ela sussurrou. — Esse tempo todo você dedurou a gente por dinheiro?

— Não — disse Nellie com voz firme. — Eu entrei no lance pelo dinheiro. Mas agora...

Amy mal notou a frase cortada pela metade por causas das lágrimas quentes que formavam em seus olhos. Ela não conseguiria dizer exatamente o que estava sentindo. Raiva? Tristeza? Medo? Confusão?

Alternativa E: todas as anteriores.

Como podemos acreditar nela agora, se ela mentiu para nós por tanto tempo?

Amy desafivelou o cinto de segurança e ficou de pé abruptamente.

— Licença — ela disse, numa voz que esperava ser fria.

Ainda segurando os fones de ouvido de Nellie, andou até a outra ponta do avião com Dan atrás de si. Quando chegaram aos fundos, Amy afirmou, num sussurro assustado:

— De agora em diante, não vamos deixar a Nellie saber nada do que estamos fazendo.

Dan olhou fixo para ela, alarmado:

— Não podemos fazer isso, Amy! Precisamos... Tipo, sem ela... — Ele estava desesperado, em busca das palavras certas. — Ela ainda tem que servir de motorista pra gente e... e tudo. O que vamos fazer?

A expressão abalada em seu rosto falava mais que as palavras. O que ele realmente estava dizendo era: *Estamos enfrentando vigaristas, ladrões e assassinos! Somos apenas crianças... Não podemos fazer isso sozinhos!*

Ela engoliu o próprio pânico e tentou falar com calma:

— Vamos ter que dançar conforme a música. Tipo, podemos contar pra ela aonde vamos, mas sem dizer o que vamos fazer quando chegarmos lá, entende?

— Ok — ele concordou após uma longa pausa. — Damos um jeito conforme for rolando, certo?

Amy enxugou os olhos com a manga da blusa. Ainda estava transtornada, mas ficar ali com Dan havia fortalecido um pouco sua coragem. Pelo menos temos um ao outro...

— Certo — falou na voz mais normal que conseguiu.

Normal. Amy nem sabia mais o que essa palavra significava.

Capítulo 3

Com ou sem uma *au pair* traidora, Dan estava pronto.

Ele estava no Oceanus, e nada iria impedi-lo de conhecer o parque aquático.

— Por que as meninas são assim? Por que tanta demora?

Dan estava de calção de banho, com uma mão na maçaneta da porta enquanto observava Amy e Nellie fuçarem na bagagem. Os três mal haviam trocado meia dúzia de palavras desde a conversa no avião.

Dan tinha passado o resto da viagem com os pensamentos girando. Tentou fazer mentalmente uma lista de tudo o que havia acontecido com eles enquanto Nellie estava por perto. Não era fácil, pois ela esteve por perto quase o tempo todo. E, somando tudo – das ruas de Paris, passando pelo Outback australiano, até o topo do Everest – Nellie tinha mais ajudado do que atrapalhado.

Todos aqueles quartos de hotel... Às vezes, Nellie ficava no mesmo quarto que eles; em outras, tinha seu próprio. Sem dúvida, devia ter tido diversas chances de manter contato com McIntyre e bolar um esquema para

traí-los. Mas por que demorar tanto? Se ela estava aliada aos inimigos, por que não tinha se livrado deles o mais rápido possível?

Aquilo simplesmente não fazia sentido. E Dan havia passado tempo suficiente na busca pelas pistas para saber o que significava.

Encrenca.

Mas, por enquanto, ele tinha decidido fazer o possível para tirar o problema da cabeça.

— Vamos LOGO! — falou em voz alta, se sacudindo de impaciência.

— Primeiro, o protetor solar — disse Nellie, jogando um tubo para ele.

Dan largou a toalha na cama. Passou um pouco da loção nos braços, barriga e peito, depois esfregou as mãos meladas na parte da frente das pernas.

— Pronto. Ok?

— Não, não está ok — respondeu Nellie — as costas, o pescoço e a parte de trás das pernas também. E as orelhas.

— Eu passo nas suas costas — disse Amy depressa.

Dan lançou um olhar para ela. Ficou claro que Amy não queria que Nellie participasse da vida deles mais que o estritamente necessário... Nem mesmo para passar protetor solar.

— Eu consigo fazer isso sozinho — ele respondeu e fez um serviço ainda pior nas costas do que tinha feito na frente. Depois pegou a toalha — não vou esperar mais... Vou sem vocês.

Ele viu Nellie revirar os olhos:

— Me encontre nessa tal Enseada dos Golfinhos às... — ela olhou de relance para o relógio — ... Duas horas. E não perca a noção do tempo. Estou cheia de entrar em pânico quando não consigo encontrar vocês!

Ele já tinha saído do quarto antes de ela terminar de falar.

* * *

Dan pagou a entrada do parque aquático e recebeu uma pulseira de borracha. Primeira parada: os tobogãs do palácio do Sol. Um dos escorregadores parecia quase perpendicular! Ele desceu seguindo as instruções dos funcionários do parque: tornozelos cruzados, braços cruzados no peito.

Aquilo foi de tirar o fôlego! Literalmente. A água espirrava na sua cara e jorrava nariz acima. Quando caiu no fundo da piscina, ele estava engasgado, tossindo e cuspindo água. Foi incrível.

Durante duas horas, Dan correu pelo parque aquático. Não conseguia decidir se experimentava cada um dos brinquedos ou se ia várias vezes naqueles de que tinha gostado. Talvez fosse sua única chance. Não haveria tempo nenhum para se divertir depois que eles retomassem a busca pelas pistas.

A ideia fez Dan se sentir um pouquinho culpado. A caminho do próximo brinquedo, passou alguns minutos fuçando nos arbustos, procurando um gato. Não era um gato qualquer... Era um tal de *calito cat*. Era isso que Hamilton tinha dito.

Depois, ele viu uma placa informando que no parque não eram permitidos bichos de estimação. Isso queria dizer, é claro, que a busca do gato teria que acontecer fora do parque. Quantos gatos viveriam nas Bahamas? Como eles iriam encontrar o gato certo?

Mas o brinquedo seguinte afastou qualquer pensamento sobre gatos da sua mente. Ele montou numa boia e desceu por um escorregador íngreme. A descida se nivelou e o levou para dentro de um longo túnel. Mas não era um túnel de escorregador normal. Aquele era feito de vidro transparente e atravessava um tanque de tubarões. Os tubarões chegavam muito perto. Se o vidro não estivesse ali, Dan poderia ter encostado nele!

— Foi legal DEMAIS — ele contou para Amy quando os três se encontraram.

Ele só estava sete minutos atrasado.

— Ah, isto aqui é muito mais legal — disse Nellie.

Ela levantou uma sacola cheia de frutas e legumes de aspecto estranho.

Amy desviou o olhar e Dan captou a dica, ignorando Nellie. Mas Nellie não desistiu:

— Vocês deviam ter visto o monte de coisas que tem no mercado — ela disse — Bananas-da-terra, jacas, frutas-do-conde... Eu comprei tipo, um de cada!

Ela tirou da sacola um punhado de castanhas escuras, cobertas por algo que parecia tentáculos vermelhos.

— Nozes-moscadas inteiras. Esse negócio vermelho chama macis. É quase impossível achar isso nos Estados Unidos. É muito melhor para cozinhar do que aquele pozinho. Cheirem.

Ela estendeu a mão para Dan, que se afastou na mesma hora.

— Não, valeu — ele agradeceu — isso aí parece cocô de cachorro. Cocô de grife, tipo de um cachorrinho em miniatura num desfile chique.

Nellie pôs as nozes-moscadas de volta na sacola.

— Nem sei por que me dou ao trabalho — resmungou ela.

— Espera só até ouvir isso — disse Dan — quando eu estava na fila, algumas pessoas falaram que uma vez um tubarão pulou para fora do tanque e caiu no escorregador, você acredita? Daí ele escorregou e foi parar na piscina!

Amy sentiu um calafrio e Dan sabia que ela estava se lembrando da Austrália, onde tivera experiências com tubarões o suficiente para uma vida inteira.

— Alguém se machucou? — ela perguntou, aflita.

Dan encolheu os ombros:

— Não. Aconteceu quando o parque ainda estava fechado — depois disse meio desanimado — mas o tubarão morreu por causa do cloro da água.

— Coitado do tubarão — comentou Nellie.

— Queria estar lá! — exclamou Dan. — Pensa só, eu poderia ter nadado com um tubarão!

Amy sentiu um nó na garganta, uma mistura de medo e aversão.

— Podemos mudar de assunto? — ela pediu. Então olhou feio para Nellie. — Se você nos dá licença...

Nellie colocou os óculos de sol e deu de ombros. Amy arrastou Dan alguns metros para longe, depois mostrou um folheto.

— Uau. Um folheto — Dan comentou, imitando um bocejo.

— Escuta isso. É o passeio do Jolly Codger para a Enseada dos Piratas. Você vai de barco pras ilhas menores.

Ela abriu o folheto e leu em voz alta:

— *... ilhas que sabidamente foram frequentadas por piratas famosos como Henry Morgan, Barba Negra e...* — ela fez uma pausa dramática — ... Jack Rackham!

— Uhu. Superfamoso, esse pirata.

— Como assim? É o Jack Rackham! — Amy insistiu. — A pirata Anne Bonny se uniu a ele. Se nós procurarmos nos lugares onde ele esteve, talvez achemos alguma coisa!

Dan pegou o folheto da mão dela e passou os olhos pelas páginas.

— Escuta essa parte — ele leu. — *Venha cavar e procurar tesouros enterrados! Uso de detectores de metal e pás inclusos no preço.* — Então ele abaixou a cabeça. — Peraí, tem um asterisco que diz: *As moedas desenterradas no passeio podem ser trocadas em qualquer loja de presentes do resort.*

Ele deu um grunhido.

— Tesouro falso — concluiu com desgosto. — Se eles querem um desafio de verdade, deveriam tentar procurar pistas.

Amy reprimiu um sorriso. Tinha quase certeza de que, não muito tempo atrás, Dan estaria cavando em buscas de moedas.

Eles voltaram até onde Nellie estava.

— Nós vamos fazer um passeio — informou Amy — não precisa ir com a gente... Voltamos daqui umas duas horas.

— Que tipo de passeio? — perguntou Nellie.

— Isso importa? — retrucou Amy.

— Sim, na verdade, importa — respondeu Nellie — Amy, quer você goste ou não, ainda sou sua *au pair*. Você está sob minha responsabilidade. Isso significa que eu posso perguntar que tipo de passeio é esse, e você tem de responder. Se não responder...

Ela parou de falar e encolheu os ombros. Era fácil descobrir o que aquele gesto queria dizer: de volta para a tia Beatrice.

Dan sussurrou no ouvido de Amy:

— Lembra do que nós falamos? Podemos contar pra ela onde estamos indo, mas não contamos o que vamos fazer lá.

Amy concordou com a cabeça e depois olhou para Nellie:

— Certo. Vamos ao passeio de barco do Jolly Codger.

— Um passeio de barco — repetiu Nellie — tipo, mar aberto?

— Hã, sim.

— Então eu vou junto. E vocês também não têm escolha quanto a isso.

Amy cerrou os punhos, lutando para manter a expressão do rosto neutra. Ela estava se forçando a agir com frieza para não cair no choro. A verdade era que, desde o momento da revelação de Nellie no avião, Amy já tinha sentido vontade de chorar uma dúzia de vezes.

Nellie não ganharia nenhum premio na Olimpíada de *au pair*, se essa competição existisse. Às vezes era descuidada, dirigia que nem louca e deixava os dois comerem tranqueira demais. Mas sempre os apoiara e só agora Amy estava se dando conta do quanto havia passado a depender da presença dela.

Dan encostou-se ao braço da irmã.

— Vamos — ele chamou.

Os dois viraram as costas para Nellie e foram correndo pelo caminho que levava à marina.

Nellie foi atrás. Eles não perceberam que ela se virou para olhar de relance um homem escondido atrás de arbustos de primaveras.

O homem acenou com a cabeça e Nellie retribuiu o gesto.

* * *

Junto com uma dúzia de outros turistas, o trio embarcou num grande catamarã chamado Jolly Codger. Seguindo as instruções da tripulação, eles se sentaram próximos à beirada da embarcação. Amy fez questão de que ela e Dan ficassem a vários metros de Nellie.

Era um lindo dia, com uma brisa forte o bastante apenas para encher as velas e impedir que o sol parecesse quente demais. Amy olhou para o mar. Antes, quando via fotos do mar do Caribe, pensava sempre que deviam ter sido retocadas, que não era possível a água ser daquele azul tão deslumbrante. Estava enganada. A água realmente era incrível.

Ela pensou em diferentes nomes para os tons de azul: anil, turquesa, marinho, cerúleo. Nenhum deles era o certo para a cor do oceano que ela via. Era preciso um nome próprio, um que ainda não tinha sido inventado. Uma combinação de todos esses azuis.

Anil mais turquesa... An-tur...

— An-tur-mar-úleo — ela murmurou.

Ficou contente, parecia o nome de uma cor sofisticada. Se usasse, aquilo podia pegar e virar uma palavra verdade algum dia.

— Anturmarúleo — ela repetiu.

— Do que você está falando? — perguntou Dan.

— Nada — respondeu Amy, ficando vermelha.

Naquele momento, o imediato do barco gritou: "*Ahoy*, amigos!". Era um rapaz em forma, vestindo bermuda e uma camiseta regata que exibia seus bíceps perfeitos. Nellie se endireitou no assento e, para o espanto de Amy chegou a tirar os fones de ouvido.

— Vou contar um pouco sobre o lugar aonde estamos indo hoje — ele disse. Seu sotaque era meio cantado e parecia combinar perfeitamente com seu sorriso e gestos descontraídos. — Espero que se divirtam bastante... talvez até já estejam se divertindo!

Os turistas confirmaram com a cabeça e sorriram.

— Em breve faremos nossa primeira parada. É uma ilhota chamada Boucan. Boucan é uma velha palavra francesa. Um boucan era um tipo de grelha usada para preparar carne. Quando os navegadores europeus chegavam às nossas ilhas, assavam a carne num boucan. Por isso os franceses começaram a chamar esses marinheiros de "*boucaniers*".

— Bucaneiros! — exclamou Amy.

— Isso mesmo — ele concordou. — Vejo que temos uma moça muito esperta ali.

O imediato continuou a falar:

— Por muito tempo, as Bahamas foram um refúgio de piratas. O capitão Kidd aportava na ilha Exuma, não longe daqui. E tinha também Barba Negra, talvez o pirata mais famoso de todos... Seu nome verdadeiro era Edward Teach. Ele visitava as Bahamas com frequência.

Amy limpou a garganta:

— Calico Jack também esteve aqui, não esteve?

— Sim, mocinha, Jack Rackham também. Todo mundo adora as Bahamas! — ele brincou. — Sabem a famosa bandeira com a caveira e os ossos cruzados? Alguns dizem que Jack Rackham foi o primeiro a usá-la.

Amy cutucou Dan:

— Jack Rackham! — ela sussurrou, num tom ardente.

* * *

O catamarã lançou âncora numa bela e pequena enseada. A tripulação carregou o equipamento num bote de borracha a motor. Os demais pularam do barco e nadaram até a praia.

Uma vez em terra firme, a maioria das crianças pegou detectores de metal para procurar o "tesouro escondido". Alguns turistas vestiram roupas de mergulho enquanto outros, inclusive Nellie, estenderam as toalhas na areia, preparando-se para o bronzeado perfeito. Nellie logo ficou à vontade, de óculos escuros e fones de ouvido muito bem instalados.

— Mocinha! — O imediato acenou para Amy. — E você também, rapaz. Tenho uma coisa para vocês.

— Pra nós? — perguntou Amy.

Eles caminharam até o lugar onde o homem estava trabalhando, descarregando o bote.

O imediato enfiou a mão num dos bolsos da bermuda:

— Um amigo de vocês veio me procurar antes de partimos. Pediu que eu desse isso a vocês quando chegássemos à ilha.

Ele entregou para Amy uma folha de papel dobrada.

— Um amigo? — repetiu Dan. — Ele disse o nome?

— Desculpe — respondeu o imediato, fazendo que não com a cabeça.

— Como ele era?

O imediato franziu a testa um pouco, tentando lembrar.

— Era um senhor mais velho. Vestia uma camisa cinza, eu acho.

— Ele era asiático? — perguntou Dan.

Amy sabia exatamente o que passava na cabeça de Dan, pois estava pensando a mesma coisa: teria sido Alistair Oh? Ou quem sabe até o tio Bae?

— Infelizmente, não vi o rosto dele direito. Ele estava de chapéu e de óculos escuro, também. Sinto muito. — Ele sorriu. — Vocês vão querer equipamentos de mergulho?

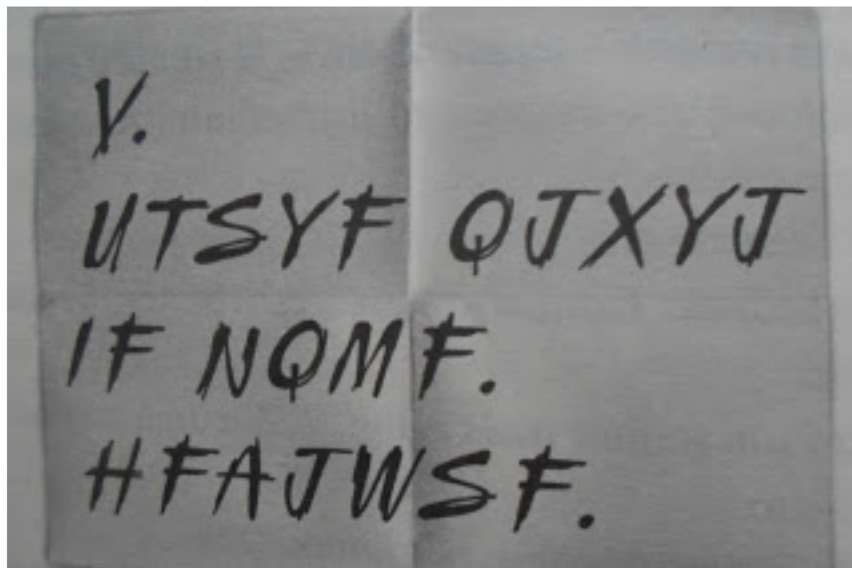
— Por enquanto não, obrigada — respondeu Amy.

— Na verdade, vamos — Dan contradisse a irmã. Pegou uma máscara com *snorkel* para si e entregou outra a ela sussurrando: — Só para garantir.

O homem acenou para eles, simpático. Ele fez um gesto na direção de Nellie:

— Falem para sua amiga mudar a toalha de lugar se não quiser se molhar. A maré vai subir daqui a pouco.

Amy e Dan se afastaram dos outros turistas, rumo a um lado da enseada onde havia pedras para sentar. Com Dan espiando por cima do ombro dela, Amy desdobrou a folha de papel.



— Está em código — resmungou Dan — por que sempre tem que ser tão difícil? Por que a gente não consegue o que precisa logo de cara, pra variar?

Amy deu um suspiro.

— Nem sabemos se a dica vai ser boa ou ruim.

Dicas misteriosas como aquela já tinham surgido antes. Algumas haviam sido úteis, mas outras os tinham conduzido direto para armadilhas.

— Seja como for, a gente precisa decifrar — comentou Dan.

— Vamos começar — disse Amy — primeira letra, V. V de vitória? Que outras palavras começam com V? Vegetal, voto...

— Ahã. Uma pessoa mandou esse bilhete para desejar nossa vitória. É um voto de boa sorte. A gente só precisa comer mais vegetais.

— Muito engraçado — ela reclamou — pelo menos estou tentando.

— Assim a gente nunca vai conseguir — disse Dan — na base do chute é aleatório demais. Deve ter algum tipo de padrão que se repete.

Amy ficou encabulada:

— Você tem razão. Desculpa, foi burrice da minha parte.

Dan ergueu as sobrancelhas, surpreso pelo pedido de desculpas.

— Certo, deixa eu pensar um minuto. — ele ficou alguns instantes olhando para o papel, depois voltou a falar: — E se cada letra representar uma letra diferente, que nem o código que achamos na África do Sul?

O rosto de Amy se iluminou:

— É mesmo. Está vendo que o V está sozinho? Só pode representar A, E ou O, as únicas palavras que têm apenas uma letra.

— A gente nem sabe em que língua está escrito — resmungou Dan — provavelmente é alguma língua com centenas de palavras de uma letra só.

Amy discordou com a cabeça:

— Deve ser uma que a gente entenda — ela disse — alguém quer que a gente leia isso. Não faz sentido ser uma língua que não possamos decifrar.

— Mas olha: o V tem um ponto-final. “A, ponto-final.” Ou “E, ponto-final.” Ou então “O, ponto-final.” Nada disso faz sentido.

Amy suspirou.

— Então voltamos a chutar?

— Não, espera. E se o V não for uma letra? E se... — Dan fez uma pausa. Seus olhos começaram a brilhar. — E se for um número?

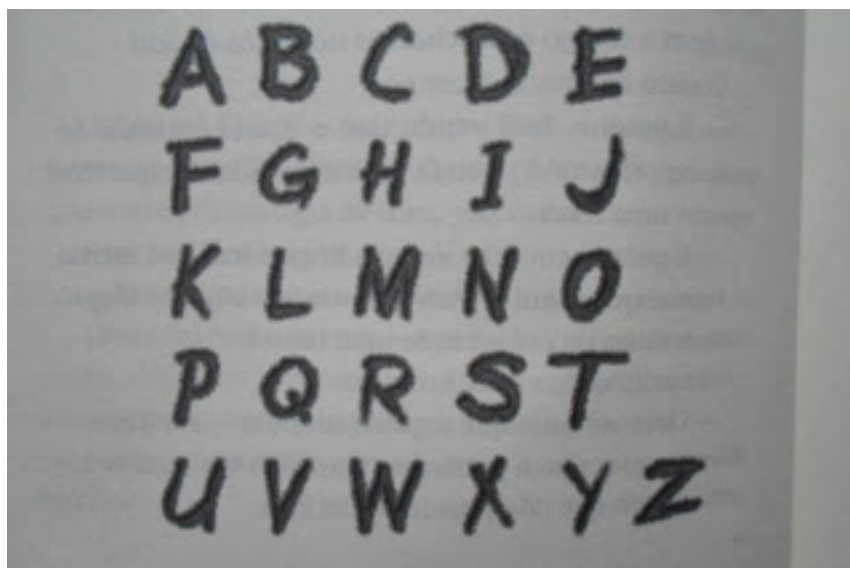
— Um número? — repetiu Amy.

Ela franziu a testa. Dan estava quase tendo convulsões de entusiasmo, mas parou um instante para Amy descobrir sozinha.

— OH! — ela exclamou. — Números romanos... É o número 5!

Dan pulou de cima da pedra. Achou um graveto e começou a escrever na areia úmida.

— Cinco — ele disse enquanto traçava as letras. — Esse é o segredo.



— Agora nós pegamos cada letra e contamos cinco. Isso deve funcionar! Qual é a primeira palavra?

Amy leu em voz alta.

— U-T-S-Y-F.

— Peraí, mais devagar. U... Isso é um Z... — Dan escreveu outra vez na areia. — Z... Depois T, que é um Y... S é X... Y é D... F é K.

Ele ficou olhando para as letras.

— ZYXDK? Isso não é uma palavra. — Irritado, chutou a areia para apagar o que tinha acabado de escrever. — Eu tinha tanta certeza de que havia descoberto.

Enquanto isso, Amy ainda estava sentada na pedra. Dan escrevera o alfabeto de modo que ela o lia de ponta-cabeça.

— Espera um instante.

Ela alternou o olhar entre o papel na mão e o alfabeto no areia, às vezes inclinando para ler as letras invertidas.

Então olhou para Dan.

— Você descobriu mesmo — ela concluiu.

— Hã? — Ele parou com o pé no ar, prestes a pisar em tudo.

— É só ir no outro sentido — ela disse. — Contar pra trás.

Amy pulou de cima da pedra e foi para perto dele, lendo o que estava no papel enquanto Dan contava as letras correspondentes e as escrevia na areia.

Não demorou muito. Eles olharam para a mensagem completa.

— Oh, não — suspirou Amy, ao mesmo tempo em que Dan disse:

— Legal!

Capítulo 4

Fazia mais de uma semana que Natalie Kabra tinha pesadelos.

O mesmo sonho todas as noites, com nitidez perfeita e riqueza de detalhes: Amy Cahill e o irmão dela, Dan – com seus cabelos desgrenhados como se jamais tivessem visto um cabeleireiro – amarrados a cadeiras num hangar, indecisos enquanto a hélice de um avião chegava cada vez mais perto.

Mas não havia som.

A boca dos dois estava escancarada, gritando, e a hélice girava em velocidade máxima. No entanto, o silêncio era completo, como se alguém tivesse apertado o botão MUDO de um controle remoto.

No sonho, Natalie estava de pé ao lado deles. Não estava amarrada a uma cadeira, mas também não conseguia se mexer: estava congelada no lugar. Podia ver Ian do lado da mãe, com o rosto pálido de medo. A hélice atingiria Dan primeiro, depois Amy, e depois...

O som então voltava, altíssimo.

Mas ainda não era o barulho da hélice nem gritos. Era outro som.

Risadas.

Aquilo sempre tirava Natalie do sono. Ela acordava instantaneamente, com o coração batendo forte e encharcada de suor. Acendia imediatamente o abajur. Precisava se convencer de que estava em seu próprio quarto, cada centímetro dele projetado pelo mesmo decorador da família real britânica. Nas paredes, os quadros que ela já conhecia (originais, é claro). Sua escrivaninha e cadeiras feitas sob encomenda nas posições de sempre. Seu modelito perfeito de alta-costura, escolhido para o dia seguinte, pendurado na porta do *closet.* Apesar dessas garantias, ela demorava muito tempo para dormir outra vez.

E, na manhã seguinte, o sonho sempre parecia bobo, como tantas vezes acontece com os pesadelos. O horror se dissipava e Natalie imaginava que suas lembranças eram equivocadas, que não estava junto de Dan e Amy, mas em seu lugar de direito, ao lado da mãe e do irmão.

Sim. Ela era, afinal, uma Kabra. A melhor de todas as espécies de Cahill. Nenhum dos outros se comparava a eles, muito menos a Dan e Amy.

A ideia seria risível se não fosse tão patética.

* * *

Ponta leste da ilha.
Caverna.

Amy e Dan olhavam fixo para a mensagem decodificada, desenhada na areia.

— Outra vez, não — Amy disse, assustada.

Dan estalou os dedos:

— Talvez haja gatos morando na caverna!

— Bom, se houver, aposto que não são gatinhos domésticos e bonzinhos — observou Amy. — Tigres e… e panteras. São esses tipos de gatos que moram em cavernas.

— Não tem tigres no Caribe — argumentou Dan. — E um gato sem dono pode morar numa caverna.

Amy olhou em volta depressa:

— Apague isso — ela disse.

Dan fez o que Amy pediu e a água colaborou, lavando algumas das letras.

Eles andaram de volta até onde Nellie estava tomando sol, para pegar as mochilas.

— Aonde vocês estão indo? — ela perguntou, erguendo-se em um dos cotovelos.

— Numa c… — Dan começou a dizer.

— Dar uma volta — Amy falou em voz alta, interrompendo o irmão.

— Eu vou com vocês — Nellie disse e ficou sentada.

— Não, valeu — agradeceu Amy.

Nellie pôs os óculos escuros no topo da cabeça:

— Amy, me poupe — ela retrucou — o que quer que você pense de mim agora, tem de me dar crédito em um ponto: eu sempre fiz o melhor pra manter vocês dois em segurança.

Amy hesitou. Cavernas podiam ser perigosas. Se alguma coisa acontecesse…

Possível perigo ou possível traidora, o que era pior? Mas uma vez, a busca pelas pistas obrigava Amy a fazer escolhas que ela nunca imaginara ter de enfrentar.

— Pode vir com a gente — ela disse para Nellie — vamos numa caverna. Mas quando chegarmos lá, nós dois entramos sozinhos, entendeu?

Assim, se achassem alguma coisa lá dentro, podiam mantê-la em segredo de Nellie.

Nellie pareceu magoada por um breve instante, depois voltou a colocar os óculos escuros no rosto.

— Beleza — ela respondeu com voz neutra.

Eles começaram a andar na direção leste. Ao passarem pelo imediato, Nellie perguntou se podia pegar uma corda emprestada.

— Sem problema — disse o imediato — pra que vocês precisam dela?

— Hã, estamos pensando em brincar de cabo de guerra — improvisou Dan.

O homem deu risada e entregou a corda para Nellie, que a jogou sobre o ombro.

— Caverna. Corda. Boa ideia — Amy murmurou, porém não alto o bastante para que Nellie ouvisse.

A ilha era minúscula; eles levaram apenas dez minutos para alcançar a ponta leste. Deixaram para trás a curva de areia dourada e caminharam ao longo de formações rochosas que mergulhavam no mar. O mar *anturmarúleo*, pensou Amy. *Muito poético.*

— As pedras terminaram, a caverna deve estar aqui perto em algum lugar — disse Dan, apontando para a área à frente deles.

Eles passaram um tempo andando para frente e para trás, mas não encontraram nada que se parecesse com a entrada de uma caverna.

— Vamos ter que nadar — concluiu Dan — a entrada deve ser virada pro mar.

Ele tirou a camiseta e a jogou na areia, junto com a mochila, de onde tirou uma lanterna. A experiência tinha ensinado aos irmãos Cahill que uma lanterna muitas vezes ajudava bastante na hora de procurar pistas. Então Dan foi abrindo caminho entre as pedras e se sentou na beirada de uma delas. Depois de vestir a máscara e *snorkel,* ele se jogou na água.

Amy e Nellie foram atrás, com mais cuidado. A água batia apenas nos quadris e estava morna. Pedras despontavam do fundo arenoso e pareciam arquitetadas para torcer tornozelos.

— Aqui! — Dan chamou.

Ele estava parado diante de um grupo de formações rochosas maiores, que bloqueava a visão da praia onde estiveram antes. A caverna ficava numa depressão natural. Da beira d’ água, as pedras não pareciam mais altas que Dan, mas o fundo do mar declinava ali. As rochas eram mais altas que Nellie e a água batia na cintura de Dan.

As meninas se juntaram a ele. A abertura da caverna era um pouco mais larga que uma pessoa, mas não o suficiente para duas passarem, e apenas alta o bastante para Nellie entrar sem se agachar. Dan pegou uma pedra e arremessou dentro da abertura.

A pedra só fez barulho ao cair na água, o que significava que não tinha atingido uma parede.

— A caverna é bem profunda — ele concluiu.

— Tcharã! — disse Nellie, tirando a corda do ombro e a segurando no alto.

Eles se amarraram uns aos outros: uma ponta da corda em volta da cintura de Dan, uns dois metros de distância entre ele e Amy, e Nellie segurando a outra ponta.

— Se vocês não voltarem em 15 minutos, eu entro atrás de vocês — informou Nellie.

Dan já estava dentro da caverna.

— Aqui, gatinho, vem cá — ele chamou. — Miau? Tem alguém aí?

— Espere — pediu Amy. Ela se virou de volta para Nellie. — Vamos puxar duas vezes se… se precisarmos que você entre antes disso.

Nellie concordou com a cabeça. Apoiou-se numa pedra a uns poucos metros de distância da entrada e começou a amarrar a corda ao redor da cintura.

Amy deu alguns passos na água, depois parou outra vez. Mais um passo e ela estaria totalmente imersa na penumbra da caverna. Olhou em volta, com cuidado. Uma vez, quando estavam dentro de uma tumba, eles passaram batido por uma dica importante que estava bem na escada por onde entraram. Ela não queria cometer o mesmo erro outra vez.

— Dan! — ela exclamou, numa voz baixa porém urgente.

Ela estava olhando para a parede logo acima da entrada da caverna. Observava uma figura rústica entalhada na pedra: a metade de cima de um urso, sua cabeça e as patas da frente, com suas garras ferozes.

O símbolo do clã dos Tomas.

* * *

Nellie teve o cuidado de amarrar a corda ao redor da cintura com um nó bem firme. As coisas pareciam bastante tranquilas, mas, com aqueles dois, a tranquilidade nunca parecia durar muito… Segurou o resto da corda na mão e a observou se desenrolar aos poucos. Antes de atingir todo o seu comprimento, a corda parou de se mexer. Isso significativa que Dan e Amy tinham parado de se mexer, também. O que era bom, pois talvez saíssem logo.

Nellie lançou um olhar tristonho para a mochila que ela tinha deixado na praia antes de entrar na água. Seu iPod estava lá dentro. Não havia música em seus ouvidos, mas sempre havia música em sua cabeça. Ela se encostou na pedra atrás de si e começou a cantarolar.

— Senhorita Gomez.

Nellie quase caiu dentro da água. Equilibrou-se bem a tempo e plantou os pés o mais firme que pôde na areia instável.

Ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Baixa, rouca, como se quase nunca fosse usada… com o coração batendo forte, ela olhou para a direita e lá, parado nas rochas entre ela e a praia, estava o homem de preto.

Tirando o fato de que, agora, ele era o homem de cinza. Vestia uma camisa cinza de mangas compridas, uma calça cinza e um chapéu de pescador cinza que lhe cobria a testa. Até seus óculos escuros eram cinza.

Nellie endireitou os ombros, encarou o homem e levantou o queixo, num gesto de desafio.

— Cara — ela disse. — Queria que só uma vez você não me assustasse desse jeito.

* * *

O homem de preto (agora de cinza) olhou de relance para a abertura da caverna.

— Não fale tão alto — pediu com sua voz rouca.

Nellie deu de ombros. Sempre ficava nervosa quando ele estava por perto. Agora tentava encobrir isso fingindo um tom despreocupado:

— Eu vou saber quando eles estiverem voltando — ela retrucou. — A corda vai se mexer.

Ela examinou o homem de cima a baixo.

— Ouvi dizer que cinza está super na moda este ano.

— Meus trajes costumeiros chamariam muita atenção neste cenário — ele disse. — Porém, isso não é importante. Sua mensagem dizia que você tem novidades.

— Pois é — ela comentou. — Tive de contar para eles que trabalhou pro McIntyre.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Que inconveniente — ele respondeu por fim.

A frieza da voz do homem arrepiou os pelos da nuca de Nellie. *Não deixe ele perceber que está te intimidando*, ela pensou.

— Pra você é fácil falar — ela disse. — Você fica seguindo na surdina, sempre escondido e nunca fala com eles. Eu tenho que viver com eles! Você não faz ideia de como é difícil…

O homem levantou a mão:

— Seus esforços são reconhecidos.

Ela deu uma fungada:

— Bom, agora eles não confiam mais em mim. Pelo menos isso vai facilitar algumas coisas. Eles não vão ficar desconfiados se me pegarem me comunicando com o McIntyre. E eu não falei nada sobre você nem… nem mais nada. Por isso, tecnicamente, as cláusulas do meu contrato ainda estão intactas.

Ela ficou contente com o som da última frase; vinha ensaiando aquilo na cabeça.

— De acordo — ele respondeu. — Confio em você para que não haja mais infrações. Também parece que eles decifraram a última mensagem. Você os ajudou?

— De jeito nenhum. Eu falei que eles não confiam mais em mim. Principalmente a Amy. Eles não me contaram nada a respeito.

O homem se debruçou na direção dela e baixou a voz ainda mais:

— Certamente não preciso lembrá-la de como esses próximos dias serão cruciais. Os Madrigal estão bastante ansiosos para dar a cartada final.

Nellie quase engasgou com a onda de culpa que brotou dentro dela. Como posso fazer isso com essas crianças?

Você precisa, respondeu outra parte dela. *Não pode desistir agora. Não é só pelo dinheiro e você sabe disso.*

— Você não pode dar mais um tempinho pra eles? — ela implorou. — São só duas crianças!

O homem negou com a cabeça:

— Há muitas coisas em jogo.

Nellie estremeceu e sentiu um calafrio subindo pela espinha. Então percebeu que não era só a conversa que estava provocando aquela sensação. A maré tinha subindo enquanto eles conversavam e a água agora batia na sua cintura. Ela olhou para a entrada da caverna. Havia menos de um metro de espaço acima do nível da água.

— Eles não podem ficar ali dentro muito mais tempo — disse Nellie.

Ela soltou um palavrão ao perceber que, embora dois puxões na corda significassem que Nellie devia *entrar* na caverna, eles não tinham combinado um sinal querendo dizer que os dois precisavam *sair.*

— Melhor eu conferir… — Nellie se virou para olhar o homem de cinza outra vez.

Ele tinha sumido.

Capítulo 5

Não estava um breu *total* dentro da caverna. Um tom mais claro de preto, se é que aquilo era possível.

Dan estava guiando o caminho. A luz que vinha da entrada e o facho da lanterna mostravam que as paredes e o teto eram esburacados e pontudos. Dan parava a cada um ou dois passos para iluminar tudo em volta.

O avanço era lento. Depois de cerca de vinte passos cuidadosos, Dan alcançou o fim da caverna.

— Acabou — ele disse — não vai mais longe que isso.

Eles agora sabiam que a caverna não era muito grande, talvez quatro metros de largura por nove de comprimento, estreitando na direção da entrada e do teto. Não havia ramificações e também nenhum nicho ou reentrância nas paredes de pedra.

— A gente deve ter deixado passar alguma coisa — ponderou Amy.

— Como você sabe que estamos no lugar certo? Talvez tenha outra caverna em algum lugar por aqui.

— Com o brasão dos Tomas na entrada?

— Bom, não tem nenhum gato aqui, com certeza — ele comentou.

— Agora vamos andar pelas beiradas — sugeriu Amy.

Eles viraram à direita e avançaram devagar, seguindo a lateral da caverna.

Dan encostou timidamente na parede. Era áspera, talvez de granito. A água batia em todas as paredes, mas não eram ondas grandes, era apenas marola. Cada pequena ondulação trazia a água quase até a altura do peito.

Altura do peito?

— A maré! — ele exclamou. — Está subindo!

— Então é melhor a gente achar isso logo — respondeu Amy com gravidade.

Eles deram mais dois passos à direita. Dan iluminou a parede lateral com a lanterna.

— Não tão rápido — pediu Amy. — Ilumine, tipo, uns trinta centímetros por vez.

Eles esquadrinharam lentamente aquela seção da parede. Dan olhava a água de relance, aflito. Foi então que se deu conta: eles só estavam procurando acima do nível da água!

— Oh, não — ele suspirou, apontando o facho da lanterna para dentro da água — e se estiver em algum lugar lá embaixo?

Amy grunhiu:

— Vamos ter que voltar quando a maré tiver baixado totalmente. Talvez a gente pudesse ficar meio que vigiando a caverna até a maré baixar. A Nellie podia voltar pro barco e avisar que vamos ficar aqui...

Dan mal ouviu a irmã.

— Aqui — ele disse, entregando a lanterna para ela. — Mire a luz bem lá embaixo.

Ele apontou o facho de luz para o ponto onde a parede da caverna se juntava no fundo do mar. Não era uma junção certinha, em ângulo reto, como num cômodo de uma casa; havia pedras de todos os tamanhos despontando tanto da areia como da própria parede.

Na verdade, ele não tinha visto nada. Estava tão escuro, com a água em movimento e o facho da lanterna oscilando... Mas quem sabe ele tinha visto alguma coisa? Embora não com nitidez ou por tempo bastante para que seu cérebro a reconhecesse.

Ele ajustou a máscara e o *snorkel*, respirou fundo e mergulhou. Debruçado, meio nadando, meio engatinhando, começou a tatear as pedras do fundo, tentando lembrar o que tinha visto ou achava ter visto. Ali mesmo? Ou mais perto da parede?

Ele veio à tona e cuspiu fora o bocal do *snorkel*.

— Você não pode segurar a luz mais firme? — ele pediu. — Está dançando tanto que eu não consigo enxergar nada direito.

— Eu estou segurando firme — ela respondeu. — São as ondas. A luz fica refletida.

— Refratada — ele corrigiu.

— Tanto faz. Dan, vai ser perigoso continuar aqui por muito mais tempo.

O nível da água já tinha alcançado o peito de Amy. Isso significava que estava batendo quase no pescoço de Dan.

Ele sabia que ela tinha razão.

— Vou descer mais uma ou duas vezes — ele disse. — Acho...

Mas Dan não terminou a frase. Talvez aquilo desse azar. Ele fixou novamente o *snorkel* no lugar e voltou para debaixo da água.

Pedra. Pedra maior. Pedra. Ele tocava cada uma com as pontas dos dedos enquanto avançava em direção à parede para garantir que não estava deixando de ver nada. Pedra, pedregulhos, pedra…

Peraí. Pedregulhos? Não havia outras pedras pequenas ali. Todas eram pelo menos do tamanho de bolas de beisebol. Aquelas pedrinhas…

Ele veio à tona.

— Me dê a lanterna — ele pediu, tentando manter a calma na voz.

— Achou alguma coisa?

— Não. Não sei. — Ele apontou a luz para a área onde estava fazendo sua busca. — Cara! Por que a gente não trouxe uma lanterna submarina?

Mais uma volta com a luz, trinta centímetros por vez…

— Ali! Segure a luz bem naquela direção… Não mexa nem um músculo!

Mergulhou de novo. Não eram pedregulhos. Eram elos que formavam uma espécie de corrente alojada firmemente entre duas pedras. Ele enfiou dois dedos embaixo dos elos e puxou. A corrente não mexeu.

Dan pôs o pé na corrente e se levantou de novo. Quando sua cabeça rompeu a superfície, ela era a única parte do corpo que estava à tona. A água agora batia no queixo e as ondas ficavam mais violentas conforme a água era forçada por entre os caminhos mais estreitos da parte superior da caverna.

— Dan! Temos que sair daqui! — Amy estava segurando a lanterna acima do ombro para mantê-la fora da água.

Achei alguma coisa! Está bem aqui!

Ele desceu de novo e puxou freneticamente a corrente. Com a outra mão, empurrou uma das pedras. Ela também não se mexeu. Dan passou a usar ambas as mãos na pedra… será que estava se mexendo?

Nesse instante ele sentiu uma mão no seu ombro puxando-o para cima.

— Dan, vamos!

— Não! — ele reclamou e inalou um pouco de água do mar quando uma onda se ergueu cobrindo o *snorkel*.

Dan tossiu com força por alguns instantes, sentindo um aperto que começava a se formar no peito.

— Só mais uma tentativa — ele disse, ofegante, e mergulhou outra vez.

Com toda força que tinha, Dan empurrou a pedra. Finalmente a sentiu ceder. Agarrou a corrente e deu um puxão. A corrente soltou!

Ele ficou de pé de novo e enrolou a corrente ao redor do pulso duas vezes. Agora, apenas as pontas de seus dedos encostavam na areia e o *snorkel* era inútil, pois as ondas não paravam de inundá-lo. O espaço da

caverna não preenchido pela água tinha se reduzido a pouco mais de meio metro.

Amy não tinha dito uma palavra e Dan sabia o que aquilo significava. Ela estava imobilizada pelo pânico.

— Temos de nadar — ele disse. — Vamos, não é longe…

Amy soltou a lanterna, que continuou acesa até atingir o fundo, depois piscou e apagou.

— DAN! AMY! — Era Nellie, berrando da entrada da caverna. — Vocês têm que sair daí! Vou começar a puxar a corda! Vou contar até três… Um, dois, TRÊS!

Logo adiante, Dan viu Amy de repente disparar para frente e para cima; ela devia ter dado impulso no mesmo instante que Nellie puxava a corda. Amy bateu a cabeça com força no teto pontudo de pedra. Depois cambaleou para trás, derrubando Dan.

Quando ambos levantaram, ele viu o rosto de irmã sob a luz fraca da entrada. Havia faixas escuras escorrendo pela testa dela.

Sangue.

Muito sangue.

* * *

— PARE! — gritou Dan. — Nellie, pare de puxar!

— O que aconteceu? — ela gritou de volta.

— É a Amy! Ela bateu a cabeça…

Ele gorgolejou quando uma onda passou por cima dele.

Amy estava cambaleando de um lado para o outro, visivelmente desorientada.

— Amy! — Dan chamou.

Ele agarrou a corda e começou a puxá-la em sua direção. A irmã lutou contra o puxão da corda que envolvia sua cintura.

Dan empurrou o fundo com os pés e pôs a cabeça para fora da água por tempo suficiente para tomar meio fôlego. Então nadou até Amy e tentou agarrar seu braço. Ela se desvencilhou dele e foi tropeçando na direção errada, voltando para dentro da caverna. Ele a segurou de novo e a puxou para si, com toda a força que tinha.

— AMY! — ele berrou. — POR AQUI!

Amy gorgolejou e tossiu; devia ter engolido água. Mas pelo menos não estava mais lutando contra ele. Ele passou um braço pelas costas da irmã e

começou a remar com o outro. Seus pés faziam movimentos que eram um misto de chutes e pedaladas, enquanto tentava avançar para frente.

Ele nunca tinha sentindo tanto medo. De onde tinha vindo todo aquele sangue? Ele tentou chamar Nellie com um berro, mas só conseguiu pronunciar um "Nel…" asfixiado antes de ser atingindo por uma onda.

Dan lutou para manter a cabeça de Amy acima da água. Seus próprios pulmões estavam prestes a explodir. Ele deu um jeito de erguer as duas cabeças ao mesmo tempo e tomou um fôlego que era mais água do que ar. Engasgando, sentiu que estava começando a deixar Amy escorregar e tentou freneticamente apertar mais o braço ao redor dela.

Nellie deve ter encontrado em si a força muscular de três homens adultos, pois de repente Dan e Amy foram puxados direto para ela, com um único e poderoso puxão final.

Porém, eles ainda não estavam fora da caverna. Nellie estava parada a uns poucos metros da entrada, ou talvez o peso deles a tivesse arrastado para dentro. Sua cabeça continuava acima da água, mas era por pouco.

Então ela agarrou Amy embaixo dos braços.

— VAI! — gritou.

Dan sentiu seu braço apertar a irmã com mais força. Era totalmente incapaz de soltá-la. Por um terrível instante, era quase como se ele e Nellie estivessem brigando por Amy.

— DAN! Estou segurando ela! Agora SAIA DAQUI!

Dan saiu se debatendo da caverna, aproveitando o refluxo da onda seguinte.

* * *

Era outro mundo.

Fora da caverna, o sol brilhava e as ondas eram suaves. Um belo dia na praia. Dan estava sem equilíbrio, suas pernas pareciam tão empapadas quanto seu cérebro. Enquanto ele se endireitava, Nellie saiu da caverna andando de lado, puxando Amy consigo.

Eles meio que arrastaram, meio que carregaram Amy até a praia. Nellie a virou de lado na areia quente a se debruçou sobre ela.

— Ela está respirando — disse Nellie, e o alívio tomou conta do seu rosto.

Dan caiu de joelhos do outro lado da irmã, atrás dela. Então Amy fez um barulho terrível, estava tendo um acesso forte de tosse.

Dan achou aquele o som mais legal que já tinha ouvido na vida.

Ela tentou dizer alguma coisa e tossiu mais um pouco. Nellie bateu com força nas costas de Amy, que finalmente recuperou o fôlego.

— O Dan… — ela disse numa voz rouca. — O Dan está bem?

O caroço que brotou na garganta de Dan fez com que ele começasse a tossir. Agora estavam ambos tossindo, e Dan ria e também chorava um pouco, ou talvez ainda houvesse água do mar em seus olhos.

Nellie sacudiu a cabeça:

— Qual é a graça? Vocês dois quase morreram afogados!

Amy rolou para deitar de costas e olhou para Dan.

— Credo — ela disse, abrindo um sorriso fraco para o irmão. — Você está com uma cara péssima.

* * *

De volta ao catamarã, Nellie não queria deixar o imediato nem chegar perto de Amy.

— Mas eu sou treinado em primeiros socorros — ele insistiu.

— Eu também sou — retrucou ela. — Tenho o certificado da Cruz Vermelha… Vai competir comigo?

O imediato deixou o kit de primeiros socorros com Nellie.

Depois que o sangue foi lavado do rosto de Amy, Dan ficou aliviado ao ver que ela parecia muito melhor. Exceto pelo corte de oito centímetros na testa, logo acima da têmpora esquerda.

— Ferimentos na cabeça sangram muito, por isso geralmente são piores do que são de fato — informou a *au pair* com seriedade.

Ela limpou o corte e usou fita de sutura para fechá-lo. Depois aplicou um curativo com gaze por cima. Mexeu o dedo diante do rosto de Amy para conferir se seus olhos estavam acompanhando e pediu que ela respondesse a algumas perguntas simples de matemática.

— Vamos mandar um médico examinar você assim que voltarmos pro hotel — disse Nellie. — Por enquanto, descanse.

Dan a ajudou a montar uma cama improvisada no catamarã, usando almofadas e toalhas.

Amy não parava de insistir que estava bem e que não queria estragar o resto da viagem dos outros passageiros. Mas o capitão estava irredutível. O barco voltaria para o Oceanus e deixaria Nellie e as crianças para que Amy pudesse consultar um médico.

Nellie foi com o imediato buscar algo para Amy beber. Dan se sentou ao lado da irmã. Ainda tinha as pernas trêmulas e a barriga contraída de nervosismo. Aquilo era estranho. Eles já haviam entrado e saído de situações perigosas diversas vezes antes, mas Dan não se lembrava de jamais ter sentido tanto medo. Quando tinha visto o sangue cobrindo o rosto de Amy… Ele estremeceu, apesar do sol forte.

Se Nellie não merece confiança, e… e se alguma coisa pior tivesse acontecido com a Amy…

Ele engoliu em seco, sem ousar concluir o pensamento.

Dan lançou um olhar solene para o mar. Havia vários barcos navegando naquele dia: um veleiro de regata com velas compridas e brancas, um bote com vela balão listrada nas cores do arco-íris, um iate preto elegante… ele esticou o braço na amarada e sentiu alguma coisa arranhar seu pulso.

— Ei! — ele exclamou, arregaçando a manga da blusa. — Tinha esquecido disso!

Era a corrente da caverna, que tinha ficado encoberta pela manda.

— O que é isso? — perguntou Amy, ansiosa.

Dan se virou e ficou de costas para o resto do barco. Depois tirou a corrente do pulso. Havia alguma coisa pendurada nela: um objeto fino, curvo e pontiagudo, com uns cinco centímetros de comprimento. Tanto a corrente como o objeto tinham um tom cinzento desbotado, mas era fácil ver que eles já haviam sido amarelos.

— Ouro — disse Dan, muito contente. — Prata também talvez tivesse resistido, mas qualquer outro material teria sido arruinado pela água salgada.

— Um dente de tubarão? — perguntou Amy.

Ela encostou no dente com hesitação, como se tivesse medo de que pudesse mordê-la.

Dan discordou com a cabeça;

— Não, os dentes de tubarão são muito mais triangulares — ele respondeu — e mais achatados. Este parece algum tipo de… de garra. Talvez de um pássaro.

— Uau — disse Amy. — Seria um pássaro gigante.

— Uma águia ou um gavião poderiam ter uma garra desse tamanho.

— Ou uma supergalinha — Amy deu risada.

Dan olhou para ela. Não era comum Amy fazer piadas quando o assunto era a busca pelas pistas. Talvez aquela cabeçada tivesse mesmo causado algum estrago.

Como se ele tivesse falado em voz alta, ela disse:

— Meu cérebro deve ter virado purê. É simples demais.

— Seu cérebro é simples demais?

— Muito engraçado. Tudo faz sentido. Caverna dos Tomas, certo?

Dan sentiu como se uma lâmpada tivesse se acendido em sua cabeça. Amy era tão esperta.

— Garra de urso — os dois disseram ao mesmo tempo.

Capítulo 6

Ian ajustou o foco do binóculo.

— Com certeza ele está segurando alguma coisa — disse — mas não sei direito o que é. Poderia ser... É comprimido e pontudo...

— Outro dente canino? — perguntou Natalie.

Ela olhou de relance para o pulso da mãe. Isabel usava uma pulseira de elos pesados de ouro que traziam uma pequena coleção de amuletos cheios de detalhes. Quanta classe, pensou Natalie. Por que as massas insistem em pensar que mais é sempre melhor?

Um dos amuletos era um canino de lobo, feito de ouro. Natalie não sabia por que o amuleto era importante, apenas que de algum modo ele fazia parte da busca pelas pistas e que Isabel tinha certeza de que havia outros amuletos como aquele perdidos em algum lugar.

Eles estavam no iate da família Kabra, o Universal Force. Natalie adorava tudo naquela embarcação negra e reluzente, principalmente o nome. A inspiração tinha vindo de Isabel, porém Natalie e Ian é que fizeram o trabalho de pesquisa. Na internet, tinham pesquisado sites de anagramas e encontrado o nome perfeito.

Universal Force era um anagrama de *Lucians forever*.

Ou seja, Lucian para sempre.

* * *

— O que quer que seja, eles encontraram — disse Isabel numa voz soturna. Ela baixou o binóculo e olhou fixo para Ian, seus olhos parecendo raios laser. — Há quanto tempo sabemos que a caverna pertencia aos Tomas? E quantas vezes você vasculhou essa caverna?

Ian resmungou alguma coisa em voz baixa. Natalie, nervosa, alternava o olhar entre a mãe e o irmão.

— Quem sabe a coisa não estava ali antes. Quem sabe foi trazida pelas ondas — ela tentou explicar — ou alguém colocou isso lá... hã... agora há pouco.

Ela franziu o rosto ao deparar com a força do olhar ferino de Isabel.

— Não ouse arranjar desculpas para ele, Natalie — fuzilou Isabel — esses pirralhos superaram vocês de novo.

Isabel empurrou o acelerador. O barco deu um tranco para frente.

— Estou avisando vocês dois — ela ameaçou. — Não vou mais tolerar isto!

* * *

Natalie sabia que, para o resto do mundo, ela e Ian eram jovens promissores. Tinham tudo: dinheiro, beleza, inteligência. Era só perto de Isabel que Natalie se sentia insegura, hesitante e com medo de cometer um erro.

Principalmente nos últimos tempos. Não era fácil ter uma mãe que sempre usava o modelito perfeito e um penteado deslumbrante e desfilava pelo mundo como se fosse dona dele. (Na verdade, era dona de partes consideráveis.)

Natalie estava sozinha na proa do Universal Force, tentando se recompor. Sua mãe sempre mostrava o pior lado quando o assunto era Dan e Amy. Eles a deixavam tão brava! Por que tinham que dificultar as coisas para a família de Natalie?

Os Kabras tinham que vencer a corrida pelas pistas, era simples assim. Quem mais poderia dar conta de tanto poder de responsabilidade? Os Holt, aqueles bestalhões? Os Wizard, superficiais e loucos pela mídia? O inepto Alistair Oh e seu decrépito tio?

Qualquer um deles como líder da estirpe dos Cahill seria um completo desastre.

Desde o começo da busca pelas pistas, Ian e Natalie tinham se esforçado para encontrar as respostas, às vezes até competindo entre si, na tentativa de conquistar a aprovação de Isabel. Porém, tinham sido derrotadas por Dan e Amy todas as vezes.

Como aquilo era possível? Eles não são nada! Não têm família, não tem poder, nem têm empregadas, exceto aquela *au pair* maluca... Como eles podem ter vencidos a gente tantas vezes?

E o pior de tudo era que a mãe havia perdido a fé em Natalie. Em Ian também. Desde o fiasco deles na Rússia, Isabel tinha assumido o controle e nada que Natalie ou o irmão fizessem estava certo.

Agora Natalie tremia sob o sol forte. A cena no hangar assombrava suas horas de vigília, assim como seus sonhos. A hélice, primeiro girando devagar, depois mais rápido, mais rápido, até virar um borrão assassino... O menino amarrado à cadeira, cada vez mais perto...

Natalie fechou os olhos com força, oque não adiantou nada para bloquear a imagem em sua mente.

Ela não teria feito isso.

Ela teria parado a hélice de algum jeito. No último segundo.

Ela não os teria matado de verdade. Não desse jeito.

A própria Natalie, junto com Ian, havia tentado frustrar os planos de Dan e Amy várias vezes usando diversos métodos que eram um tanto... desagradáveis. Mas seus truques eram sempre planejados de modo que jamais tivessem que presenciar o resultado final. O que significava que Natalie podia escolher – e de fato escolhia – não levar em conta as terríveis consequências de suas ações. Em vez disso, agarrava-se à esperança de que Dan e Amy ficariam fora do caminho de uma vez por todas.

Quando Isabel entrou na jogada, alguns de seus planos haviam seguido um padrão parecido: as cobras venenosas na mina, o incêndio na Indonésia. Se os esquemas funcionassem, os Kabras não estariam presentes quando os Cahill realmente encontrassem seu destino. A tentativa com os tubarões na Austrália fora diferente, porém Natalie não estava lá. Por isso tinha conseguido afastar da mente qualquer pensamento sobre um possível derramamento de sangue.

Até que a hélice tinha começado seu giro mortal.

Lá em cima, uma gaivota emitiu um som áspero, quase como se estivesse rindo... Como a risada em seu sonho.

Natalie perdeu o fôlego e abriu os olhos. A pessoa rindo no pesadelo era Isabel!

Seria a mãe dela tão cruel e desalmada a ponto de rir da ideia de uma morte violenta e dolorosa para os irmãos Cahill? Era isso que o sonho significava?

Não!

Ela é perfeita! Ou tão perfeita quanto alguém pode ser.

E ninguém a entende de verdade, exceto eu. Nem mesmo o Ian. Ela às vezes pode ser meio exigente, mas é só por causa de sua enorme

determinação. Ela me avisou sobre isto: que as pessoas sempre se ressentem de uma mulher com muito poder...

Natalie sabia que Ian vinha tendo dúvidas a respeito da mãe. Tinha percebido em pequenos gestos: como ele não olhava direito nos olhos de Isabel e muitas vezes resmungava em voz baixa quando ela estava por perto. Talvez aquilo não fosse surpreendente; afinal, fora ele quem ligara a hélice, seguindo as ordens da mãe.

Mas que outros significados poderia ter aquela risada?

Natalie vasculhou a mente em desespero. *Poderia significar... Não sei... Tem que haver alguma outra explicação...*

De repente, ela própria deu risada, levantando a cabeça.

Era tudo uma piada! Ela só queria assustar os dois! É isso que meu sonho está tentando me dizer... Aquela risada, ela estava brincando. Nunca teria levado aquilo até o fim!

Praticamente flutuando de alivio, Natalie desceu a escada até sua cabine. Seu *closet* tinha modelos da coleção passada que precisavam ser jogadas no lixo.

Capítulo 7

— Ma-ga-vi-ia!

Não era fácil falar claramente com um pedaço gigantesco de *cheeseburger* na boca. Dan estava tentando dizer “maravilha!”, mas a palavra saía filtrada pela alcatra moída e por duas fatias de queijo.

Nellie tinha organizado tudo. A médica do resort estava esperando por eles no hotel. Ela examinou Amy e diagnosticou uma laceração, uma contusão e uma possível concussão leve. Depois de cuidar do ferimento, a médica pediu a Amy não fazer esforço durante o resto do dia.

Nellie também tinha chamado o serviço de quarto: havia hambúrgueres e *milk-shakes* esperando quando eles voltaram. Mais uma vez, Dan não soube o que pensar. Se Nellie estava tentando ajudar o inimigo deles, certamente parecia estar agindo ao contrário.

Agora havia um táxi na frente do hotel para levá-los ao aeroporto. Os irmãos Cahill tinham decidido que era hora de visitar a Jamaica.

Depois que terminaram de comer, Dan arrastou a bagagem e a gaiolinha de Saladin para o táxi enquanto Nellie fazia o *checkout*. Quando o taxista abriu o porta-malas, Dan sentiu um arrepio sinistro na nuca, como se estivesse sendo observado. Ele se virou devagar e olhou em volta.

Na lateral do vasto pátio de entrada do hotel, havia arbustos de primaveras em flor. Cores malucas: rosa, vermelho e uma espécie de laranja. Bonito, para quem gosta desse tipo de coisa.

Dan ficou olhando para as flores.

Não havia ninguém ali. Ele estava prestes a se desvirar quando viu: um par de olhos espiando entre os galhos na base de um dos arbustos.

Olhos verdes.

Olhos verdes de gato.

Ele soltou a mochila e saiu correndo.

— Ei! — chamou Amy. — O que você está fazendo?

— Gato — ele berrou de volta por cima do ombro.

— Dan, espere!

Não adiantou. Dan estava perseguindo o gato, que saiu em disparada assim que o menino começou a avançar naquela direção.

O gato o conduziu para longe do hotel, descendo uma longa via de acesso até uma série de lojinhas. Dan perdeu o bicho de vista quando ele contornou o quarteirão em alta velocidade.

Ofegante, Dan continuou correndo. As construções eram todas simpáticas casas de madeira, pintadas em cores vivas e tropicais, com varandas na frente, cadeiras, sininhos de vento... tudo na fachada era muito atraente para os turistas.

Mas, nos fundos, havia lixeiras e montes de lixo. Território de gatos.

* * *

Quando Dan voltou para o hotel, vinte minutos depois, Amy estava em pânico e Nellie, furiosa. Na verdade, ele pôde ouvi-las antes de vê-las.

— Você não pode sair correndo desse jeito!

— Aonde você foi?

— Tentei...

— O que você estava fazendo?

— Eu só estava...

— O que você estava pensando?

— Achei que talvez...

Nellie pôs dois dedos na boca e deu um assovio estridente.

— Tempo! — ela gritou. — Você pode me contar tudo no carro.

Ela os apressou para entrar no banco de trás e jogou a mochila de Dan no colo dele.

— AI! — Ele gemeu.

Dan estava de shorts e parte da mochila tinha caído em suas pernas descobertas.

— Agora sei o verdadeiro significado da palavra “dor” — ele disse, tristonho. — Aranhões de gato em pele queimado de sol.

* * *

— Mas não era um gato qualquer — esclareceu Dan.

Ele estava tentando explicar o motivo do seu sumiço repentino.

— Era um *calico cat*. Tentei pegar o bicho, mas ele me arranhou todo e depois fugiu.

Ele esfregou um dos arranhões.

— Acho que a gente ainda não devia ir embora daqui — ele continuou — ainda não descobrimos o que é essa história do gato e o Hamilton disse...

— Mas por que é que... oh. — Amy ficou em silêncio por um instante. Depois começou a rir.

— Qual é a graça? — Dan exigiu saber.

Ela não respondeu, ou melhor, não conseguiu responder. Estava rindo alto demais. Dan olhou para ela por um tempo, primeiro perplexo, depois irritado.

— Amy! — ele exclamou, impaciente. Não tinha graça ficar olhando alguém rir da sua cara.

Por fim, Amy tomou fôlego e enxugou os olhos.

— Jack Rackham — ela conseguiu dizer. — O pirata. Ele pirateou por aqui e mais tarde Anne Bonny se juntou a ele, certo?

— E daí?

— Ele... o nome dele... — grunhiu, dando risadinhas — ... era Calico Jack.

— Calico Jack?

Amy ainda soltou mais algumas risadinhas.

— O Hamilton deve ter falado *Calico Jack*, mas você entendeu *calico cat*.

— Ok, não precisa me humilhar.

O rosto de Dan já estava cor-de-rosa por causa das queimaduras de sol e de correr no calor, mas ele sentiu a cor ficando mais intensa.

Era hora de mudar de assunto.

— Nellie, você tem algum creme de primeiros socorros à mão?

Enquanto seguiam pela rua, nenhum dos três notou a luxuosa caminhonete preta entrando no trânsito atrás deles.

Nem, aliás, o discreto carro de passeio cinza que seguia os dois veículos.

* * *

No aeroporto de Montego Bay, na Jamaica, Nellie alugou um carro e em seguida achou um hotel. Eram só umas oito horas da noite no horário local, porém estavam todos exaustos. Dan caiu no sono sem nem tirar a roupa.

Na manhã seguinte depois do café, já estavam no carro quando Amy deu as instruções.

— Kingston — ela disse.

— Ahã — resmungou Nellie. Sua mão segurava a chave de ignição, mas ela não deu partida no motor. — Que tal alguma coisa tipo "Nellie, querida, você podia fazer a gentileza de levar a gente para Kingston?". Daí eu poderia dizer "Claro, Amy, será um prazer. É hiperlegal trabalhar com crianças tão maravilhosas".

Amy por pouco não deu uma risada, mas se controlou. Tinha quase esquecido que precisava manter distância de Nellie. *Deve ser coisa do meu subconsciente*, ela pensou, *esse meu desejo de que tudo volte ao normal...*

— Estamos com pressa — disse secamente.

— Quando é que nós não estamos com pressa? — respondeu Nellie.

Foi uma longa viagem de carro de Montego Bay até Kingston; a recepcionista do hotel tinha avisado que demoraria em torno de quatro horas.

Amy precisava falar com Dan, mas não na frente de Nellie. A solução era bem simples.

Nellie suspirou, porém ligou o iPod. Então Amy foi para o banco de trás. Viu os olhos de Nellie espiarem de relance pelo retrovisor, por isso cobriu a boca com a mão enquanto falava com Dan em voz baixa. Nellie provavelmente não sabia ler lábios, mas Amy não queria correr nenhum risco.

— Estou lendo um livro muito interessante — ela disse — uma história dos piratas.

— Amy...

— Cubra a boca com a mão.

Dan obedeceu após olhar rapidamente para a nuca de Nellie.

— Nós ficamos umas oito horas nas Bahamas. Você passou mais da metade desse tempo num barco e a outra metade num consultório médico. Quando teve tempo de comprar um livro?

— Eu não comprei. Fiz o download na biblioteca do Oceanus enquanto você estava nos brinquedos. E li no avião agora há pouco.

— O livro inteiro?

— Não, seu tonto. Só os capítulos sobre Anne Bonny e Jack Rackham. Enfim, o livro foi escrito por um tal capitão Charles Johnson. Mas várias pessoas acham que era um pseudônimo e que na verdade ele foi escrito por Daniel Defoe... você sabe, o autor de Robinson Crusoé.

— Ah, é — ele respondeu. — Eu sabia disso. Mas nem todo mundo tem um catálogo de livros no cérebro como você.

Amy ignorou esse último comentário e continuou falando:

— Anne Bonny se juntou à tripulação de Rackham. Ela se vestiu de homem e aprendeu a velejar, lutar com a espada e tudo mais, ninguém no navio, tirando Calico Jack, sabia que ela era mulher.

— Que legal — comentou Dan.

— Eles tiveram um filho em Cuba. Mas Anne queria continuar a ser pirata, por isso o deixou lá com uma babá. E então um novo pirata se juntou a eles e no fim descobriram que ele também era mulher... Mary Read.

— Até parece — disse Dan, descrente — você está querendo dizer que um monte desses piratas de antigamente na verdade eram mulheres?

Amy balançou a cabeça:

— Não, quase nenhum. Foi só tipo uma grande coincidência as duas acabarem indo parar no mesmo navio. E dizem que elas lutavam tão bem quanto qualquer um dos homens... Às vezes até melhor.

Ela parou de falar. *As duas podiam ter sido amigas da Nellie...*

— O navio de Calico Jack foi capturado pela Marinha Britânica. Todos foram considerados culpados e condenados à morte por enforcamento. Mas, no último minuto, Anne e Mary contaram ao tribunal que estavam grávidas. Era contra a lei executar mulher grávida, por isso elas só foram mandadas a prisão. E...

— Deixa eu adivinhar — interrompeu Dan — essa prisão fica em Kingston?

— Não — respondeu Amy — ela não existe mais.

— Então por que estamos indo para Kingston? Essa viagem de carro vai demorar um tempão!

— A prisão ficava em Spanish Town. Essa era a capital da Jamaica naquela época. Mas depois eles transferiram a capital e todos os registros do governo para Kingston. Então é por isso que estamos indo para lá. Para olhar os registros e ver se tem alguma coisa que possa nos ajudar.

— Certo, entendi — disse Dan. — Mas você não está esquecendo alguma coisa?

— O quê?

— Isto — ele me deu um tapinha no peito.

Amy sabia que era “isto”. A garra de urso. Dan estava usando a corrente no pescoço e eles tinham a esperança de que Nellie ainda não soubesse da existência dela.

— Não fazemos ideia de como isso se encaixa — começou Dan — faria sentido alguns piratas serem Tomas, com toda essa vida de aventuras, luta de espadas e tal. E achamos isto numa caverna dos Tomas. Mas é como um beco sem saída, não leva a lugar nenhum.

Amy deu um suspiro:

— Eu estou preocupada com isso — ela comentou — talvez a gente precise voltar para as Bahamas para procurar mais coisas. Mas o retrato com o nome de Anne Bonny no verso... Isso também é uma pista e sabemos que ela esteve na Jamaica.

Amy tirou o pequeno retrato da mochila. Juntos, ela e Dan se debruçaram sobre ele e estudaram o rosto desenhado, com seus olhos verdes arregalados e seu nariz curto.

Hope.

Ambos outra vez se maravilharam com o fato de que a mulher no retrato era igualzinha à mão deles, Hope Cahill.

Capítulo 8

Eles estavam no lugar errado. De novo.

Nellie tinha estacionado no Centro de Registros do Governo de Kingston. Em poucos minutos, um funcionário informou a Dan e Amy que eles precisariam voltar a Spanish Town e procurar lá, nos Arquivos da Jamaica. Felizmente, Spanish Town não era muito longe de Kingston.

A praça principal de Spanish Town era muito impressionante, com belas construções antigas com estilo colonial e diversas palmeiras altas. Os Arquivos da Jamaica eram um prédio mais moderno de tijolos expostos, com dois andares, logo atrás da praça.

Na sala de pesquisa, Amy preencheu o formulário de requerimento para o arquivo que queria examinar: os autos dos julgamentos de Jack Rackham, Anne Bonny e Mary Read.

Ela entregou o formulário para o homem do balcão de solicitações. Era um rapaz alto e corpulento, com um crachá em que se lia LESTER.

Lester ficou olhando fixamente para Nellie por alguns instantes, parecia fascinado pela argola em seu nariz. Ela estava ocupada desembaraçando o fio dos fones de ouvido e pareceu não notar.

Então ele olhou de relance para o formulário:

— Oh, esses arquivos outra vez — ele suspirou — vocês americanos têm alguma coisa com piratas.

Amy ficou surpresa:

— Alguma outra pessoa já esteve aqui procurando esse arquivo recentemente?

— Acho que não recentemente — ele disse — vejamos... O registro diz que foi em algum momento do ano passado.

Amy franziu a testa. Isso teria sido antes da morte de Grace, antes de a corrida desenfreada pelas pistas começar. Mesmo assim, poderia ter sido um Cahill…

— Ah, e sabe aqueles filmes *Piratas do Caribe*? — perguntou Lester. — Eles mandaram um pesquisador aqui. Ele olhou tudo o que nós temos sobre piratas.

— Eles usaram alguma coisa que acharam? — indagou Dan, ansioso.

— Usaram sim, rapaz — ele respondeu com um sorriso. Amy achou muito bonito aquele sorriso. Preenchia todo o rosto dele; não só a boca sorria, mas as bochechas e os olhos também. — Calico Jack Rackham foi enforcado e depois seu corpo foi colocado numa gaiolinha de ferro. Eles penduraram a gaiola na entrada do porto de Kingston, com seu corpo em decomposição como advertência para os outros piratas.

— Eeeeeca — exclamou Amy.

— Legal! — Dan se animou.

Lester riu:

— No filme, eles mudaram um pouco… Os corpos dos piratas ficavam pendurados nos cadafalsos e não em gaiolas. Mas foi daí que eles tiraram a ideia.

Ele levantou e entrou no arquivo. Poucos minutos depois, voltou com uma pasta de documentos. Enquanto isso, Nellie se afastou até uma cadeira livre perto da janela. Lester olhou para ela de novo.

— Vou precisar de uma carteira de motorista ou passaporte como garantia até vocês devolverem a pasta — ele informou.

Dan foi até Nellie e pegou sua carteira de motorista. Lester olhou de relance para Nellie, depois para a foto no documento, depois outra vez para

Nellie. Parecendo satisfeito, ele pôs a carteira num escaninho numerado e entregou a pasta para Amy.

Na cadeira junto à janela, Nellie estava quase cochilando. Amy e Dan se sentaram numa mesa ali perto, dividiram os papéis que estavam na pasta e começaram a folheá-los. Ou melhor, Amy começou a folhear. Dan ainda estava pensando no cadáver em decomposição.

— Você acha que tinha vermes? — ele perguntou. — Provavelmente. Tipo, aqui é um país tropical. Devia ficar coberto de vermes.

Amy mal o ouvia.

— Dan, escute isso — ela chamou a atenção do irmão — tem o relato de uma testemunha depondo contra Anne Bonny e Mary Read que disse que elas vestiam "Casacos masculinos e calças compridas, lenços amarrados à cabeça". E que "o motivo de saber e crer que eram mulheres se devia ao tamanho avantajado dos seios".

— Hmmm, isso já prova — respondeu Dan com um sorrisinho — mas o que aconteceu com elas? Ficaram na cadeia pelo resto da vida?

— Mary Read morreu na prisão poucos meses depois — disse Amy — mas ninguém sabe ao certo o que aconteceu com Anne. Algumas pessoas acham que seu pai, um homem poderoso na Carolina do Sul, conseguiu tirá-la da prisão e que ela viveu sob outro nome pelo resto da vida.

Dan bufou:

— Parece bem típico de um Cahill — ele comentou.

— É tudo muito interessante, mas na verdade não tem nada aqui que aponte para uma pista — Amy disse indicando com a cabeça os papéis que tinha entregue a ele — o que você tem aí?

— Não sei — ele respondeu. — É uma lista muito comprida. Comecei a ler, mas é só esse monte de coisas.

Amy pegou as páginas da mão dele. Seu coração parou por um instante.

— Dan, você tem noção do que é isso? É o manifesto do navio de Rackham!

— Legal! — Dan se animou. Mas depois perguntou: — Como assim, manifesto?

Amy estava empolgada demais até para revirar os olhos:

— É tipo um inventário de tudo o que havia a bordo do navio quando ele foi capturado. Por lei, todo navio precisava ter um documento desses.

— Até os navios piratas? Achei que eles não ligassem tanto para esse tipo de rega.

— Na verdade, os piratas eram até mais rígidos nesse sentido do que alguns navios legítimos. O butim, tudo o que eles tinham pilhado, era dividido no fim da viagem e é claro que cada pirata queria receber sua parte justa. Por isso tudo era minuciosamente controlado. Quando o quarteleiro elaborava o manifesto, havia testemunhas e tudo o mais. Era parte do código dos piratas e eles tinham muito orgulho disso.

Eram surpreendentes os números e a variedade de coisas listadas no manifesto do Willian, o navio de Rackham. Carregava todo o equipamento necessário para tornar possível a vida em alto-mar. Havia comida: peixe seco e carne salgada, biscoitos, grãos secos, sal, rum e vinho, assim como galinhas e tartarugas vivas para abater durante a viagem. Havia trinchos de madeira em vez de pratos, e bolsinhas de couro em vez de copos. Havia ferramentas e armas: machados, formões, marretas, pás; redes e equipamentos de pesca; facas; sabres, pistolas e mosquetes; pólvora, munição, canhões e balas de canhão; coletes protetores de couro e couraças de metal mais protetoras ainda. Havia redes, cordas, lonas, correntes; instrumentos de navegação, mapas, pergaminho, lamparinas, agulhas, baldes, trapos, jarros, material cirúrgico e remédios. Havia instrumentos musicais: violino, flauta, concertina. Tabuleiros e peças de damas e xadrez, cartas de baralho e dados.

Havia a bandeira do navio: a famosa caveira com ossos cruzados de Calico Jack. Havia um gato, para afugentar os ratos e camundongos... e um papagaio!

— Mas e os dobrões? — perguntou Dan. — Pensei que os navios piratas estavam sempre cheios de dobrões de ouro.

Amy folheou as páginas e acho o que estava procurando: a lista do butim tomado de outros navios.

— Tem um pouco de ouro aqui – ela disse, percorrendo a página com o dedo — não é muito. Eles estavam navegando numa chalupa, que era rápida e fácil de manobrar, mas não podia acomodar tanta carga quanto um navio maior e mais pesado.

Mesmo assim, a lista era impressionante.

24 rolos de seda
15 rolos de algodão, madras & calicô
6 travessas de prata
6 cálices de prata
2 dúz. Colheres de prata
4 frascos de peltre

8 tigelas de prata
1 aparelho de chá, prata
1 aparelho de café, peltre
4 bolsas c/ moedas de prata
2 bolsas c/ moedas de ouro
1 bolsa de couro contendo 98 pérolas
2 anéis de ouro, lisos
1 anel de ouro, entalhado
7 correntes de ouro
1 pingente, cabeça de leão, olhos de rubi
1 pingente de prata, lua
1 broche camafeu, entalhado, pedra ônix
1 cruz de ouro, entalhada
2 cruzes de prata, lisas
1 medalhão serpente, entalhado, pedra verde
1 medalhão floral, ouro, safiras
3 broches, ouro
2 broches, ouro & pedraria
3 broches, prata entalhada
3 caixas de rapé, prata
2 caixas de rapé, prata incrustada
2 espelhos com cabo de prata
2 pentes de marfim
4 pentes de casco de tartaruga
1 espelho com cabo de marfim
2 grampos para cabelo de prata com pérolas
1 grampo para cabelo de ouro liso
10 caixotes de tabaco
10 barris de açúcar
3 sacas de pimenta em grãos
2 sacas de noz-moscada
1 saca de macis
14 peles de veado
6 peles de búfalo
1 caixote com peles de castor
3 garras de ouro, pantera, urso, águia
1 presa de baleia entalhada
chifres de veado grande

mandíbulas de animais com dentes, búfalo, civeta, lobo
2 dúz. penas de pavão
8 plumas de avestruz
26 penas de peru
6 conchas grandes
1 baú de prata pequeno entalhado
3 baús de madeira grandes, arremates em latão
4 dúz. cachimbos, argila

Quase sem perceber, o dedo de Amy voltou pela lista e parou: era como se ela estivesse criando antenas invisíveis que detectavam qualquer coisa ligada à busca pelas pistas.

— Dan, ouça — ela chamou — *3 Garras de ouro, pantera, urso e águia.*

Dan sorriu e pôs a mão no peito, onde a garra de urso pendia em segurança por debaixo da camiseta.

— Pois é — ele comentou — prova que Calico Jack e Anne não sei o quê realmente sabiam sobre as pistas.

Mas Amy já estava absorta no manifesto de novo. Outro item havia chamado sua atenção.

— *Mandíbulas de animais com dentes, búfalo, civeta, lobo* — ela leu em voz alta, depois ergueu o rosto, entusiasmada. — Lobo, Dan! O símbolo dos Janus!

Dan parecia incrédulo.

— Hã, você não acha que isso talvez já seja exagerar um pouco? Tipo, o urso dos Tomas até faz sentido, porque estava entalhado na caverna. Mas isso de mandíbula de lobo...

Será que uma mandíbula de lobo valia como dica dos Janus? Dan provavelmente tinha razão, talvez isso já fosse exagero. Já era suficiente ter achado uma prova de que a garra de urso realmente estava ligada a Anne Bonny.

— Espere — disse Dan, olhando fixo para a página. — Acho que acabo de mudar de ideia.

Ele apontou par uma linha no manifesto:

1 medalhão serpente, entalhado, pedra verde

— Serpente? — perguntou Amy. — Tipo, as cobras dos Lucian?

— Não — ele respondeu.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque... — ele inclinou a cabeça num gesto de esperteza — ... este aqui nós já temos.

Amy olhou para ele, totalmente perdida. Ele a torturou com o silêncio por mais alguns instantes, depois disse:

— Na verdade, acredito que você esteja usando o medalhão neste exato momento.

O queixo de Amy caiu enquanto sua mão voava para o pescoço.

O colar de Grace!

Ela tirou o colar para que os dois pudessem examiná-lo. O medalhão tinha o formato de um retângulo com cantos arredondados. O dragão era entalhado em alto-relevo de um dos lados da jade; o verso era liso, exceto pelas bordas chanfradas.

Dan estava sorrindo:

— Serpente, dragão. Pedra verde, jade verde. Medalhão entalhado, medalhão entalhado. Estou certo, né não? — ele falou.

Amy fechou os olhos para se concentrar no pensamento que se formava em sua mente.

— Certo — ela disse devagar — vamos supor que Anne Bonny fosse uma Cahill. Isso não é tão improvável. Primeiro tem o fato de que ela nasceu na Irlanda, onde vivia a família Cahill original. E além disso, tem o retrato.

Ela não precisava explicar muito mais, Dan sabia que Amy estava pensando na semelhança bizarra entre Anne e a mãe deles.

— Ela viveu numa época de grandes restrições para as mulheres. A maioria não tinha permissão pra fazer muitas coisas que os homens faziam. Como viajar. Então ela descobriu a história das pistas, se disfarçou de homem e virou pirata, pois percebeu que seria o melhor jeito de procurá-las.

Ela abriu os olhos e viu que Dan escutava com muita atenção.

— Ou esconder pistas — ele opinou — medalhão de dragão, garra de urso... É por isso que eu acho que talvez você tenha razão sobre esse lobo.

Amy começou a examinar o manifesto outra vez.

— Mas aqui não diz nada sobre cobras — ela disse, decepcionada.

Dan não pareceu se abalar.

— Isso não importa. Ela talvez ainda não tivesse achado nada com uma cobra. Ou já tinha achado e escondido em algum lugar. — então ele franziu a testa. — Mas continuamos com o mesmo problema. Temos um símbolo Ekat e um símbolo Tomas. Pra que eles servem? E o que vamos fazer agora?

— É fácil. Vamos continuar seguindo o rastro de Anne Bonny — concluiu Amy. Ela bem que gostaria de sentir tanta confiança quanto aparentava. Na verdade, aquilo era a única coisa que lhe ocorria. — A prisão não existe mais, mas acho que seria bom darmos uma olhada por aí, de qualquer modo. Ela ficava aqui em Spanish Town. Talvez haja um memorial ou alguma coisa no lugar.

Eles copiaram o manifesto inteiro. Então devolveram a pasta para Lester, que lhes entregou a carteira de motorista de Nellie.

Quando os dois foram acordar Nellie, ambos puseram a mão nos objetos que traziam no pescoço.

Amy, no dragão de jade. Dan, na garra dourada de urso.

Capítulo 9

Nellie teve a sensação de que alguém a seguia.

Eles estavam atravessando o estacionamento do prédio dos arquivos. Ela olhou de relance para trás. Estava certa, mas relaxou na mesma hora. Era só aquele tal de Lester.

— Por favor, moça — ele se dirigiu à Nellie — você pode vir comigo?

Nellie parou, virou e deu uma boa passada de olhos nele. Estava tão cansada de dirigir que nem tinha dado bola para o rapaz.

Ele era alto, musculoso e vestia uma camiseta de manga curta que lhe caía muito bem. Fora aquele sotaque jamaicano, tão legal. *Muito bom,* pensou Nellie.

— Agora estou ocupada — ela respondeu e apontou para Dan e Amy com a cabeça. — Mas... — sorriu, jogou a cabeça para o lado e piscou devagar — ... talvez mais tarde?

A uns passos dali, ao lado de Amy, Dan fingiu que estava enfiando um dedo na garganta.

— Infelizmente tem que ser agora — insistiu Lester com voz firme.

Nellie franziu a testa:

— Eu disse *depois,* mas estou mudando de ideia.

Ele levantou as mãos e deu um passou para trás:

— Ei, vai com calma, amiga. Você só precisa vir comigo porque tem alguém que quer falar com você.

Nellie franziu a testa. *Mas quem poderia ser esse alguém? Se fosse o McIntyre ou... ou o outro cara, eles simplesmente ligariam ou enviariam e-mail, não iriam mandar uma mensagem por outra pessoa….*

Ela tentou disfarçar sua perplexidade, dando uma de durona:

— Se eles quiserem falar comigo, podem falar aqui mesmo, assim como você está falando — ela disse — não vou com alguém que eu não conheço, falar com outra pessoa que eu não conheço, quando não sei onde estou indo nem, o que é mais importante, *por quê.*

Lester ficou em silêncio. Depois continuou:

— Saquei, você está nervosa. Que tal isto? Eu levo você para a rua. Você pode conferir antes. Está cheio de pessoas em volta, você pode ver que é seguro. Você fica do lado de fora da casa e ela vem falar com você. Ela é velha, mas sair de casa ela consegue. Que tal?

Nellie apontou para Dan e Amy com o queixo:

— Eu não vou a lugar nenhum sem eles.

Lester deu de ombros.

— Ela não disse nada sobre outras pessoas. Por mim tudo bem.

Eles seguiram Lester. Ele deixou a grande avenida e virou numa rua menor. Como tinha prometido, ainda havia várias pessoas em volta. Depois de alguns quarteirões, parou em frente a uma casa térrea que já tinha sido cor-de-rosa, mas agora estava desbotada e apresentava um fraco tom de ocre. Então os conduziu subindo os degraus baixos de concreto até a varanda.

— Esperem aqui — avistou Lester. Ele abriu a porta de tela mosquiteira e entrou. Eles o ouviram chamar — Vovó? Tem uma *dawta* aqui pra você.

Dan e Amy pareciam confusos.

— *Daughter*? Filha…? — murmurou Dan.

— É patoá — esclareceu Nellie — os jamaicanos falam assim uns com os outros. Dawta vem do inglês "*daughter*" e significa "filha", mas também significa "mulher", principalmente se ela for mais nova. Então ele disse, tipo, "tem uma moça aqui pra te ver".

— Como você sabe disso tudo? — Amy quis saber.

— Tenho amigos jamaicanos em Boston — explicou Nellie. — Eu costumava ir a clubes de reggae com eles.

Era verdade, mas Amy não parecia inteiramente convencida.

— Qual é o seu problema? — indagou Nellie, fazendo um gesto impaciente com as mãos. — Até parece que eu aprenderia todas as línguas do mundo só pra espionar vocês dois! E mesmo se eu quisesse tentar, você acha que o patoá jamaicano estaria no topo da lista?

Não houve resposta, é claro. *Amy, sempre com medo até da própria sombra... Quem imaginaria que ela poderia ser tão teimosa?*

A porta se abriu. Ali estava parada uma mulher muito velha, ossuda, de pele escura e cabelos grisalhos, usando óculos. Ela olhou para Nellie, com o rosto sem expressão, e fez que sim com a cabeça.

Então olhou para Dan e por fim para Amy. Seus olhos se acenderam.

— Rá! — ela exclamou.

Os três pularam de susto.

— Ó só a Grace! — a velha senhora falou para Amy e deu uma possante risada.

* * *

Agora Nellie estava completamente confusa. Lester queria que *ela* o acompanhasse, mas a velha parecia reconhecer Amy. O que estava acontecendo?

— Eu devia saber — a mulher balançou a cabeça sem parar de sorrir — você é bem parecida com a Grace. Os olhos, ahã, pois é.

Amy limpou a garganta:

— Você… você conhecia minha avó?

— Pois é, grande mulher, essa. Como vai ela?

Foi Dan que respondeu:

— Nossa avó morreu — ele informou. — Em agosto.

A luz sumiu dos olhos da mulher:

— Ixe, menino. Sinto muito. Muito, muito, muito. Não sabia.

Silêncio desconfortável…

— Tudo bem — Nellie falou por fim.

Não estava tudo bem, mas o que alguém podia dizer numa hora dessas?

— Sim — respondeu a mulher — era a hora dela. Ninguém pode fazer nada quando chega a hora. — Uma pausa. — Meu nome é Alice… Vocês podem me chamar de Miss Alice.

— Eu sou Nellie e estes são Dan e Amy.

— Que surpresa ver a neta da Grace aqui — disse Miss Alice — mas é você que eu tô esperando.

Ela apontou com o queixo para Nellie.

— Eu? Mas como... Eu não...Você não poderia...

— A Grace. Ela disse que você viria algum dia, mandou eu ficar de olho se você aparecesse.

— Ela te disse isso? Quando?

Miss Alice franziu a testa:

— Ela teve aqui quando? … Vinte anos atrás? Talvez agora já faça uns 25.

Nellie se virou para a escada da frente.

— Certo, vamos cair o fora daqui — ela avisou. — Não sei qual é a sua, Miss Alice, mas tenho certeza de que não tem nada a ver com a verdade. Eu nem tinha *nascido* nessa época e só fui conhecer a Grace este ano.

Miss Alice fez uma careta:

— Sossega, *dawta*. Você sempre é tão sem modos com gente mais velha?

Nellie se sentiu como uma criancinha, ao levar uma bronca dessas. Hesitou, tentando pensar no que dizer em resposta.

— Senta e deixa eu terminar.

Miss Alice olhou feio para ela, depois foi mancando até uma cadeira surrada e sentou. Dan e Amy se sentaram nos degraus. Nellie ocupou a outra cadeira, mas não pretendia ficar muito confortável. Miss Alice esperou um pouco, então continuou:

— A Grace veio procurar uma coisa que eu tinha. Uma coisa que tá na minha família faz tempo. Ela achou, quer dizer, ela me achou, e me pediu um favor. Disse que quando viesse alguém com uma peça igual, era pra eu dar a minha pra essa pessoa.

Miss Alice deu aquela risada curta e estridente outra vez:

— Rá! Eu disse, por que é que eu iria fazer o que ela tava pedindo? Eu não conhecia ela e isso tá na minha família desde eu nem sei quando. Mas vocês sabem como é a Grace, ela nunca desiste.

Amy e Dan concordaram com a cabeça, primeiro com a mulher e depois entre si.

— Ela disse que era importante pra ela e pra família *dela*, depois perguntou o que eu queria, o que ela podia me dar se eu fizesse isso por ela. E eu fiquei pensando um tempão, um tempão. Dois, três meses. Ela não arredou pé, vinha me visitar todo dia. A gente falava da Jamaica, ela queria saber todas as velhas histórias. Meu deu tempo pra pensar. E a gente acabou ficando amigas.

Miss Alice continuou:

— Então finalmente eu me decidi e falei pra ela que eu queria que o Lester estudasse. Na faculdade. Não época ele era só um molequinho, desse tamanho... — ela ergueu a mão na altura do joelho — ... mas a gente não é chique. Dá pra viver, mas a faculdade é muito cara. E a Grace disse tá bom e voltou pros Estados Unidos. Mas de vez em quando ela ligava, lembrava de mim, lembrava do Lester. Chegou a hora, o Lester foi pruma faculdade em

Atlanta, tirou um diploma chique e agora conseguiu um bom emprego. Ele estudou história e biblioteconomia.

Ela fez que sim com a cabeça:

— Pois é. Por isso preciso manter a promessa que eu fiz. A Grace não falou que era uma menina americana mal-educada que ia vir — disse, dando uma fungada. Só falou que viria alguém com uma peça igual.

— Que peça igual? — perguntou Nellie, confusa.

Miss Alice virou a cabeça:

— Lester! — ela gritou. — Me traz aquela caixa que tá na gaveta do lado da minha cama.

Lester saiu para a varanda com um sanduíche em uma das mãos e uma pequena caixa na outra.

— Lester, deixa eu te apresentar — disse Miss Alice. — É o Denny, a Ellie e a Jamie.

— Passou perto — Nellie murmurou entre os dentes.

— O Lester viu vocês — explicou Miss Alice. — Eu já não saio muito, por isso faz um tempão que falei pra ele sobre o que ele tinha que ficar atento. Ele viu você nos arquivos, daí me chamou.

Ela olhou para ele com os olhos brilhando de orgulho. Lester deu aquele belo sorriso e entregou a caixa a Miss Alice.

— Agora vou embora, vovó — ele avisou.

Todos se despediram e Lester partiu, ainda mastigando o sanduíche.

Miss Alice deu uma sacudidela na caixa.

— Todos esses anos — ela disse. Depois examinou Nellie de perto por trás dos óculos. — Ahá, é igualzinho, pois é.

Nellie não estava se aguentando de curiosidade. O que é igualzinho? Meu rosto? Ela se perguntou. Quase não conseguiu controlar a vontade de agarrar a caixa das mãos da velha.

Dan levantou do degrau. Amy chegou mais perto.

Miss Alice abriu a tampa da caixa e retirou vários chumaços de algodão que formavam uma camada protetora. Depois estendeu a mão.

Todos se debruçaram para frente para ver o que havia lá dentro.

Uma pequena cobra de prata.

Idêntica à que Nellie usava no nariz.

— Escolha pra mim — Nellie pediu para Amy.

Pela primeira vez na viagem inteira, Nellie nem olhou o cardápio. Sua mente estava preocupada demais para pensar em comida.

Eles tinham passado duas horas na casa da Miss Alice. Todo esse tempo fora necessário para ouvirem a história inteira.

Centenas de anos antes, uma senhora, antepassada de Miss Alice, havia trabalhado como babá para uma mulher em Cuba. A mulher deixou seu bebê sob os cuidados da babá e também lhe deu um par de brincos de prata em formato de cobra. Disse a ela para manter tanto o bebê como os brincos em segurança.

A mulher então partiu de Cuba para se juntar ao marido. No mar.

Eles eram piratas.

O bebê morreu antes de completar um ano. A babá ficou tão perturbada que jurou tomar conta daqueles brincos a qualquer custo. Ao longo dos anos, um dos brincos tinha se perdido. Mas a família de Miss Alice havia guardado lealmente o outro brinco do par. Eles levavam a pequena cobra de prata para onde quer que fossem. Aquele objeto vinha passando de mãe para filho havia quase trezentos anos.

Parecia impossível, mas Grace descobrira que o segundo brinco tinha ido parar no México, com outro grupo daquela família. Ali, também, ele vinha sendo passado lealmente de mão em mão. Uma geração antes, nenhuma mulher nascera naquela família, por isso o brinco foi passado para um filho. Quando ele cresceu e teve seus próprios filhos, deu o brinco a sua filha mais velha.

Nellie.

* * *

Agora Nellie esfregava a nuca com a mão. Sentia nós de tensão em seus músculos.

— Se a Grace descobriu que o brinco estava com a minha família, já devia estar de olho em mim havia *anos* — concluiu. — Mas nunca disse uma palavra sobre isso. Por que ela não me contou?

— Bom — respondeu Amy — agora você sabe como a gente se sente.

Nellie olhou fixamente para ela:

— Do que você está falando?

— Você não contou toda a verdade pra gente, assim como a Grace fez com você.

Nellie sentiu o sangue subir ao seu rosto:

— Não é nem de longe a mesma coisa!

Amy ergueu a sobrancelha:

— Você não acha?

A calma da menina deixou Nellie ainda mais irritada.

— Isso aqui tem a ver com a minha vida inteira! — ela exclamou, dando um murro na mesa. — Tudo! Tipo... tipo... e as aulas de aviação?

— Aulas de aviação? — perguntou Dan, visivelmente confuso com a mudança de assunto.

— São caras, né? Mas meu pai disse que não tinha problema nenhum. Foi a Grace que pagou por elas? Pensando bem, a ideia nem foi minha... foi *dele*! Ou talvez tenha sido da Grace. E isso quer dizer que meus pais estavam por dentro da jogada o tempo inteiro? — Nellie recuperou o fôlego, quase soluçando. — Isso não diz respeito só a essas pistas idiotas. É a *minha família!*

Amy olhou para ela por um longo instante.

— Nos últimos meses — ela falou devagar — nossa família somos nós três.

Sua frase ficou pairando no ar, quase como se estivesse escrita ali.

Nellie olhou para o rosto deles, tão solenes quanto ela jamais tinha visto.

É verdade, pensou Nellie. *Pais mortos, avó morta, uma tia que não gosta deles*. Mais uma vez ela foi varrida pela culpa de mentir para eles e, acima de tudo, em relação ao papel que iria desempenhar no que aconteceria em breve... ela se curvou para a frente, apoiando a cabeça nas mãos.

— Certo, entendi — ela murmurou em voz baixa — achei que tinha entendido antes, mas agora realmente entendi. Como vocês se sentiram... ainda se sentem, acho... com o fato de eu trabalhar para a Grace e o McIntyre. Vocês sentem que foram manipulados e é isso que eu sinto agora também.

O silencio entre eles atingiu proporções intoleráveis. Foram salvos pelo garçom que chegou com três pratos de frango apimentado que Amy havia pedido.

Nellie de repente estava faminta. Começou a atacar o frango. Estava delicioso.

— Cara — ela disse. — Isso é bom.

Apimentado, mas não só com pimenta. Tomilho, com certeza... Talvez noz-moscada também? Macis? Ela ia ter que olhar a receita e fazer aquilo algum dia.

A boca de Dan estava praticamente cheia enquanto ele falava.

— A xente potche falar de outra coixa agora? — ele pediu.

— Engole primeiro — mandou Amy.

O telefone de Nellie tocou. Ela tirou o aparelho da mochila e olhou para ele.

— É o meu pai — ela disse.

Nellie tinha deixado uma mensagem para ele quando os três estavam na casa de Miss Alice. Queria contar sobre a parente recém-descoberta.

E agora ele tinha outras coisas para conversar. Nellie levantou da mesa e foi atender o telefonema do lado de fora do restaurante.

Poucos minutos depois, ela voltou para a mesa balançando a cabeça:

— Essa Grace. Não desiste nunca.

— O quê? O que é? — Amy e Dan perguntaram ao mesmo tempo.

— Meu pai recebeu uma carta de Grace umas poucas semanas antes de ela falecer. Ele achou meio estranha, porque era muito curta. Só dizia que se algum dia eu encontrasse o par do meu brinco de cobra, ele deveria me transmitir uma mensagem.

— Que mensagem? Qual era a mensagem? — Os irmãos perguntaram outra vez em coro.

Nellie franziu um pouco a testa:

— A mensagem é ainda mais curta. "A/C A Excelentíssima Nanny" — ela começou. — O A/C significa "aos cuidados de". É bem estranho, geralmente só se vê isso como parte de um endereço numa carta. Mas... *nanny?!* Por que será que ele me chamou de *babá?*

— "A Excelentíssima Nanny" — repetiu Amy. — A Grace planejou tudo para que a babá, ou seja você, encontrasse o brinco perdido.

O garçom veio trazer a conta e serviu mais água para eles.

— Não parece coisa da Grace chamar a Nellie de babá — começou Dan. — Sei lá, é estranho... O que será que ela quis dizer com "A Excelentíssima Nanny"?

O garçom parou de servir água.

— Ah! — ele exclamou. — Já foram ao parque?

Os três olharam para o homem, perplexos.

— O Parque dos Heróis — ele explicou. — A estátua dela fica lá.

Eles se entreolharam, ainda mais perplexos. Nellie foi a primeira a se recuperar:

— A estátua de quem fica lá?

Agora era o homem quem olhava perplexo para eles.

— A Nanny — ele respondeu — vocês estão falando da Nanny dos Maroons, não é? A Excelentíssima Nanny?

— Existe uma pessoa com esse nome? — perguntou Nellie, incrédula.

— Uma das heroínas da Jamaica — ele respondeu — visitem o Parque Nacional dos Heróis. Em Kingston.

Os três saltaram das cadeiras.

* * *

De volta para Kingston. No carro, Amy e Dan fizeram uma breve conferência aos sussurros. Depois Amy pulou para o banco da frente:

— Não precisa pôr os fones de ouvido — ela anunciou — decidimos que, já que a Grace mandou essa dica pra você, talvez a gente precise que você fique informada.

Nellie concordou com a cabeça.

— Não sabemos exatamente o que estamos procurando — disse Amy com cuidado. Embora tivessem decidido incluir Nellie naquele estágio da busca, ainda assim não queria revelar informações demais. — Mas talvez seja alguma coisa dos Janus. Achamos que Nanny pode ter sido uma Janus.

— Por isso pode ser alguma coisa que tenha a ver com um lobo — acrescentou Dan — quem sabe, tipo uma presa. Isso ia ser incrível... Uma boa e velha presa de lobo!

Francamente, as coisas que os meninos acham incríveis...

— Aposto que você ia adorar se estivesse toda coberta de baba — comentou Amy. Então ela mudou de assunto antes que ficasse ainda mais nojento. — Laptop, por favor?

Durante o resto da viagem ela pesquisou sobre a Excelentíssima Nanny. Nanny Sharpe, conhecida como Queen Nanny ou Granny Nanny, tinha sido capturada na África Ocidental e trazida à Jamaica como escrava. Mas ela e seus irmãos escaparam. No alto das montanhas, eles fundaram comunidades para escravos fugidos, os chamados Maroons. Quando os britânicos finalmente os encontraram Nanny liderou a luta para impedir que fossem escravizados de novo.

— Ela tinha todo tipo de estratégia de guerra — contou Amy — garantia que as cidades só tivessem um ponto de entrada, como no topo de um penhasco, para que eles pudessem controlar quem entrava e quem saía. E, oh, você vai adorar isso, Dan: foi ela quem teve a ideia de os Maroons colocarem folhas e galhos nas roupas. Então eles se escondiam até os britânicos estarem praticamente em cima deles e depois pulavam num ataque surpresa. Aqui diz que, em uma das batalhas, os Maroons estavam em grande desvantagem numérica, mas, ainda assim, conseguiram matar todos os soldados britânicos, exceto um.

Nellie sorriu:

— Cara, estou adorando isso. Primeiro uma menina pirata e agora essa Nanny. É demais, não é? — ele comentou enquanto olhava de relance para Amy.

— O que tem de tão demais nisso? — perguntou Dan.

— Mulheres — respondeu Nellie — mulheres dando surra em todo mundo.

* * *

A entrada do Parque Nacional dos Heróis era bastante suntuosa para uma ilha descontraída como a Jamaica: o grande monumento de guerra era guardado por soldados vestindo elegantes uniformes. Após poucos minutos de caminhada para o lado leste do parque eles chegaram a uma tríade de esculturas de metal, altas como um mastro de bandeira. Dan correu na frente para ler as plaquinhas.

— É esta aqui! — ele berrou.

As meninas foram depressa até lá.

MONUMENTO À
EXCELENTÍSSIMA NANNY DOS MAROONS

— Talvez seja algum tipo de código — ponderou Dan em dúvida.

Amy apontou para a escultura de metal mais próxima. No topo havia um grande chifre de metal que parecia aqueles vasos em forma de chifre, chamados cornucópias, usados no feriado de Ação de Graças.

— Aquele chifre — ela disse — eu li sobre ele num dos sites. É chamado de *abeng*. É da tribo axânti, em Gana, na África. A Nanny era de lá. Ela usava o chifre para avisar seus guerreiros durante as batalhas.

A escultura era construída para que os visitantes pudessem ouvi-la, além de vê-la. Quando o vento soprava, o chifre produzia um som leve, porém arrepiante, quase como um lamento.

Dan inclinou a cabeça, escutando com atenção por um instante. Depois abriu um sorriso.

— Esse som quer dizer que o chifre é oco.

— Pode haver alguma coisa dentro dele! — exclamou Amy.

Os três correram até a base da escultura. O próprio mastro era feito de metal, retorcido de maneira regular, lembrando uma espécie de corda.

— Eu sempre quis escalar um mastro de bandeira — disse Dan, ansioso.

Amy olhou em volta. Havia algumas poucas pessoas ali perto, mas nenhum delas parecia ser segurança do parque.

— Como vocês acham que eu deveria fazer isso? — perguntou Dan.

— Eu vi um programa de TV sobre uns caras que catam cocos em países tropicais — comentou Nellie — eles amarram uma corda em volta do tronco e a usam para escalar.

— Certo — disse Dan — corda, por favor.

Nenhum deles tinha uma corda, é claro.

Dan estalou os dedos. Pegou o celular, digitou um número e esperou.

— Pra quem você está ligando? — perguntou Amy.

Ele ergueu um dedo, pedindo que a irmã esperasse.

— Ei, Hamilton, sou eu — disse Dan — tenho uma pergunta pra te fazer. Você já escalou um mastro de bandeira?

Capítulo 11

E não é que Hamilton Holt era um campeão de escaladas de mastros de bandeira? Ele explicou que escalar todo tipo de obstáculos fazia parte do treinamento da família Holt. Dan recebeu instruções detalhadas em troca da promessa de contar a Hamilton o que havia dentro do chifre, caso houvesse alguma coisa.

— Eu não sei... — Amy hesitou.

— Vale o risco — argumentou Dan — talvez não tenha nada dentro do chifre. E mesmo se tiver, eu não prometi dar a coisa pra ele, só contar o que é.

Ele repassou as instruções de Hamilton:

— O Ham disse que, se o mastro é de metal, as roupas fazem você escorregar.

Ele tirou a camiseta.

Nellie arregalou os olhos:

— Você vai tirar toda a roupa? — ela perguntou.

— Tá maluca? — disse Dan. — Não vou escalar isso aí pelado!

— Foi você que disse...

— Ele mandou eu ficar de tênis e tirar o máximo de roupa possível — explicou Dan — não acho que eu precise ficar *totalmente* pelado.

Nellie cobriu a boca com a mão e desviou o rosto, Amy limpou a garganta várias vezes. Ambas estavam disfarçando risadinhas. Que imaturas. Ele decidiu ignorá-las.

— Preciso manter meu corpo o mais perto possível do poste, enrolando as pernas em volta dele — continuou Dan — então eu estendo as mãos para cima, reposiciono os pés e me impulsiono para o alto.

— Tome cuidado — pediu Amy.

Ela e Nellie ficaram em lados opostos da base da escultura.

Dan deu uma última olhada em direção ao chifre. Então agarrou o mastro, enrolou as pernas em volta dele e começou a se puxar para cima, um pouquinho por vez.

As bordas do mastro retorcido se cravaram em suas pernas queimadas pelo sol, fazendo-o franzir o rosto de dor.

Após avançar certa de quinze centímetros, ele se soltou e caiu de volta no chão.

— Certo — disse, flexionando dedos e mãos. Segurar com tanta força era dolorido — já tive uma ideia de como é.

Olhou outra vez para o topo do mastro. De repente, o chifre parecia estar muito mais longe.

— É mais difícil do que eu esperava — Dan concluiu.

— Quer que eu tente? — perguntou Nellie.

— Não, valeu, vou tentar mais uma vez — ele se sentiu quase insultado com a oferta.

— Se nós te déssemos impulso, você poderia começar mais do alto — sugeriu Amy.

Depois de algumas manobras, vários gemidos e mais de um "ai", Dan conseguiu se erguer com um pé apoiado no ombro de Nellie e o outro no de Amy, segurando-se no mastro.

— Muito melhor assim — ele disse.

Ele agora já estava a quase meio caminho do topo. Com cuidado, Dan tirou o pé direito do ombro de Amy e enrolou a perna em volta do mastro.

— Lá vou eu — informou, tirando o pé esquerdo do ombro de Nellie.

Mãos... Pés... Mãos... Pés... Hamilton tinha dito para ele manter um ritmo regular. Era quase como se as mãos de Dan começassem a ansiar pelo pequeno repouso que tinham quando ele as soltava do mastro para movê-las mais para cima. No que pareceu quase um piscar de olhos, ele alcançou o topo.

— Consegui! — ele gritou para as meninas lá embaixo.

Primeiro erro. A altura era muito maior do que tinha imaginado! Não era como estar num avião ou em cima de um prédio. Nada o mantinha no topo além de seus próprios músculos.

Dan engoliu em seco. *Certo, então não olhe pra baixo de novo*, disse a si mesmo com firmeza.

— Olhe dentro do chifre! — Amy estava gritando de volta. — Está vendo alguma coisa?

A operação ficou complicada. Ele estava bem colado na lateral do chifre. A abertura larga ficava a quase um braço de distância do mastro. Não havia jeito de ele conseguir olhar dentro do chifre.

— Não vai dar — ele concluiu. — Vou ter que simplesmente tentar pegar alguma coisa.

Ele se segurou no mastro com a mão esquerda e esticou a direita. Cautelosamente, enfiou a mão dentro da abertura.

Não havia nada além do interior metálico do chifre.

Ele se ajustou para se prender melhor no mastro e vasculhou um pouco mais fundo. Então sentiu mais alguma coisa... espinhosa? Não, rastejante.

— Eca! — ele gritou.

Com um gesto apavorado da mão, ele arrastou para fora a coisa misteriosa em que havia encostado e a arremessou para o chão.

* * *

Amy soube o que era aquilo no exato momento em que o viu caindo lá de cima. Era seu pesadelo secreto. Reconheceria o animal instantaneamente em qualquer lugar.

Tubarões eram assustadores. Cobras venenosas eram assustadoras. Aranhas enormes eram assustadoras. Mas, para Amy, aquela criatura em particular era muito pior. Não apenas apavorante, era quase... maligna.

Amy sabia que aquilo era irracional. Os animais não eram malvados, eram o que eram. Talvez ela até devesse *admirar* aquele bichinho: ele existia havia milhos de anos e tinha sobrevivido quando outras espécies não

conseguiram se adaptar. Mas Amy não podia evitar. Esse medo estava tão intrincado nela que parecia fazer parte do seu DNA. Era involuntário.

Ela mal pôde ver a cor e o tamanho do bicho – preto e pequeno – enquanto ele caía pelo ar, mas a palavra já explodia em sua mente.

Escorpião!

* * *

Diante dos olhos horrorizados de Amy, escorpião caiu na cabeça de Nellie, quicou uma vez e parou nas costas, logo abaixo dos ombros.

— Nellie — ela sussurrou.

Na verdade não era nem um sussurro; ela quase não tinha movido os lábios.

Amy sentiu um pânico que conhecia bem. Do tipo que a deixava congelada, incapaz de se mexer ou falar.

Não!, ela gritou para si mesma. *NÃO CONGELE... Mexa alguma parte do corpo, qualquer uma!*

Ela fechou e abriu os punhos. Foi só uma vez, mas de algum modo aquilo pareceu ajudar. Ela quase conseguia sentir o sangue correndo em suas mãos e braços e subindo para o resto do corpo.

Então ela forçou sua voz a sair:

— Nellie — ela disse. — Não. Se. Mexa.

Amy se agachou e recolheu a camiseta que Dan tinha jogado no chão. Depois andou nas pontas dos pés na direção de Nellie.

Agora via claramente o escorpião. Só tinha uns poucos centímetros de comprimento, mas, ainda assim, parecia maligno, com a cauda curvada sobre as costas e as pinças erguidas.

Amy agarrou a camiseta com ambas as mãos. Respire fundo...

Ela juntou as mãos depressa, fazendo o tecido se fechar em volta do escorpião. Apertou com força e sentiu alguma coisa estalar ao ser esmagada. Então jogou a camiseta o mais longe que pôde e desmoronou no chão.

Nellie saiu imediatamente do modo estátua.

— Cara — ela perguntou — o que foi isso?

Amy mal conseguia respirar.

— Esc-corpião — ela gaguejou. — Não sei se... se eu matei...

Nellie andou até a camiseta e espiou com cuidado, mantendo uma distância segura.

— Eca — ela disse. Então sorriu para Amy. — Esse aqui já era.

Nellie recolheu a camiseta e sacudiu os restos de escorpião morto e agradeceu:

— Valeu, moça.

Amy engoliu em seco:

— Disponha — ela respondeu com a voz trêmula.

* * *

— Ei – Dan gritou do topo do mastro. — Estou sozinho aqui em cima. Todo mundo está bem aí embaixo?

— Ahã — disse Nellie — sua irmã acaba de matar um escorpião.

— Mentira! — duvidou Dan.

— Verdade — respondeu Nellie. — O que está acontecendo aí em cima?

— Mais uma tentativa — disse Dan — só espero que esse escorpião não more com toda a família.

Ele se segurou no mastro com a mão direita e soltou a esquerda, agitando os dedos para evitar câimbras. Então voltou a abraçar o mastro.

— É melhor que tenha algo bem valioso aí dentro, tipo rubis — disse.

Ele enfiou a mão no chifre mais uma vez.

Nada de bichos rastejantes. Bom.

Nada de nada. Ruim.

— Se tem alguma coisa aqui dentro, não consigo alcançar — ele gritou sem olhar para baixo — parece empoeirado. Estou sentindo um pouco de cascalho, mas é só isso.

Ele tirou a mão. Estava muito suja. E seu outro braço estava doendo loucamente.

Dan fechou os olhos por um instante e tentou se concentrar. O chifre era oco... Como era possível esconder algo dentro de um espaço tão vazio como aquele? Não era como a caverna, não havia nenhuma pedra embaixo da qual alguém pudesse enfiar coisas...

Espera. De certo modo, era como uma caverna. A abertura do chifre era coma a da caverna... e Amy tinha descoberto o símbolo dos Tomas do lado de dentro, acima da entrada...

Dan subiu mais alguns centímetros no mastro. Então começou a tatear o interior da abertura do chifre. No topo, sentiu uma espécie de saliência no metal... Talvez uma proeminência no ponto em que havia sido soldado? Com as pontas dos dedos, ele foi seguindo o relevo.

Era uma tira muito fina de metal, com quase metade da circunferência do chifre: uns vinte centímetros de comprimento, talvez um pouco mais.

Ele cutucou um dos cantos dela com a unha. A tira não estava soldada no chifre, pois o canto se soltou quando ele cutucou. Estava grudada no metal com algum tipo de adesivo.

— Por favor, por favor, por favor — ele sussurrou, com urgência.

Pouco a pouco, foi descolando a tira de metal. Só quando ela se soltou inteira, Dan se deu conta de como seu braço estava amortecido.

— Estou descendo — ele avisou. Depois abriu um sorriso. — E encontrei um amigo.

— OBA! — Amy ergueu os braços num gesto de triunfo.

* * *

Era uma tira de ouro, mole o bastante para se moldar à curva do chifre e se torcer no canto que Dan havia cutucado. De perto, eles viram que na verdade eram duas tiras fundidas numa só.

— Mas não tem nada a ver com o lobo — disse Dan, decepcionado.

— Tudo bem — insistiu Amy — mesmo assim, obviamente é alguma coisa que tem a ver com a busca pelas pistas.

Havia letras em relevo gravadas em todo o comprimento da tira e de ambos os lados. Letras tão pequenas que eram impossíveis de ler. Os três tentaram e Dan foi o único que achou ter conseguido distinguir algumas.

— Estou vendo uns Os, esses são fáceis — ele disse — e talvez alguns Ms? Ou podiam ser Ws?

— Tenho um espelho de aumento no carro — falou Nellie.

Enquanto eles andavam até o estacionamento, Dan vestiu a camiseta de volta.

— Que nojo — disse Nellie, apontando para a frente da camiseta.

Dan olhou para baixo e viu as manchas.

— Legal — ele se alegrou. — Tripas de escorpião!

Capítulo 12

Honrando sua palavra, Dan telefonou a Hamilton para contar o que tinha achado. Desta vez, a ligação estava terrível, o que acabou funcionando a favor dos irmãos Cahill; Hamilton claramente não entendeu nadica de nada da

conversa. Mas Amy concordou com Dan que tinha cumprido sua parte no acordo.

Agora eles estavam no carro, examinando a tira de ouro com a ajuda de um espelho de aumento que Nellie havia tirado da mala.



— As primeiras quatro letras são e-k-t-o — disse Dan.

— *Ekto* — repetiu Nellie — isso é grego. Significa “externo” ou “fora”. Depois m-a-l, certo? Ou seja, tem a ver com maldade.

Ela franziu a testa e continuou:

— Depois, “u-j-a”, e então as letras se repetem. Mas não sei o que quer dizer “uja”.

— Será que J-A é de Jamaica? — sugeriu Dan. — e o U talvez seja de “universidade”. Externo, mal universidade da Jamaica?

— Isso não faz sentido — respondeu Amy.

Alguma coisa nas letras parecia vagamente família a Amy... O que era?

— “Ekto” e “mal” parecem mesmo algum tipo de aviso — concluiu Nellie. —Provavelmente faria sentido se a gente soubesse o que significa “uja”.

Amy sentiu uma pontada de dor. *Nós três investigando juntos de novo... Mas agora está tudo diferente e nunca mais vamos conseguir confiar nela. Não como antes...*

IIIIIIIRRRRRC!

Amy ergueu a cabeça depressa. Uma grande caminhonete de luxo estava entrando rápido demais no estacionamento.

Dan começou a gritar:

— VAI, NELLIE! DIRIGE! SAI DAQUI AGORA!

Nellie obedeceu instantaneamente: engatou a marcha e partiu para a saída do estacionamento. Ela se enfiou no trânsito, forçando carros de ambas as direções a brecarem de repente. O motorista da caminhonete precisou esperar o trânsito desengarrafar antes de fazer a curva atrás deles.

— O quê...? — perguntou Amy.

— Os Cobra — respondeu Dan, soturno.

Os Kabra os tinham seguido até a Jamaica.

* * *

Com manobras muito criativas, algumas das quais talvez não fossem permitidas por lei, Nellie conseguiu despistar a caminhonete no centro de Kingston. Agora eles estavam escondidos num beco, atrás de uma loja de artigos esportivos.

— Não aguento mais esses caras! — desabafou Dan, irritado. — São sempre eles que perseguem a gente. Por que é que a gente não pode perseguir eles, só pra variar?

Os lábios de Amy estavam pálidos.

— Nós... nós temos que ficar longes deles — ela sussurrou. — Principalmente de Isabel.

— Nisso eu concordo com você — disse Nellie. — Vejamos... — ela começou a contar nos dedos — ... Amy e os tubarões, cobras na mina, o incêndio na Indonésia, nós três no hangar de aviões. Qual vocês acham que vai ser o próximo showzinho dela?

Amy hesitou. Depois disse em voz baixa:

— Você esqueceu de um.

Nellie viu a expressão no rosto de Dan mudar de raiva para angústia. Amy fechou os olhos.

Os pais deles, pensou Nellie. Anos atrás, quando Amy tinha 7 anos e Dan apenas 4, Isabel Kabra tinha deliberadamente, a sangue-frio, começado o incêndio em que Hope Cahill e Arthur Trent morreram.

Fazia muito tempo que Nellie sabia disso, é claro. Mas era apenas em certos momentos que ela realmente se dava conta do fato. Tentou imaginar como seria saber que a pessoa que assassinou seus pais estava solta no mundo e tentando matar você também.

— Aquela *bruxa* — ela disse num tom amargo. — Qualquer pessoa capaz de ameaçar jogar crianças num mar cheio de tubarões...

De repente, Amy abriu os olhos e Nellie quase sentiu a eletricidade do entusiasmo estalando nela.

— Está com ela — anunciou Amy. — O ícone dos Janus.

* * *

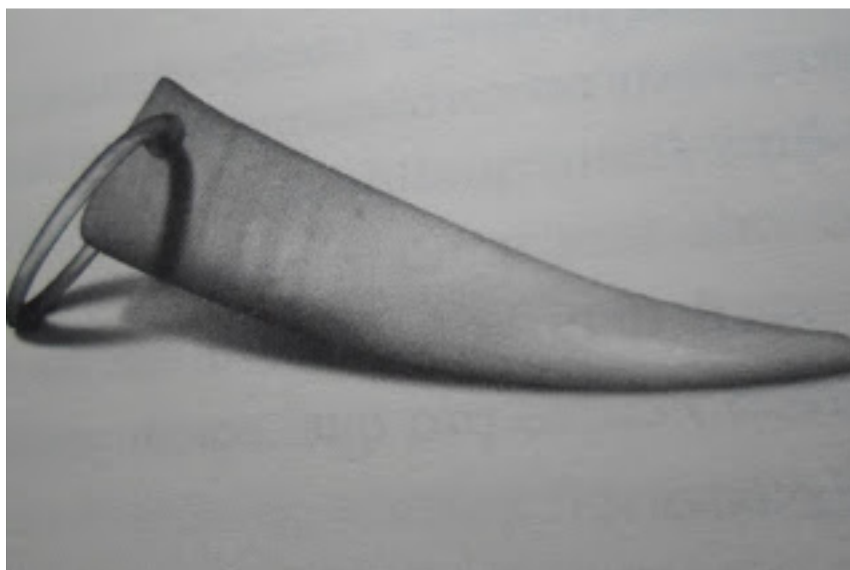
Amy tinha fechado os olhos para tentar bloquear a imagem da morte dos pais. Mesmo a lembrança de estar naquele barco na Austrália com Isabel era melhor que pensar em como a mãe e o pai tinha morrido...

Foi um som, não uma imagem, que veio primeiro à cabeça dela. Um som metálico, como algo chacoalhando, quase tilintando.

A pulseira de Isabel. Escorregava em seu pulso conforme ela apontava para a água. Uma pulseira de ouro.

Amy não tinha pensado sobre aquilo na hora, é claro. Estava ocupada demais morrendo de medo. Mas agora a imagem estava ficando mais nítida.

Os amuletos... Como a lente de uma câmera dando zoom, a memória de Amy se concentrou em um amuleto específico. Triangular, pontiagudo... Ela podia vê-lo em sua mente com perfeita clareza.



Ela piscou, de repente se dando conta de uma coisa.

— Nós tínhamos razão — ela disse. — Lembra do manifesto? Os ossos dos animais?

— É uma mandíbula de lobo? — perguntou Dan, estupefato.

Amy fez que não com a cabeça:

— Não é a mandíbula inteira — ela respondeu. — Um dente... Uma presa, bem como você queria. E nós vamos roubá-la daquela mulher.

* * *

Planejar uma emboscada estava dando muito trabalho.

— A Excelentíssima Nanny provavelmente tinha semanas para planejar suas emboscadas — reclamou Dan — bem que ela podia dar uma ajudinha pra nós.

Os irmãos Cahill puseram mãos à obra. Escolheram o local após uma breve escala no centro de informações turísticas: um parque florestal perto de Kingston, onde um circuito de arborismo estava sendo construído perto de uma cachoeira. Eles passaram a tarde conferindo o local e comprando alguns equipamentos.

Apesar dos protestos (muito enfáticos), Nellie foi obrigada a ficar no carro durante o reconhecimento do parque. Amy fizera questão disso.

— Isso não tem nada a ver com a carta de Grace, portanto você fica de fora outra vez. Precisamos que você espere no carro pra que a gente possa sair daqui no final. E é isso.

Nada que Nellie dissesse faria a menina mudar de opinião. Num hotel em Kingston, Amy dormiu mal aquela noite, exausta, porém ligada. De manhã, viu nos rostos de Dan e Nellie que eles também não dormiram bem. Mas não podiam mais esperar. Tinha que achar os Kabra antes que os Kabra os achassem.

Depois do café da manhã, Amy acenou com a cabeça para Nellie.

— Dê o telefonema — ela ordenou.

— Desde quando você virou presidente de uma grande corporação? — resmungou Nellie. Ela digitou o número.

Ironia. Essa era a palavra certa. Amy sabia que McIntyre tinha algum tipo de ligação com os rivais deles, e Nellie tinha uma ligação com McIntyre. A traição da *au pair* tinha se tornado uma ferramenta que os irmãos Cahill agora usavam para tentar ganhar vantagem.

Nellie falou brevemente ao telefone e pediu que McIntyre transmitisse uma mensagem para os Kabra.

Então eles guardaram tudo no carro e fora para o parque.

* * *

Nellie estava no carro, na rua logo depois da entrada do parque. Dan estava sentado com Amy numa mesa de piquenique, na beira da trilha que levava para dentro da floresta, protegida por uma fileira de árvores.

Os Kabra apareceram pontualmente na hora prevista. Seu utilitário, agora bem conhecido, entrou no estacionamento de terra da reserva florestal. Isabel saiu do banco do motorista e andou na direção da trilha, seguida de Ian e Natalie.

O coração de Dan estava pulando na garganta. Em todos os outros confrontos com Isabel, eles estavam fugindo. Agora era diferente. Desta vez, queriam que ela estivesse ali.

Ele lambeu os lábios. O que acabou sendo à toa, pois sua boca estava quase sem saliva alguma.

— Pronta? — ele perguntou.

Amy tinha aquele olhar de coelhinho assustada, mas confirmou com a cabeça. Ele viu a irmã fechar e abrir os punhos.

Dan expirou uma vez, com força. Depois, fingindo surpresa, ficou de pé num pulo.

— Amy! Os Kabra... CORRA! — ele gritou.

Eles subiram correndo pela trilha por quase meio quilômetro até ela se bifurcar em duas trilhas menores. Dan pegou a da esquerda, enquanto Amy ia pela direita. Quando eles se separaram, Dan arriscou um olhar de relance por cima do ombro.

Todos os três Kabra estavam atrás deles. Isabel Kabra corria a toda velocidade, seus filhos mal conseguiam acompanhar o passo.

— Ian! Vai atrás do menino! — Isabel gritou.

Dan agora subia, ofegante, uma ladeira íngreme. Em pouco tempo, ele alcançou uma placa fincada na beira da trilha de terra:

EM BREVE!
CIRCUITO DE ARBORISMO BLUE MOUNTAIN
DIVERSÃO E AVENTURA PARA TODA A FAMÍLIA!

O circuito de arborismo tinha várias estações espalhadas por alguns quilômetros quadrados de terreno. Dois homens estavam trabalhando nas últimas estações, mas o começo do circuito estava terminado... e deserto.

Dan seguiu depressa a trilha por vários metros até ela se abrir numa pequena clareira. Havia uma cabana rústica, recém-construída, do lado

esquerdo, e à direita, a primeira estação do circuito de arborismo: hastes de madeira pregadas ao tronco de uma grande árvore, formando uma escada.

Era bem no estilo de Nanny. A escada era o único ponto de entrada para o circuito de arborismo.

Depois de subir metade da escada, Dan conferiu para ver se Ian ainda o seguia. Para que o plano funcionasse, ele precisava garantir que Ian não o perdesse de vista. Dan ouviu pegadas e alguém respirando com dificuldade. Satisfeito, continuou subindo.

Cerca de vinte metros acima do chão havia uma pequena plataforma de madeira. Um cabo pesado de metal levava a uma segunda plataforma em outra árvore. Havia meia dúzia de roldanas instaladas no cabo. As roldanas eram dotadas de grandes presilhas também de metal, que deviam ser presas a coletes. Sem colete, Dan agarrou a presilha mesmo.

Quando Ian entrou na clareira e o avistou, Dan se lançou no ar, segurando-se na presilha com toda a força. Ele já tinha feito alquilo antes, quando eles foram conferir o lugar, por isso já sabia como seria a sensação.

Se Ian não estivesse atrás dele, rolar por aquele cabo teria sido uma das coisas mais divertidas que Dan faria na vida. Na verdade, mesmo assim foi bem divertido. Durante os primeiros momentos, não pensou nem em Isabel nem nos Madrigal ou na busca pelas pistas. Apenas se segurou firme enquanto cortava o ar em alta velocidade, o céu passando acima dele e o chão lá embaixo.

Dan aterrissou na segunda plataforma e olhou para trás. Como planejado, Ian estava subindo a escada atrás dele.

A próxima estação era outro cabo igual ao primeiro. Depois Dan cruzou o terceiro obstáculo, uma ponte de corda que cruzava um córrego seco. À frente ele podia ver a plataforma de aterrissagem e, atrás dela, um longo trecho de rede de carga.

Começando a escalar a rede, Dan murmurou uma súplica desesperada:

— Por favor, por favor, tomara que isso funcione...

A rede era dividida em duas seções que subiam mais ou menos a um ângulo de 45 graus. A primeira seção terminava numa barra horizontal disposta entre duas árvores. Depois um segundo trecho pendia de vários ganchos sob a próxima plataforma de aterrissagem.

O *timing* tinha que ser exato. De pé na plataforma, Dan fingiu que estava sentindo câimbra e se agachou, segurando a lateral do corpo. Ian atravessou a ponte de corda e pulou em cima da rede pesada.

Ele começou a escalar mais depressa ao ver que Dan não estava se mexendo.

Espere o momento... espere...

Quando Ian já havia subido dois terços da primeira seção da rede, Dan ficou de joelhos. Desenganchou a segunda rede de debaixo da plataforma, amarrotou a parte de cima para conseguir segurar tudo com uma mão só e depois jogou a rede no ar com toda a força que tinha.

Ian gritou.

Dan também gritou.

Dois gritos totalmente diferentes: um de pânico, o outro de triunfo.

Ian tinha sido capturado.

Capítulo 13

Amy soube que estava em apuros assim que os Kabra saíram do carro.

Ela e Dan tinham contado com o fato de que Isabel estaria impecavelmente vestida e arrumada como sempre, usando seus sapatos de salto agulha de grife. O plano era atrair Ian para um lado e Natalie para outro, dentro da floresta, onde com certeza Isabel não os seguiria. Dan ia deter Ian, Amy ia deter Natalie, e depois eles voltariam para enfrentar Isabel sozinha.

Mas Isabel estava usando tênis de caminhada e correndo passo a passo com Natalie.

Seriam duas contra uma na cachoeira.

Amy já tinha ido reconhecer o terreno antes, por isso ganhou uma vantagem sobre os Kabra quando deixou a trilha principal e tomou uma menor que atravessava a floresta. Se Natalie estivesse sozinha, Amy poderia ter tentado despistá-la. Mas ela tinha de manter controle sobre onde Isabel estava, o que exigia que continuasse correndo até a cachoeira.

Ela passou por uma pequena ponte de madeira que cruzava um riacho. Alguns metros à frente, alcançou a clareira na base da cachoeira, que ficava encravada entre duas paredes rochosas cobertas de samambaias e outras plantas exuberantes. A água caía por sobre uma série de plataformas de pedra, quase como uma escada íngreme.

Amy pulou dentro da água e começou a escalar as pedras, bem na direção da cachoeira. Havia quatro plataformas de pedra que podiam ser escaladas. Amy foi subindo depressa mas com cuidado, pois as pedras eram escorregadias, cobertas de musgos e algas.

A quinta plataforma era alta demais para ser alcançada. Formava o telhado de uma caverna pequena e não muito profunda, com a água escorrendo pela frente como uma cortina. Já encharcada, Amy escalou a quarta plataforma e escorregou pelo meio da cachoeira.

Não era exatamente um esconderijo. Bastava dar uma única olhada na cachoeira e qualquer pessoa poderia adivinhar onde ela tinha se metido.

Amy deu alguns passos na direção do fundo da caverna e achou o equipamento que ela e Dan tinham deixado ali mais cedo: uma rede contra pernilongos e um pedaço de corda. Segundo o plano, se não conseguisse despistar Natalie, Amy iria atraí-la até ali, jogar a rede em cima dela e depois amarrá-la. Tinha sido ideia de Dan, depois de decidir prender Ian na rede de escalada. Devia estar com a ideia fixa em redes.

Não era um plano muito bom desde o começo. Amy tinha sérias dúvidas sobre sua capacidade de amarrar Natalie. E agora, com Isabel em cena também…

As mãos de Amy estavam tremendo. O que ela podia fazer contra aquelas duas? Ela olhou em volta desesperada, como se a solução pudesse brotar do ar de repente.

Nada. Sua mente estava em branco, exceto por uma sensação de terror. A qualquer instante, a assassina de seus pais entraria por aquela cortina de água.

* * *

Se Isabel não estivesse bem do seu lado, Natalie não sabia se teria reconhecido a mãe. Ela estava encharcada – totalmente deselegante – e escalando as pedras mais depressa do que Natalie achava possível.

Isabel atravessou a cachoeira com a filha bem atrás de si. Natalie observou a mãe sacudir a cabeça de leve, para soltar um pouco a água de seus cabelos. De repente, ela não estava mais com pressa.

Natalie viu Amy parada contra a parede de pedra. Isabel estendeu a mão.

— O dragão, por favor? — ela levantou a voz para se fazer escutar por sobre o estrondo da cachoeira. Mesmo assim, Natalie ficou impressionada com a postura totalmente calma da mãe. Era como se ela estivesse pedindo a Amy um chocolate ou algo do tipo.

— Não… não está comigo — respondeu Amy, afastando-se de Isabel. — Pode me revistar se quiser. Estou falando a verdade. Não está aqui, eu deixei lá na cidade.

— Nesse caso, você vem conosco — disse Isabel. — Onde estão seus comparsas? Tanto faz, não importa. Vamos dar um jeito de transmitir a mensagem para eles e tenho certeza de que quando eles ouvirem os… bom, os planos que tenho para você… eles virão correndo.

Natalie não sabia quais eram os planos da mãe, mas não seriam um almoço e um passeio no shopping, sobre isso não havia dúvidas. Ela sentiu um pequeno embrulho no estômago.

Sem sangue. Por favor, sem sangue. É… é tão… repulsivo.

Natalie imediatamente se sentiu culpada por sua deslealdade, mas ainda não conseguia evitar o pensamento.

Isabel deu um passo à frente, agarrou o braço de Amy e a arrastou através da cortina de água. Forçou a garota descer os degraus de pedra, apertando tão forte que Amy gritou de dor. Natalie foi atrás, quase perdendo o equilíbrio várias vezes na superfície escorregadia.

— Vamos voltar para a cidade e você vai me dar esse dragão — disse Isabel, como se não houvesse nada mais simples — então vamos entrar em contato com aquela babá.

Elas voltaram para a trilha principal. Amy estava fazendo o possível para lutar contra a mulher que a tinha capturado, mas sem êxito. As mãos de Isabel pareciam de ferro.

A pequena ponte de madeira surgiu à vista. Então…

— AMY! CORRA!

Natalie viu Amy reagir imediatamente. Ela deu uma cabeçada para trás, acertando o queixo de Isabel. Isabel gemeu de dor enquanto Amy se libertava de suas mãos e atravessava a ponte correndo.

De repente, elas ouviram algo chacoalhando. Natalie não conseguia identificar o que era. Ela e Isabel correram para cima da ponte.

Tarde demais, Natalie viu dezenas de pequenos objetos marrons e redondos rolando na sua frente. Ela escorregou em um deles e perdeu o equilíbrio. A mesma coisa aconteceu com Isabel. Natalie agarrou uma das estacas da ponte para impedir a queda. Sua mãe não teve tanta sorte.

Isabel caiu e bateu a cabeça numa viga de ferro. Desmoronou no chão, inconsciente.

Natalie gritou. Viu sangue brotando de um corte feio na testa da mãe.

Então ela ouviu alguém dizer.

— Cocôs de cachorro de grife. Eu sabia que iam servir para alguma coisa.

* * *

Amy mal conseguia acreditar no que estava vendo.

Era Nellie.

Ela tinha jogado dezenas de nozes-moscadas na ponte e agora estava de pé do outro lado, sacudindo um saco vazio.

Nesse instante, Amy ouviu passos se aproximando.

— Amy?

Era Dan. Ele surgiu e parou de repente para assimilar a cena que se desenrolava á sua frente.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

Nellie amassou o saco e pôs a mão no quadril.

— Tiro folga quando eu quero, não quando alguém me dispensa — falou, olhando fixo para Amy.

Amy olhou para Nellie, seus olhos arregalados de surpresa.

— Legal! — Dan brandiu o punho. — E Ian está preso dentro da rede… vai demorar séculos pra arranjar um jeito de descer. Você pegou a presa de lobo?

Amy piscou.

— Ainda não — ela disse.

Os três subiram na ponte. Isabel estava caída de costas, seus membros esparramados numa posição esdrúxula. Amy mal conseguia pensar direito. Era muito estranho ver a invencível e assustadora Isabel caída no chão, como uma boneca abandonada por uma criança.

— A gente podia... — a voz de Dan saiu rouca — ... A gente podia garantir que... que ela nunca mais incomodasse a gente.

Amy olhou para ele, assombrada. *Como ele sempre parece saber o que estou pensando?*

— Hã, não estou falando de... — Dan tropeçou nas palavras. — Mas se... se talvez tivesse alguma coisa que deixasse a Isabel... meio que fora de ação? Durante, tipo, um mês?

O que eles podiam fazer? Bater na cabeça dela de novo… de que adiantaria isso? Quebrar alguns ossos? Dar uns chutes fortes no estômago e torcer para causar ferimentos internos?

Amy só tinha levado alguns segundos para ter essas ideias, porém já sabia a verdade.

— Não podemos — sussurrou.

Ela não se referia apenas à impossibilidade física. Queria dizer que eles não podiam se vingar de Isabel daquele jeito. Eles já tinham concordado que buscavam justiça, e não vingança. Aquela era outra oportunidade de provar que eram diferentes dos outros Madrigal.

Dan suspirou pelos dois, um suspiro que era tanto de alívio como de desapontamento.

* * *

Natalie estava ajoelhada junto a Isabel. Tinha tirado o casaco e estava apertando o braço da roupa contra o ferimento na testa da mãe. Olhou para cima.

— Ela está sangrando. Por favor, vocês podem me ajudar?

Amy nunca tinha visto Natalie daquele jeito. É claro que ela estava encharcada, o que não ajudava muito, mas, mesmo assim, Amy percebeu que todo o seu refinamento havia sumido. Natalie parecia uma menina de cinco anos apavorada.

Nellie deu uma conferida rápida em Isabel.

— O pulso e a respiração dela estão bem. Mas esse corte talvez precise de pontos.

— Pontos? Você quer dizer... uma cicatriz? — Natalie perguntou, parecendo horrorizada.

Nellie a ignorou.

— Quer ter as honras da casa? — ela perguntou a Amy.

Amy hesitou por um instante. *Ela não está morta... não é como encostar em um cadáver,* disse a si mesma. Mesmo assim, foi aflitivo pegar o braço de Isabel e arregaçar sua manga.

Não tinha pulseira em braço nenhum.

— A presa — Amy se virou para Natalie — onde está?

Natalie cerrou os lábios e fez que não com a cabeça.

— Quer que a gente reviste sua mãe? Podemos fazer isso — disse Nellie com certo tom de ameaça na voz.

Amy olhou depressa para Natalie, depois outra vez para Nellie.

— Me dá um instante? — pediu Amy. — Você também, Dan.

Dan parecia indignado. Mas ele e Nellie saíram da ponte e foram esperar a vários metros de distância.

Amy se ajoelhou ao lado de Natalie.

— Eu preciso dessa presa — ela falou. — Se sua mãe começar a recuperar a consciência, vamos ter que nocauteá-la outra vez e isso não seria bom pra ela. Me diz onde está e nós ajudamos você a levar sua mãe para um médico.

Natalie franziu a testa, mas não disse nada.

Amy continuou pressionando.

— Ela talvez já tenha tido uma concussão. Quanto mais nós ficarmos paradas aqui, pior vai ser pra ela.

Natalie parecia desesperada.

— Uma troca — ela disse — você tem o dragão que ela quer. Eu te dou a presa, você me dá o dragão.

Amy balançou a cabeça.

— Não posso fazer isso — respondeu.

Um longo silêncio. Natalie tirou a compressa do ferimento da mãe. O sangramento havia estancado.

— Ela vai odiar ter uma cicatriz — Natalie sussurrou — você acha que a maquiagem vai cobrir?

A mãe dela está desmaiada e sangrando, e ela está falando em maquiagem?!

Mas Natalie parecia mesmo preocupada.

— Não entendo muito de maquiagem — comentou Amy, devagar. — Minha mãe... Ela nunca chegou a me mostrar. Eu só tinha 7 anos quando ela morreu. — Pausa. — Tem tantas coisas que eu nunca cheguei a fazer com ela.

— Compras — disse Natalie — essa é a coisa que minha mãe e eu fazemos juntas.

— Pois é — Amy sussurrou. — Eu nunca vou poder fazer compras com a minha mãe.

Natalie arregalou os olhos.

— Isso é terrível — disse.

Amy se inclinou para a frente.

— Natalie, por favor — ela pediu. — Sua mãe precisa ser levada a alguém que possa ajudá-la.

Natalie olhou outra vez para Isabel.

— Promete? — ela perguntou com a voz trêmula. — Promete que não vai... não vai mais machucar minha mãe se... se eu...

Amy levantou a mão, num gesto de escoteiro.

— Eu juro — falou.

Natalie enfiou a mão num dos bolsos internos da cintura da calça da mãe.

— Ela colocou aqui — Natalie explicou — disse que se alguma coisa acontecesse, talvez ela tivesse de tirar o casaco, mas alguém precisaria ser muito mais ousado para tirar sua calça.

— Bem esperta, sua mãe — comentou Amy, e estava sendo sincera.

Natalie levantou a aba do bolso pregada com velcro e tirou o canino de lobo, que estava numa argola de chaveiro.

— Ela achou isso faz séculos — disse — geralmente usa na pulseira de amuletos, mas hoje falou que era mais seguro esconder aqui.

Ela entregou o dente de animal para Amy, que o observou por um instante, depois o segurou com força na mão.

Amy ficou de pé.

— Não saia daqui — ela avisou — vamos chamar a emergência e alguém virá ajudar você.

Natalie franziu a testa, pensativa.

— Espera — ela interrompeu. — Você pode me amarrar?

— Você quer que eu te amarre? — Amy perguntou, surpresa.

Natalie confirmou com a cabeça.

— Quando ela acordar e descobrir que a presa sumiu…

— Ah, entendi — disse Amy. Ela abriu meio sorriso para Natalie. — Bem esperta, você — comentou, e outra vez estava sendo sincera.

Capítulo 14

De volta ao carro, Dan deu um “toca aqui” tão forte em Amy que a palma de sua mão doeu.

— Conseguimos! — ele berrou. — Os Cobra vão se contorcer e rastejar pra dentro de algum buraco! Rá!

Amy se permitiu aproveitar da empolgação do irmão durante alguns instantes. Sua própria reação tinha sido muito mais controlada. Ela se sentiu quase tonta com a ideia de que tinham realmente ido atrás de Isabel Kabra e conseguido se apoderar da presa.

O entusiasmo de Dan transbordou numa completa falta de precaução.

— Agora temos ícones de todos os quatro clãs! — ele comemorou, ignorando totalmente o olhar consternado de Amy.

Ótimo. Nellie só sabia das cobras e das presas, mas agora sabe tudo.

Dan continuou tagarelando.

— Mas ainda não sabemos pra que elas servem. O que vamos fazer agora?

Amy já tinha pensado em todos os detalhes.

— Nellie, você pode ligar para Miss Alice? Pergunte se ela se lembra de alguma coisa que realmente despertou o interesse de Grace quando ela esteve aqui. Quer dizer, alguma coisa além do brinco.

Os telefonemas seguintes se revelaram ainda mais produtivos do que eles haviam esperado. Miss Alice lembrava que Grace tinha ficado fascinada com o sítio arqueológico de Port Royal e havia passado muito tempo por lá. Por sugestão de Miss Alice, eles então telefonaram para Lester nos arquivos. Ele era historiador e por isso sabia tudo sobre Port Royal. Encontraria com eles lá quando saísse do trabalho.

A rota para Port Royal os levou para os Palisadoes, um longo trecho de terra que se curvava para dentro do oceano. A península era tão estreita que às vezes eles podiam ver as águas do porto de Kingston de um lado e o mar aberto do outro. Lester havia instruído Nellie a guiar até a igreja de São Pedro. Não era uma catedral grandiosa nem impressionante, apenas uma capelinha branca.

Lester já estava lá e os cumprimentou com aquele sorriso simpático.

— Esta é a igreja de São Pedro — ele disse. — Tem uma coisa aqui que eu quero que vocês vejam.

Ele os conduziu até os fundos da igreja, onde havia em pequeno cemitério.

— Este aqui — falou apontando para uma lápide no chão.

Amy leu a inscrição em voz alta.

— *Aqui jaz o corpo de Lewis Galdy, que deixou a vida em Port Royal em 22 de dezembro de 1739 aos 80 anos de idade. Nasceu em Montpellier, França, porém deixou o país devido a sua religião e veio instalar-se nesta ilha, onde foi engolido no Grande Terremoto do ano de 1692 e, por providência de Deus, foi por outro choque lançado ao mar e milagrosamente salvo nadando até que um barco o recolheu. Ele ainda viveu por muitos anos, com grande reputação. Amado por todos e muito lastimado no momento de sua Morte.*

— "Engolido no Grande Terremoto?" — perguntou Dan.

— Em 7 de junho de 1692 — respondeu Lester — um terremoto imenso, seguido de ondas gigantes e tremores secundários. Supostamente, Lewis Galdy caiu dentro de uma fissura, assim como várias outras pessoas. A maioria morreu quando os tremores secundários fecharam as fissuras. Mas de algum modo ele foi cuspido e foi parar a quilômetro dali, no mar.

— Que viagem! — exclamou Dan.

— Achei que você fosse se interessar — disse Lester, sorrindo.

— É incrível ele ter saído com vida! — Amy se espantou.

— O terremoto destruiu três terços da cidade — explicou Lester. — Vocês provavelmente notaram no caminho para cá. É um lugar bem calmo agora, apenas uma pequena vila de pesca.

— Deve ter sido um terremoto e tanto — comentou Nellie.

— Aposto que foram as ondas — disse Dan. — Que nem os tsunamis. Elas provavelmente alagaram tudo.

— Quase isso — concordou Lester — mas não exatamente. A cidade toda era construída sobre a areia. O terremoto e as ondas gigantes desestabilizaram o chão e a cidade inteira foi sugada para baixo pela areia movediça.

Dan ficou boquiaberto.

— Uma cidade inteira? Uau!

— Agora é chamada de Cidade Submersa e fica por ali — disse Lester, apontando para nordeste. — Eu faço algumas pesquisas para a equipe de escavação. A Cidade Submersa é considerada um dos sítios arqueológicos mais ricos do Caribe... Na verdade, de todo o hemisfério ocidental. Uma cidade do século XVII preservada embaixo d'água!

Amy achou o entusiasmo dele congelante. Adorava história, mas Lester a fazia perceber que não se tratava apenas de datas, lugares e nomes, o passado estava vivo ao seu redor, todos os dias.

— Também tem vários navios que são sítios arqueológicos importantes — ele explicou. — Eles estão sendo cuidadosamente escavados.

Amy estava prestando muita atenção.

— Podemos ir lá? Podemos ver alguma escavação?

Grace, ela pensou. *Miss Alice e Grace passavam muito tempo aqui. Provavelmente fuçando, procurando coisas relacionadas a Anne Bonny ou Nanny. Um sítio de escavação seria o lugar perfeito para começar a descobrir o que ela estava buscando...*

— Você gostaria de ver? — O sorriso de Lester estava ainda mais vasto que de costume. — Eles geralmente não permitem turistas, mas vou ver o que posso fazer — disse piscando.

Dan sorriu de volta para ele:

— Lester, você é massa!

Lester deu risada.

— Obrigado. Mas eu não sou italiano.

— Certo — respondeu Dan, alegre. — Lester, você é rasta!

* * *

No carro, quando eles passaram perto da beira do mar do outro lado da península, Amy se maravilhou pela centésima vez com a cor do mar.

— An-tur-ma-rúleo — ela sussurrou outra vez.

Depois piscou.

Amy tirou a lente e a tirinha de ouro da mochila.

— Que foi? — perguntou Dan. — Tem alguma coisa que nós não vimos?

Os olhos de Amy estavam brilhando.

— Entendi! — ela exclamou. — Não são palavras. São como umas... tipo umas abreviações.

Ela fuçou na mochila de novo, tirou uma caneta e seu bloquinho de anotações.

— Olhem — ela mostrou enquanto escrevia.

EKTOMALUJA
EK – Ekaterina
TOMA – Tomas
LU – Lucian
JA – Janus

— Legal! — disse Dan. — Só pode ser isso!

Então seu rosto se fechou.

— Mas é o mesmo problema de sempre. Mesmo tendo decifrado o que significa, não sabemos o que fazer com isso. — Ele bateu um punho fechado na palma da outra mão, frustrado. — É tão irritante!

Amy guardou a tira de ouro outra vez.

— Eu sei — ela respondeu — mas dois passos pra frente, um passo pra trás... mesmo assim estamos progredindo.

Dan se recusou a ser consolado.

— NENHUM passo pra trás seria bem melhor — ele resmungou.

* * *

A escavação de Port Royal era um sítio arqueológico, não uma atração turística. A maior parte do trabalho estava sendo feita num barracão não longe do píer principal.

Lester os levou para dentro do barracão. Era um espaço enorme sem divisórias. Havia mesas compridas ao longo de ambas as paredes laterais. Na parede dos fundos, viam-se escrivaninhas e computadores. Meia dúzia de pessoas estava na sala, trabalhando nas mesas ou nos computadores. No meio do galpão, havia caixotes cheios de objetos misteriosos e pilhas de coisas em cima e embaixo de lonas. Era impossível dizer o que eram as "coisas", tudo parecia estar incrustado com o mesmo tom verde amarronzado e acinzentado.

Amy sentiu uma pequena onda de entusiasmo percorrer seu corpo. Aquelas cores – ferrugem, cracas e algas – indicavam que tudo naquelas pilhas tinha vindo de debaixo da superfície do oceano. Da Cidade Submersa ou de navios...

— Este projeto pretende escavar cinco construções enterradas na areia que estão particularmente bem preservadas — explicou Lester. — Nas paredes, vocês verão reproduções arquitetônicas de como eram as casas naquela época.

— Alguma dessas coisas vem de navios piratas? — perguntou Amy.

— É possível — respondeu Lester. — Não estamos trabalhando propriamente nos navios. Isso está sendo feito por empresas particulares de recuperação. Mas Port Royal foi refúgio dos piratas por muitos anos. Talvez nunca tenhamos certeza, mas os artefatos que estão sendo encontrados nessas construções... é muito provável que alguns deles já tenham estado em mãos de piratas.

Amy lançou um olhar expressivo para Dan. Algo em que Anne Bonny tinha encostado podia estar bem naquele galpão.

— Vão, podem olhar à vontade — convidou Lester. — Por favor, não encostem em nada, mas terei prazer em responder às suas perguntas. Deste lado... — ele apontou para a parede esquerda — ... eles estão restaurando os objetos maiores e, na direita, os menores.

Amy e Dan andaram até o lado direito do barracão. Três pessoas estavam trabalhando nas mesas compridas, usando uma série de ferramentas diferentes. Algumas pareciam aparelhos de dentista: curetas e raspadores delicados. Havia lentes, lupas de joalherias e até mesmo um microscópio. Havia também todo tipo de escovas, desde o tipo que se usa para lavar pratos até os pincéis mais finos.

Uma mulher trabalhava no que parecia ser uma grande tigela. Outra tinha diante de si um conjunto de talheres de prata que pareciam muito sujos. Amy atravessou devagar o galpão de uma ponta a outra, parando de vez em quando para observar o trabalho. Era meticuloso, ela percebeu; provavelmente levava dias para limpar um único garfo.

— Usamos métodos mecânicos de limpeza primeiro — explicou Lester — o que significa que tentamos limpar os objetos a mão. Se uma coisa realmente não pode ser limpa desse jeito, então se usam produtos químicos. Mas isso é muito mais arriscado. Quando você não sabe ao certo de que é feita uma coisa, não sabe como ela vai reagir se for colocada num banho químico. Portanto, esse é o último recurso, feito na universidade. Aqui só fazemos a limpeza mecânica.

Amy avançou até as duas últimas mesas. Uma delas tinha objetos que já haviam sido limpos. Cada um estava embalado num saco plástico em com fecho, com uma etiqueta numerada. Na outra mesa havia objetos que precisariam de um banho químico. Nesses ainda se viam crostas de terra.

Amy observou os objetos limpos. A maioria parecia ser cacos quebrados de cerâmica. Um dos sacos tinha uma jarra de cerâmica com vários pedaços faltando. Uma elegante caixa de prata tinha curvas entalhadas em toda a superfície. Dois pratos de peltre pareciam quase intactos. Havia diversas garrafas de vidro, um punhado de cachimbos de barro e no mínimo doze colheres, cada uma em seu saquinho individual.

Dan agora estava parado do lado dela.

— Não sei como vamos conseguir encontrar essa coisa — ele comentou.

— Principalmente porque não sabemos que “coisa” é essa.

Desanimado, ele apontou para as pilhas no meio do galpão. Então seu braço parou no meio do gesto.

— Peraí — ele disse — não sabemos o que é a coisa, mas sabemos algo a respeito dela. Talvez a gente devesse procurar ursos, lobos e cobras, coisas desse tipo.

Amy ficou imóvel por um instante. As palavras de Dan haviam deflagrado um pensamento e ela transferiu o olhar das colheres para a caixa de prata.

Ela era toda coberta por desenhos entalhados, não só em cima, mas também dos lados. Os entalhes pareciam completamente aleatórios. Não havia lobos nem ursos, é claro – isso seria fácil demais. Eram apenas volutas e laços, com trechos lisos aqui e ali, que não formavam nenhum padrão identificável.

— Dan — ela sussurrou. — Essa caixa... está vendo o espaço vazio daquele lado?

Dan olhou para onde ela estava apontando.

— Sou eu que estou louca ou...

— É — respondeu Dan, imediatamente. — faz *anos* que eu venho tentando te dizer isso.

Mas Amy não estava a fim de brincadeira.

— Aquele espaço liso — ela explicou devagar — é como um retângulo, mas os cantos são arredondados. Acho que é do tamanho e formato exatos *disto.*

Ela pôs a mão no medalhão do dragão, no centro de seu colar.

Dan alternou o olhar entre o colar e a caixa. Então fechou os olhos por um instante. Ao abri-los de novo, disse:

— Tinha uma caixa entalhada listada naquele manifesto.

— Tinha? — perguntou Amy.

Sua voz subiu de tom, tanto de espanto com a memória do irmão (isso ainda acontecia) como de esperança de eles estarem descobrindo algo.

— Precisamos olhar essa caixa mais de perto — disse Dan.

Ele foi buscar Lester, que estava conversando com Nellie. Os três andaram na direção de Amy.

— Com certeza — Lester disse — posso tirar a caixa do saco pra vocês, mas não posso deixar encostarem nela.

Ele tirou a caixa de sua proteção de plástico. Era do tamanho e formato de meia caixa de sapatos.

— Interessante vocês perguntaram sobre isso — ele comentou. — É a única peça aqui que na verdade não foi escavada das ruínas.

— Então de onde ela veio? — perguntou Amy.

— Um doador anônimo — respondeu Lester. — Veio com uma carta dizendo que a caixa era herança de uma família de Port Royal, uma família que havia sobrevivido ao terremoto. O doador achava que ela devia ser exposta junto com os artefatos escavados.

Ele sacudiu a caixa bem de leve e todos ouviram um barulho fraco.

— A carta também dizia que ninguém jamais conseguiu abrir a caixa. Tem alguma coisa dentro, mas talvez nunca descubramos o que é. Tentamos usar o raio X, mas pelo jeito ela é forrada com chumbo. E não destruímos um artefato destes para ver o que tem dentro. Vocês já viram um daqueles quebra-cabeças chineses?

— Eu já — disse Nellie — são bem legais.

— Verdade — concordou Lester. — Eles geralmente são feitos de madeira, com papéis deslizantes. Não têm fechadura, a caixa só abre se você deslizar os painéis exatamente na ordem certa. Isso parece ser algo parecido, tirando o fato de que não tem painel nenhum e até agora não conseguimos descobrir o segredo.

Ele ergueu a caixa para que os dois pudessem vê-la por todos os lados.

Amy e Dan começaram uma inspeção minuciosa. Em menos de cinco segundos, Dan olhou para Amy com os olhos em chamas. Ela foi para junto dele imediatamente.

Do lado da caixa oposto ao espaço cujo formato era o do medalhão, os entalhes se entrelaçavam de forma aleatória. Mas havia outro espaço vazio que, Amy soube na hora, havia chamado a atenção de Dan. Ninguém nunca teria notado aquilo se não soubesse o que estava procurando.

Era do tamanho e formato exatos da garra de urso.

E, como esperado, no terceiro lado da caixa, eles acharam duas curvas em formato de cobra. No quarto, um triângulo alongado do mesmo tamanho que o da presa de lobo.

— Licença — pediu Amy em voz baixa e arrastou Dan vários passos para longe.

— Doador anônimo, fala sério — ele sussurrou, entusiasmado. — Com certeza foi um Cahill!

— Esse provavelmente é o mecanismo da caixa — disse Amy, tão entusiasmada quanto ele. — Se colocarmos os quatro ícones no lugar, a caixa se abrirá! Só pode ser isso!

— Temos que pegar aquela caixa pra nós — concluiu Dan.

— Mas como? — Amy já tinha começado a pensar nisso assim que viu o formato da garra de urso. — Mesmo se a gente pudesse roubar, seria horrível fazer isto com o Lester. Ele poderia até perder o emprego!

— É claro que não queremos roubar — respondeu Dan — mas talvez seja nossa única opção.

— Licença?

Amy se virou assustada. Ela não tinha notado que Nellie estava perto o bastante para escutar a conversa.

— Vocês não vão roubar nada — disse Nellie — não deste lugar.

Amy cerrou os punhos.

— Isso não é da sua conta — falou.

Nellie lançou um olhar frio para ela.

— Veremos — disse e saiu andando.

Capítulo 15

— Lester, posso falar com você por um instante?

Nellie se aproximou da mesa. Lester estava colocando a caixa com cuidado em cima de seu saco plástico.

— Claro — ele respondeu. — Que foi?

Nellie encostou na argola de nariz em formato de cobra. Tudo era tão complicado... Como ela poderia explicar tudo para ele? Por onde começar?

Pelo começo, é claro. Por Grace. Tudo começava com Grace.

— Grace estava muito interessada neste projeto, não estava? — perguntou Nellie.

— Ah, sim — sorriu Lester — ela se interessava por tudo o que dizia respeito à velha Jamaica. Lembro da época em que ela esteve aqui, quando eu era só um garotinho. Ela perguntava para minha avó sobre todas as histórias antigas, minha avó contava e eu ficava ali sentado ouvindo. Provavelmente foi isso que me fez querer estudar história.

— Ela sabia que você estava trabalhando no projeto?

— Oh, claro. Foi ela que arranjou o trabalho para mim aqui. Ela descobriu que uma universidade nos Estados Unidos estava fazendo uma parceria com a Sociedade Histórica da Jamaica para escavar o sítio. Ela fez uma grande doação e… — outro sorriso — … me arranjou uma entrevista para ser pesquisador aqui. Por isso agora eu trabalho em período integral nos arquivos e faço consultoria no projeto.

Nellie assentiu com a cabeça. Grace, a manipuladora, novamente em ação.

Lester franziu a testa.

— Ela costumava entrar em contato comigo de vez em quando, perguntava como o projeto estava indo, se tínhamos achado alguma coisa interessante. Fazia alguns meses que eu não recebia notícias dela. Eu mesmo deveria ter entrado em contato.

Ele parecia triste. Ambos ficaram em silêncio por um instante, lembrando de Grace.

Nellie encostou no braço dele.

— Lester, acho que sabemos uma coisa sobre a Grace que talvez você não saiba — ela começou — ela estava interessada neste projeto por um motivo específico. Tinha uma coisa que ela esperava encontrar.

Lester olhou para ela, curioso.

— O quê, exatamente?

— Isso vai parecer maluquice — respondeu Nellie — mas não temos certeza se ela sabia mesmo o que estava procurando. Só sabemos que ela tinha encontrado fragmentos e pedaços dessa coisa ao longo dos anos. E ela morreu antes de conseguir terminar a busca, por isso Amy e Dan estão tentando terminá-la em nome da avó. E eu também.

Lester parecia ter achado aquilo um pouco estranho, mas não se assustou.

— Certo, por enquanto entendi — ele disse.

Nellie respirou fundo.

— Isso era muito importante para Grace. E também era segredo… Ela queria que o mínimo de pessoas ficasse sabendo. Portanto, o resumo da história é este: nós precisamos daquela caixa. — Ela apontou com a cabeça em direção da mesa. — Achamos que era isso que Grace estava procurando. Precisamos levá-la conosco...

Ela ergueu a mão pra impedir que Lester falasse alguma coisa contra e continuou:

— ... mas queremos fazer um acordo. Achamos que temos pelo menos parte do que é necessário para abri-la. Você deixa a gente levar a caixa para fazer uma tentativa. Depois quando tivermos terminado, devolvemos a caixa para você com o segredo de como abrir.

Ela olhou nos olhos dele.

Ele tem que dizer sim, ele precisa. Se não, as pessoas para quem ela trabalhava ficariam extremamente descontentes.

E eles não eram divertidos quando estavam descontentes.

Lester olhou para a caixa na mesa. Depois olhou de volta para os fundos do barracão, pra um de seus colegas que trabalhava num computador. Provavelmente seu chefe. Ele olhou pra a caixa outra vez, e, por fim, para Nellie.

Ela esperou em silêncio, por um tempo que pareceu horas.

— Certo, meu problema é o seguinte — ele respondeu, afinal — Grace era tudo nesta vida para mim e minha vó. Antes de vocês aparecerem, eu teria dito que não há nada que eu não faria por ela.

Ele balançou a cabeça.

— Eu estava errado. Não posso fazer isso... Não posso deixar vocês levarem a caixa. Não só porque eu perderia o emprego. Mas porque vai contra todos os princípios do bom historiador. Vocês acham que têm um bom

motivo para levá-la. Assim como todas as outras pessoas, grupos ou governos do mundo que já levaram artefatos do lugar ao qual pertenciam.

— Mas nós vamos devolver! Eu juro!

Nellie cruzou os dedos discretamente, rezando para que fosse mesmo verdade.

— Não é que eu não confie em vocês — explicou Lester. — Na verdade, eu nem*conheço* vocês. O fato de que vocês conheciam a Grace e de que eles são netos dela... queria que fosse suficiente. Mas não é. Sinto muito.

O coração de Nellie desceu até o fundo do estômago. Eles teriam que roubar a caixa, se conseguissem essa proeza. Então, Lester, que tinha sido tão simpático, ia passar a odiá-los, e Miss Alice também...

Lester olhou tão fixamente para ela que pareceu quase bravo. Ela enfrentou seu olhar, não ousando piscar nem respirar, torcendo para que sua expressão não demonstrasse que já estava tentando bolar um jeito de roubar a caixa.

Depois de um longo instante, ele pareceu tomar uma decisão e deixou de lado o olhar de raio laser.

— Vocês não podem levar a caixa — ele disse numa voz sem expressão — mas *eu posso*. Posso dizer que quero fazer uma pesquisa sobre ela e eles vão me deixar tirá-la do sítio. Então o esquema é o seguinte. O que quer que vocês precisem fazer com a caixa, eu vou estar presente. Essa condição é inegociável.

Nellie jogou os braços ao redor do pescoço dele. Não que isso fosse qualquer esforço. Afinal, ele era muito...

— Obrigada um milhão de vezes, Lester! Você não vai se arrepender, eu prometo!

Sua reação esfuziante atraiu Dan e Amy. Nellie fez um sinal de joia para eles.

— YESSS! — exclamou Dan, que fez uma corajosa tentativa de imitar um*moonwalk.*

Nellie ergueu as sobrancelhas para Amy, que estava sorrindo para Lester. Ela captou o olhar de Nellie e encolheu os ombros como resposta.

Credo, essa aí é difícil de ceder, pensou Nellie. *Talvez eu esteja fazendo avanço com o Dan, mas ela é um bicho totalmente diferente...*

Com um sorriso meigo, Lester se libertou do abraço de Nellie. Pegou a caixa e a colocou de volta em seu saco plástico.

— Vou falar com o chefe — ele disse. — Encontro vocês lá fora.

* * *

Fora do barracão, o tempo estava mudando. O sol era uma bola alaranjada e furiosa, lutando contra uma pilha enorme de nuvens roxas. O vento roçava as copas das palmeiras com um assobio de mau agouro.

Amy esfregou os braços descobertos. O ar estava quente e úmido, mas o vento era de um frio cortante.

— Vem uma tempestade por aí... — comentou Nellie.

Mas Amy não conseguiu ficar pensando muito no tempo. Pôs os dedos no medalhão do dragão.

— Vou ter que cortar — ela murmurou entristecida com a ideia.

Talvez Grace sempre tenha sido uma Madrigal malvada, ela pensou, *mas eu amava o colar antes de saber de tudo isso.*

— Provavelmente só vamos precisar dele pra abrir a caixa — disse Dan — depois disso, você pode mandar consertar.

— Hã, isso talvez seja um problema — interferiu Nellie — para que o Lester nos desse a caixa, eu falei para ele que, se conseguíssemos abri-la, devolveríamos a caixa junto com o segredo.

— Ainda não tem problema — respondeu Dan — contar a ele como abrir a caixa não quer dizer que temos que fornecer todos os itens necessários.

Amy parecia em dúvida.

— Não sei — ela ponderou — de que adianta saber como se abre uma coisa se você não pode abri-la de verdade?

— Talvez eles possam mandar fazer reproduções do medalhão e dos outros objetos — insistiu Dan.

Amy olhou com afeto para o irmão. Ele entendia o quanto o colar de Grace era importante para ela.

Naquele exato instante, Lester saiu do barracão. Carregava um pacote embrulhado em lona.

A caixa. Amy sentiu uma comichão de ansiedade percorrer sua espinha.

— Certo, onde é melhor a gente fazer isso? — perguntou Lester.

Amy pensou por um instante.

— Nellie, que tal se a gente pegasse um quarto num hotel? Isso nos daria um pouco de... privacidade.

— O Royal Harbour Hotel fica bem na beira do mar — disse Lester. — É provavelmente o melhor lugar de Port Royal e fica logo ali, seguindo a estrada.

— Vão vocês andando — instruiu Nellie. — Eu vou pegar o carro e guiar até lá com a nossa bagagem.

O vento estava ficando mais forte e jogava os cabelos de Amy na frente dos seus olhos. Por fim, ela decidiu prendê-los para trás com a mão.

Eles chegaram ao hotel e esperaram próximos à porta de entrada. Quando Nellie estacionou, alguns minutos mais tarde, gostas grandes e vagarosas de chuva começavam a cair. Amy e Dan correram para ajudar a trazer as malas para dentro, incluindo a gaiolinha de Saladin. Ele estava deixando muito claro que não tinha gostado de ter sido abandonado no carro. Dan tirou o gato da gaiolinha e começou a fazer carinho nele. Saladin deu um último *prrr* resmungando, mas se aninhou nos braços de Dan.

Enquanto Nellie fazia o *check-in*, Lester caminhou até as janelas do outro lado do saguão. A vista dava para o oceano, passando por um restaurante com terraço ao ar livre, protegido apenas pelas copas das palmeiras.

Amy foi para junto dele. Espiou pela janela e viu os grupos de clientes nos restaurantes. Alguns poucos casais, um grupo de mulheres, cinco pessoas numa mesa redonda...

Amy levou um susto e ficou pálida.

Cinco pessoas.

Ian, Natalie, dois homens muito grandes... e Isabel.

Isabel Kabra estava com um curativo na cabeça – uma versão maior da gaze que Amy tinha usado dois dias antes. De algum modo, o curativo não fazia parecer frágil nem vulnerável. Pelo contrário, como o tapa-olho de um pirata ou a cicatriz de um motociclista, a tornava ainda mais ameaçadora.

Amy sentiu um impulso do que quase poderia ter sido admiração. Poucas horas atrás, Isabel estava inconsciente e sangrando. Provavelmente ainda estava com uma dor de cabeça monstruosa, no mínimo. Mas lá estava ela, falando sem parar enquanto o grupo a ouvia, claramente fazendo planos.

E Amy tinha certeza de que o que eles estavam planejando não era nenhum piquenique.

* * *

— Dan! — Amy correu até ele. — Os Kabra... eles estão aqui!

— Onde?

Amy agitou a mão freneticamente:

— Ali. No restaurante. Eles podem vir pra cá a qualquer minuto!

— Temos que avisar o Lester...

Enquanto os dois atravessavam correndo o saguão na direção de Lester, Amy ficou se perguntando o que deveria dizer a ele. Não havia como lhe darem um breve curso introdutório sobre as buscas pelas pistas... Isso levaria horas. Só o mais importante, decidiu Amy.

— Lester — ela disse, ofegante — tem umas pessoas no restaurante, e se elas entrarem aqui e nos virem... Aconteça o que acontecer, *não* deixe chegarem nem perto dessa caixa. Essas pessoas não podem saber nada sobre ela...

— Pode ser que elas tentem roubar a caixa de você — explicou Dan — talvez seja melhor você fingir que não conhece a gente...

Lester alternou o olhar entre os dois rostos. Amy percebeu que ele estava totalmente desnorteado.

— Eles estão vindo!

Não havia tempo de bolar um plano.

— Olhem pela janela — mandou Amy, desesperada — assim ficamos de costas para o saguão e talvez eles não notem a gente.

Nellie estava andando na direção deles.

— *Check-in* concluído — ela anunciou — o que está acontecendo?

— São os Kabra — explicou Dan. — Não podemos deixar eles verem o Lester.

Nellie não fez nenhuma pergunta. Ficou parada atrás de Lester enquanto eles se amontoavam perto da janela, com Lester e a preciosa caixa no meio.

— Lá vêm eles — anunciou Dan.

Os Kabra entraram no saguão, seguidos dos dois homens, que usavam agasalhos esportivos e óculos escuros. Eles eram imensos, ambos com mais de dois metros de músculos sólidos. Parecia que eles devoravam crianças do tamanho de Dan no café da manhã.

Amy fingiu, com muito empenho, que estava fascinada por alguma coisa fora da janela – que, no momento, era a chuva caindo com força. Enquanto o grupo dos Kabra passava do outro lado do *lobby*, ela pôde vê-los por alguns instantes em sua visão periférica. Depois eles sumiram de vista e ela lutou contra o impulso de se virar para observá-los, contando os segundos.

Dois... três... quatro... Se estivessem hospedados no hotel, a esta altura já teriam alcançado o elevador, e se não, deviam ter acabado de sair. *Cinco... seis... sete...*

Neste caso, sete não foi um número de sorte.

Capítulo 16

— Lá estão eles! — A voz de Isabel ecoou no saguão. — Hugo, Anton, rápido!

Amy girou nos calcanhares. O grupo dos Kabra havia de fato alcançado o elevador, Ian e Natalie já estavam lá dentro. As portas se fecharam, deixando Isabel com os dois homens para trás. Os números dos andares começaram a acender, indicando que o elevador estava em movimento.

Nellie se virou para Lester.

— Corra! E aconteça o que acontecer, não deixe eles pegarem essa caixa. Vamos detê-los.

Lester parecia prestes a falar, mas Isabel já estava cruzando o saguão a passas largos, com seus comparsas logo atrás.

Dan ainda estava segurando Saladin. De repente, ele sacudiu o gato na direção de Isabel e dos dois homens.

— FIQUEM AÍ! — ele gritou, brandindo o gato diante de sim. — Este gato é perigoso! Ele tem, hã... uma... halitose felina espongiforme! Pode ser fatal para um ser humano!

Saladin cooperou, agitando as garras estendidas no ar e chiando com ferocidade. Pareceu não gostar de ter sido descrito com um gato doente, mesmo que a doença não existisse de verdade.

Isabel parou de repente e os dois homens tropeçaram nela. Ela bateu a cabeça no ombro de um dos homens. Soltando um grito de dor, pôs a mão na testa e cambaleou.

Foi um atraso de meros segundos, mas foi o suficiente.

— Por favor, Lester! — implorou Amy. — Vai!

Lester balançou a cabeça, perplexo, então saiu pela porta que dava para o restaurante. Momentos depois, Amy o viu pela janela, correndo na chuva pela praia na direção do barracão.

Naquele instante, as portas do elevador se abriram. Natalie e Ian saíram depois de terem subido alguns andares de novo.

Isabel balançou a cabeça, como se para clarear a visão.

— Típico! — ela gritou. — Onde estavam vocês dois? Hugo, Anton, seus idiotas, não fiquem parados aí! Vão atrás do homem... Ele está carregando alguma coisa... Ele foi por ali!

Ela apontou para a porta do restaurante.

Depressa, Dan depositou Saladin na gaiolinha. O mensageiro do hotel que estava parado ali perto pareceu assustado e lançou um olhar de respeito para o gato.

Então Dan foi atrás de Amy enquanto ela e Nellie fugiam correndo pela porta, com Hugo e Anton na cola.

* * *

Furacão. Essa foi a palavra que surgiu na cabeça de Nellie assim que ela pôs os pés no restaurante ao ar livre. A chuva parecia vir *horizontalmente* na direção dela. Nellie nunca tinha visto um furacão, ela não queria estar nem a milhares de quilômetros de um furacão de verdade.

Ela atravessou correndo o restaurante, onde os funcionários apressados estavam trancando tudo. Do outro lado do terraço havia uma escadaria que levava à praia. Com Amy e Dan ao seu lado, Nellie desceu a escada num único pulo. Depois de uns poucos passos, estava encharcada.

— Por aqui! — ela ouviu Amy gritar contra o vento.

Eles viraram à direita. Muito adiante na praia, enxergaram um borrão: era Lester lutando contra a tempestade. A praia estava bem larga, pois a maré estava baixa, pelo menos antes de a tempestade começar. Mas cada onda que se chocava contra a areia era maior que a anterior.

Qual era o melhor jeito de deter os capangas de Isabel? Nellie arriscou um olhar de relance para trás.

— Ei! — Ela berrou.

Hugo e Anton não estavam mais atrás deles.

— Eles devem ter ido pela frente! — gritou Dan. — Vão tentar ir mais rápido e dar de cara com ele!

— Temos que alcançar o Lester primeiro! — Nellie gritou de volta.

Eles precisaram gritar para serem ouvidos por cima dos uivos do vento.

Nellie tentou pensar. Com a chuva forte e o vento uivante, ela mal conseguia ouvir os próprios pensamentos. *Eles vão chegar mais rápido, correndo pela rua e não pela areia. Lester tem uma boa vantagem. Mas quando ele chegar ao barracão, o que vai acontecer? Eles vão chegar lá antes de nós...*

Eles continuaram correndo pela praia. Lester estava quase no barracão.

— Vamos! — gritou Amy, tomando a dianteira.

Nellie achava que já estava correndo o mais rápido que podia, mas, ao ver o impulso de velocidade de Amy, encontrou mais energia.

Lá na frente, Lester de repente parou. Nellie sabia o que isso queria dizer: ele tinha avistado ou Hugo ou Anton.

E de fato, Lester deu marcha a ré e começou a correr de volta na direção deles.

Atrás dele, Nellie viu um dos capangas. Onde estava o outro?

Poucos segundos depois, ela teve a resposta. O segundo homem surgiu na praia, não muito longe, adiante deles. Agora Lester estava preso entre os dois capangas, que rapidamente o cercaram. Ele avançou mais alguns metros e então, para espanto de Nellie, virou à direita e começou a correr.

Na direção do mar.

— O que ele está fazendo? — berrou Dan.

Hugo e Anton partiram depressa atrás de Lester, com os irmão Cahill logo em seguida. Através da chuva pesada, Nellie agora via o que não tinha visto antes, Lester, ainda prendendo a caixa contra o peito, corria sobre uma faixa estreita de areia que se erguia um pouco acima do resto do leito do mar e se estendia por um longo trecho para dentro da água. Talvez ele estivesse esperando que os capangas não fossem segui-lo. Quem corre para dentro do mar durante um furacão?

A faixa de areia era tão estreita que os três não conseguiam correr lado a lado. Amy ia na frente. A água batia nos tornozelos de Nellie, mas tudo estava tão molhado que ele não sabia se era chuva ou ondas.

Por cima do ombro de Amy, Nellie viu Lester dar um salto voador. Ele aterrissou e cambaleou alguns passos para frente. Depois se virou e olhou atrás de si.

Hugo e Anton vinham correndo um atrás do outro, a menos de dois passos de distância. De repente, ambos tropeçaram e caíram.

Mas em que eles tropeçaram? Nellie não viu nenhuma pedra, nem pedaço de madeira nem nada assim – apenas areia, com água batendo e rodopiando sobre ela...

— PAREM! — gritou Lester. — NÃO SE APROXIMEM! É AREIA MOVEDIÇA!

Amy parou tão rápido que Nellie deu um encontrão nela e Dan foi para cima das duas. De algum modo, segurando-se uns aos outros, eles conseguiram permanecer de pé. Os três ficaram boquiabertos diante da cena que presenciaram.

Hugo e Anton haviam tropeçado porque seus pés foram engolidos pela areia movediça que Lester havia pulado. Eles já tinham afundado até os joelhos e se debatiam com violência, tentando puxar as pernas para fora do atoleiro.

— NELLIE! — berrou Lester. — PEGA ISSO!

Ele jogou o embrulho de lona para ela, depois gritou:

— VOLTEM! ESPEREM POR MIM NO BARRACÃO!

Ahã, lógico, pensou Nellie, *até parece que a gente vai deixar você sozinho aqui.*

Mas ela recuou, e Dan e Amy também.

Lester deu um passo na direção de Hugo e Anton.

— Escutem — ele gritou. — Vou explicar a vocês como sair. Parem de se debater, assim vocês só vão afundar mais. Deitem de costas, como se estivessem boiando...

Anton e Hugo responderam com uma série de palavrões, alguns dos quais Nellie nunca havia ouvido antes. Eles ainda estavam tentando se alçar para fora.

Um deles já tinha afundado até a cintura, o outro até as coxas.

— Deitem de costas! — Lester berrou outra vez. — Abram os braços e agitem as pernas como se estivessem nadando! É a sua única chance!

Ele deu outro passo cuidadoso para frente. Nellie viu que ele estava tomando o cuidado de evitar a beira do poço de areia movediça.

Então Hugo – ou talvez tenha sido Anton - soltou um urro enorme, jogou-se para a frente e agarrou a perna de Lester. Se ele estava tentando usar Lester para sair do atoleiro, sua estratégia foi um fracasso absoluto.

Em vez disso, ele puxou Lester para dentro.

* * *

— LESTER!

Dan, Amy e Nellie gritaram o nome dele ao mesmo tempo.

Ambos os capangas gritavam e se debatiam com Lester, um agarrando o braço, o outro puxando o cinto. Lester quase caiu de cara na areia movediça, mas se agarrou em Anton – ou talvez fosse Hugo – e se endireitou. Depois usou o cotovelo para dar uma cacetada certeira no nariz de um dos capangas. O homem urrou e levou as duas mãos ao rosto.

— Seus idiotas! Se vocês não quiserem morrer, é melhor prestarem atenção! — Lester berrou.

Dan sentiu admiração. Lester estava gritando para ser ouvido por cima dos urros dos capangas, mas não havia pânico em sua voz. Dan se perguntou se ele mesmo algum dia conseguiria manter a calma numa situação tão perigosa.

Hugo e Anton se entreolharam, depois olharam para Lester. Ambos pararam de se debater. Dan notou que a tempestade havia se acalmado um pouco. Ainda chovia muito forte, mas o vento tinha parado de uivar.

— Assim é melhor — disse Lester. — Agora ouçam. Na verdade ninguém afunda totalmente na areia movediça... Esse é um mito dos filmes de aventura. Enquanto vocês ficarem com os braços estendidos, só vão afundar até as axilas. O verdadeiro perigo agora é a maré, que está subindo. Se não sairmos logo, podemos nos afogar.

Dan viu os dois capangas arregalarem os olhos de medo.

— Você — Lester apontou para o homem que tinha caído primeiro e agora estava atolado até o peito — qual é o seu nome?

— Anton — ele respondeu.

— Certo, Anton. Comece a mexer os pés e as pernas. NÃO ENTRE EM PÂNICO. Gestos pequenos, como chutes. Não tente puxar as pernas para fora. O que você tem que fazer é deixar seu corpo na horizontal o máximo possível.

Ao ouvir isto, Hugo, que tinha caído depois de Anton e portanto só estava atolado até a cintura, imediatamente começou a se mexer também.

— Não — Lester disse num tom severo — um por vez. Se houver movimentos demais, isso vai desestabilizar a areia e vamos afundar ainda mais rápido. Anton vai primeiro, ele está mais afundado...

— Não quero nem saber! — Hugo berrou.

Embora Dan não pudesse ver o que as pernas de Hugo estavam fazendo, elas deviam estar se mexendo enlouquecidamente, pois, assim como Lester havia previsto, os três começaram a afundar ainda mais rápido.

— PARE COM ISSO! — gritou Anton. — Você ouviu o que ele disse, eu vou primeiro!

Ele recuou e deu um soco no nariz de Hugo, o mesmo nariz que Lester tinha atingido com uma cotovelada minutos atrás. Hugo rosnou um palavrão e pôs a mão no nariz outra vez.

Dan deu um passo mais para perto, depois se agachou.

— Lester — chamou num tom de urgência — o que nós podemos fazer?

— Procure uma vara, um pedaço de madeira ou algo assim — respondeu Lester — se eles fizerem o que eu disse, não vamos precisar, mas só por via das dúvidas...

Ele próprio agora estava afundando até a cintura na areia movediça. Mesmo assim, deu uma piscadela simpática para Dan.

Dan olhou para Amy e Nellie.

— Vão vocês — ele mandou — eu vou ficar aqui. Depressa!

Amy e Nellie começaram a correr na direção da praia.

— TOMEM CUIDADO! — ele berrou atrás delas.

Os Kabra ainda estavam à solta em algum lugar.

Capítulo 17

Com Hugo mais ou menos sob controle, Anton devia ter conseguido mexer os pés e as pernas do jeito que Lester havia mandado, pois Dan viu que sua cabeça e ombros estavam jogados para trás, como se ele estivesse tentando deitar em cima da areia. As ondas batiam em seu pescoço e queixo.

— Bom, agora você está na posição certa — elogiou Lester calmamente, como se estivesse dando uma aula de tênis. — Finja que está boiando de costas... mexa os braços e as pernas como se estivesse nadando.

Dan observou, assombrado, o resto do corpo de Anton gradualmente emergir de dentro da areia movediça.

— Agora, a qualquer instante, você deve conseguir rolar para fora — explicou Lester.

E, de fato, poucos momentos depois, Anton "nadou" para a areia mais firme e rolou de barriga. Ele se impulsionou para cima, apoiado nas mãos e depois nos joelhos, e ofegou de modo tão parecido com um cachorro que Dan quase deu risada.

— Sua vez — Lester falou para Hugo — Comece a mexer pés e pernas.

Hugo o ignorou.

— Vem pra cá e me puxa pra fora! — ele berrou para Anton.

— Ele não pode puxar você pra fora — disse Lester — a sucção é forte demais. Você vai ter que fazer o que ele fez para sair.

— Faça o que ele diz — mandou Anton.

— ME DÁ SUA MÃO! — Hugo berrou.

Anton deu de ombros. Depois deitou de barriga e estendeu a mão. Hugo a agarrou e Anton começou a puxar. Hugo lutava contra o atoleiro.

— NÃO! — berrou Lester. — Você está agitando a areia...

Em vez de ser puxado para fora, Hugo afundou ainda mais.

— SOLTA! — gritou Anton. — Você está me puxando pra dentro!

Hugo reagiu agarrando o braço de Anton com as duas mãos. Anton cerrou o punho de sua mão livre.

— Solta, senão eu amasso seu nariz outra vez! — ele ameaçou.

A areia movediça estava em movimento, deslizando e avançando como se fosse uma criatura viva. Agora Hugo e Lester estavam afundados até as

axilas no atoleiro. Hugo era muito mais alto que Lester e as ondas batiam em seu queixo, mas já estavam alcançando a boca de Lester.

Nesse exato instante, a crista de uma onda maior arrebentou sobre eles. Lester conseguiu prender o fôlego a tempo, mas Hugo veio à tona tossindo e cuspindo.

— Tá bom, tá bom! — ele disse, engasgado. — Vou fazer do seu jeito! — Ele olhou feio para Lester e depois ergueu o rosto para Anton. — Segura o cara pra ele não me atrapalhar.

Anton agarrou um dos braços de Lester, embora Dan estivesse vendo quer era totalmente desnecessário, Lester não estava atrapalhando ninguém.

— Vai logo — apressou Lester. — Deite para trás, mexa os pés.

Ele prendeu o fôlego enquanto outra onda passava por cima de sua cabeça.

Hugo estava atolado mais fundo do que Anton estivera, por isso estava demorando mais para deitar o corpo na posição certa. Agora Lester só conseguia tomar fôlego esticando a cabeça entre uma onda e outra.

— Lester! — Gritou Dan. — Esquece esse cara... salve a si mesmo!

Ele olhou para trás por cima do ombro. Onde estavam as meninas?

Hugo finalmente rolou para fora da areia movediça.

— Vamos cair fora — disse Anton.

— Esperem! — exclamou Dan. — Vocês vão simplesmente deixar ele aí? Depois de ele ter ajudado vocês?

Hugo deu de ombros.

— Quer que a gente faça o quê, moleque? Ele mesmo falou que a gente não pode puxar ele pra fora.

— Foi isso que ele disse — concordou Anton.

Eles começaram a abrir caminho na água na direção da praia, deixando Dan na beira do poço de areia movediça, com Lester quase totalmente submerso.

* * *

Dan olhou em volta, desesperado. Não havia sinal de Amy nem de Nellie. Ele olhou para Lester, que estava jogando o corpo para trás, obviamente mexendo as pernas dentro da areia movediça. Dan sabia que Lester era capaz de sair dali – se não perdesse o fôlego.

Ele achou que ia ter tempo suficiente. Não imaginou que as ondas iam ficar maiores tão rápido.

Outra onda arrebentou e Dan viu, horrorizado, que Lester não conseguia mais respirar entre uma onda e outra. Sua cabeça estava totalmente embaixo d'água.

Um tubo, como um snorkel, pensou Dan, desesperado. Algum tipo de tubo que ele pudesse enfiar na boca de Lester e que ficaria acima do topo das ondas, para que ele pudesse respirar...

Dan apalpou os bolsos, em pânico. Não havia nada ali. Nada em lugar nenhum além da água, que estava ficando mais funda a cada minuto.

Lester ainda estava com o corpo deitado para trás, mexendo pernas e pés na direção da superfície. Mas enquanto Dan observava, os olhos de Lester começaram a inchar. Ele estava quase sem ar.

Dan nunca tinha sentido tanto desespero. Se agarrasse Lester e tentasse puxá-lo para fora, só pioraria as coisas. Será que ele devia correr de volta para tentar achar ajuda?

Não! Não posso deixá-lo aqui sozinho... ele não tem mais ninguém!

E naquele instante, Dan soube o que fazer.

* * *

Dan se colocou de quatro na água. Estava ficando cada vez mais difícil saber onde eram as bordas do poço. Ele tinha que confiar que a areia continuaria firme embaixo de seu corpo.

Ele inalou todo o ar que pôde e estufou as bochechas, virado para o lado, para que Lester pudesse vê-lo direito.

Lester mexeu a cabeça num aceno. Entendeu o que Dan estava fazendo.

Dan mergulhou o rosto na água. Encontrou a boca de Lester com sua própria boca e exalou todo o ar que tinha nos pulmões. Depois voltou à tona e enxugou a água que corria em seus olhos.

Funcionou! Entre uma onda e outra, ele conseguiu ver Lester sorrindo!

— YES! — Dan brandiu o punho no ar. Mais umas poucas respirações boca a boca como aquela e Lester teria tempo bastante para sair. Ele inalou, mergulhou o rosto e respirou na boca de Lester uma segunda vez.

Desta vez Lester fez um sinal de jóia. Dan estava extasiado. Ainda não conseguia ver a parte de baixo do corpo de Lester, mas com certeza não demoraria muito...

Dan encheu os pulmões de ar outra vez. Depois se debruçou, pronto para afundar o rosto de novo.

Uma onda enorme arrebentou contra nele, varrendo-o de ponta-cabeça na direção da praia.

* * *

Dan tentou se levantar e foi derrubado por outra onda. Por fim, ele conseguiu ficar de pé e girou para trás, desesperado.

Onde estava Lester?

A faixa de areia que levava à parte movediça agora estava completamente submersa. Dan não fazia idéia se tinha sido varrido mais para dentro do mar ou para o lado. Não sabia se a onda o carregara por dois ou dez metros.

Onde estava Lester?

Quatro minutos. A idéia veio à tona na mente de Dan, brotando de onde quer que estivesse enterrada. Quatro minutos sem oxigênio antes que houvesse lesão cerebral. Ele tinha que achar Lester nos próximos quatro minutos.

— DAN!

Era Amy, vindo da praia e correndo na direção dele, segurando uma tábua curta.

— Amy! — Ele andou até a irmã e agarrou a tábua.

— Onde...

— Não sei! — ele disse. — Eu estava bem aqui com ele... daí uma onda... e ele está preso na areia movediça... temos que achar ele!

Apesar da explicação confusa, Amy não o questionou.

— Vamos — ela respondeu. — Você olha à direita, eu olho à esquerda e nós dois vamos conferindo o meio.

A chuva tinha parado e o céu estava límpido; havia até um pôr do sol, roxo e laranja, alheio à agonia deles. Eles correram para dentro das ondas. Enquanto vasculhava a água em desespero, Dan percebeu que não fazia idéia de como usar a tábua. Se Lester estivesse inconsciente... se não conseguisse sair do atoleiro, e os dois não conseguissem puxá-lo...

Dan bloqueou esse pensamento em sua mente.

Quanto tempo tinha se passado? Um minuto? Dois minutos? A água agora batia em suas coxas. O poço era tão fundo assim? Será que eles já tinham avançado demais?

Se ao menos Lester conseguisse esticar o braço para fora da água, para que eles pudessem ver onde ele estava...

Dan perdeu o fôlego. O medo o atingiu com tanta força que foi como se tivesse levado um soco.

Lester teria pensado nisso.

Se ele pudesse levantar o braço, já teria feito isso.

Capítulo 18

Dan já tinha ouvido falar de pessoas em “estado de choque” antes. Achava que seria como ficar tão atordoado que não daria para falar ou respirar direito.

Aquilo era diferente. Ele respirava em golpes muito curtos e seu corpo inteiro tremia. Sua pele estava fria e úmida, mas ele sentia frio por dentro também. Tinha ouvido o funcionário da ambulância dizer para Amy e Nellie: “Ele está em estado de choque. Vamos cuidar dele”.

Quanto tempo havia se passado? Desde que Amy o deixara na água para correr em busca de ajuda, desde que ela havia voltado, desde que ele tinha ouvido o barulho das sirenes e a praia tinha se enchido de gente – polícia, ambulância, equipe de resgate, pessoas correndo de um lado para o outro. Dan não se importava com nenhuma dessas pessoas. Só com uma.

Lester.

Foi preciso arrastar Dan para fora da água. Ele não parava de dizer a todos que estava bem, que era Lester que estava em perigo, que ele tinha que encontrar Lester.

Eles trouxeram Lester até a praia e naquele momento Dan ainda estava bem. Tinha ficado ajoelhado ao lado do jovem enquanto os paramédicos agiam sobre ele durante um tempo que pareceu horas. Um policial quis interrogá-lo. Ele se recusou a sair do lado de Lester, mas contou o que tinha acontecido, começando com a perseguição de Hugo e Anton para dentro do mar, e como Lester tinha os ajudado a escapar da areia movediça. O policial foi muito delicado e não fez perguntas difíceis, por isso Dan não precisou explicar por que os dois capangas estavam perseguindo Lester, pra começo de conversa.

Por fim, levaram Lester embora numa maca. E mesmo nesse momento, talvez Dan ainda estivesse bem. Mas quando uma paramédica fechou as portas traseiras da ambulância, olhou para o policial que estava parado do lado e balançou a cabeça, Dan viu nos olhos dela, sem nenhuma dúvida, que não havia esperança.

Foi nesse momento que ele entrou em estado de choque. Amy estava ao seu lado e o segurou quando ele caiu de joelhos. Depois outro paramédico o fez deitar numa maca e o cobriu de cobertores. Mesmo assim, ele não conseguia se aquecer, só conseguia pensar em como estava com frio: tremendo, tiritando, batendo os dentes, com frio até no tutano dos ossos.

Tão frio que ele nunca, jamais, em hipótese alguma conseguiria se sentir aquecido de novo.

* * *

Dan ia passar a noite no hospital “sob observação”. Uma enfermeira entrava no quarto de vez em quando, mas não precisava observar muita coisa. Amy estava fazendo isso por ela.

Fazia horas que Amy não saía do lado de Dan.

Quando os paramédicos o colocaram na ambulância, tentaram explicar que menores de idade não tinham permissão para acompanhar. Mas Amy falou com eles com tanta firmeza que Nellie olhou para ela, surpresa.

— Eu sou a única parente dele aqui e ela é nossa tutora — Amy disse, apontando para Nellie. — Ela está me dando permissão para ir junto com ele.

E sem esperar uma resposta, entrou na ambulância.

Dan não disse uma palavra desde que entrara em choque. Havia olhado para ela uma única vez, com tanta perplexidade e sofrimento que os olhos da irmã se encheram instantaneamente de lágrimas. Por fim, ele caiu no sono e Nellie a colocou sentada numa poltrona no canto do quarto com rígidas instruções de descansar um pouco. Então Nellie saiu para falar com Miss Alice.

Coitada da Miss Alice... Amy mal conseguia suportar pensar nela. Era tão velha... Será que sobreviveria ao baque daquela notícia?

Amy acordou cerca de uma hora depois. Antes que seus olhos se abrissem por completo, já estava cambaleando para o lado da cama de Dan outra vez. Nellie estava bem do seu lado.

Como se sentisse a presença delas, Dan se mexeu. Amy esperou até ele ficar meio sentado, depois serviu água para o irmão.

Nellie informou que a sobrinha de Miss Alice estava vindo de carro de Montego Bay para ficar com ela e que a velha senhora parecia ter recebido a notícia com uma valentia considerável.

— Ela é uma mulher forte — disse Nellie, com admiração na voz.

Com o susto, Amy lembrou-se de uma coisa:

— Cadê a caixa? — perguntou. Fazia séculos que ela não pensava naquela caixa. — Nós nos separamos na praia e Nellie estava com ela — Amy explicou para Dan.

— Não se preocupe, a caixa está em segurança — informou Nellie, fazendo um gesto como se desprezasse a pergunta.

Amy franziu a testa:

— Onde?

— Eu disse que está em segurança — insistiu Nellie.

— Mas por que você não quer dizer onde?

— Você não pode confiar em mim nem uma vez...

— Parem! Parem com isso! — disse Dan com a voz carregada de angústia.

Atordoadas, as duas olharam fixo para ele. Amy viu que o irmão estava segurando o lençol com as duas mãos, apertando tanto que os nós dos dedos estavam brancos.

— Eu não quero mais saber dessa caixa imbecil — ele falou com esforço. — O Lester morreu. Ele morreu por causa dessa caixa. Se ela estivesse aqui, eu a quebraria em um milhão de pedacinhos.

As lágrimas começaram a correr em seu rosto.

— Eu entregaria a caixa, todas as pistas e os milhões de dólares também — ele sussurrou — se isso trouxesse o Lester de volta.

Amy nunca tinha visto o irmão tão desolado. Levantou-se da cadeira e sentou na cama ao lado dele. Com cuidado, soltou uma das mãos de Dan do lençol e a tomou para si.

Por um tempo que pareceu longo, o quarto ficou em silêncio, exceto pelo som das fungadas de Dan. Amy esperou até suas lágrimas pararem. Com a mão livre, deu a ele um lenço de uma caixa que estava sobre o criado-mudo. Controlou o impulso de assoar o nariz dele, tinha quase certeza de que ele não ia gostar.

Dan enxugou os olhos primeiros. Depois assoou o nariz. Foi exatamente o som do grasnido de um ganso.

Uma risadinha escapou de Nellie. Ela imediatamente pareceu consternada e fingiu limpar a garganta.

Dan assoou o nariz de novo. Desta vez, foi o som do grasnido de um ganso sendo torturado.

Nellie caiu na gargalhada e Amy teria ficado chocada, não fosse o fato de que ela própria estava rindo também. Por um breve momento, Dan pareceu indignado, e depois era ele quem estava rindo mais que todos.

O jeito como estavam rindo era uma daquelas coisas que nenhum deles poderia explicar. Eles se acalmavam, depois um olhava para os outros dois e as risadinhas recomeçavam e cresciam, até caírem todos na gargalhada. Eles riram tanto que Dan começou a lacrimejar mais uma vez e teve que assoar o nariz novamente, o que causou um novo grasnido de ganso torturado e, é claro, o fez rir ainda mais. Amy tapou a boca com as mãos, tentando em vão deter a maré de riso, enquanto Nellie agarrava um travesseiro e enterrava o rosto nele.

Por fim, as gargalhadas viraram risadinhas e depois silêncio. Os músculos da barriga de Amy estavam doendo de verdade com aquele acesso de riso.

Bem nesse instante, a enfermeira da noite entrou.

Ela abasteceu a jarra de água e afofou os travesseiros.

— Hora de ir — ela informou.

— Obrigada — disse Amy.

A enfermeira as deixara ficar muito depois do horário de visitas. Amy e Nellie já tinham decidido que Dan estaria em segurança no hospital durante uma noite. Com tudo o que tinha acontecido, elas tinham certeza de que os Kabra ficariam fora de cena, pelo menos por um tempo. As duas iam voltar para o hotel e viriam buscar Dan de manhã cedo.

Eles se desejaram boa noite. Na porta, Amy se virou e voltou para a cama.

Dan já parecia estar quase dormindo. Ela se debruçou sobre ele e lhe deu um beijinho rápido na testa.

Fazia muito tempo que ela não dava um beijo no irmão. Ele não reagiu de verdade, apenas se aninhou mais fundo embaixo dos lençóis e fechou os olhos. O que significava, Amy sabia, que ele não tinha achado ruim.

Capítulo 19

— Não é como a Irina.

Do banco de trás do carro, a voz de Dan era pouco mais que um sussurro.

O médico que tinha assinado a alta naquela manhã dissera que não havia nada de errado fisicamente com ele, mas que talvez Dan ficasse um pouco zonzo com o sedativo tomado na noite anterior.

— Boa alimentação, luz do sol, repouso, essa é minha recomendação — declarou o médico.

Não, pensou Amy. *Isso não vai adiantar. O que Dan precisa é rebobinar tudo, voltar para um tempo em que Lester ainda estava vivo.*

Olhando para o rosto pálido e exausto do irmão, Amy sabia exatamente o que ele queria dizer com a menção a Irina.

Irina havia *escolhido* fazer parte da busca pelas pistas. Sabia tanto das recompensas quanto dos riscos e tinha decidido participar por vontade própria, apesar dos possíveis perigos. Ela tinha morrido totalmente ciente de que sua morte era uma consequência da luta pela conquista das pistas.

Lester não sabia de nada disso.

— É tão injusto — murmurou Dan. — Ele só queria ajudar a gente. E nunca demos uma chance a ele. — Lágrimas escorreram entre suas pálpebras fechadas.

As lágrimas também rolavam no rosto de Amy, mas em seguida ela limpou a garganta.

— Do que você está falando? — ela perguntou.

Dan abriu os olhos.

— Nós devíamos ter contado que talvez fosse perigoso nos ajudar. Devíamos ter dado a ele uma chance de decidir.

Ele usou a camiseta para enxugar os olhos.

— Somos Madrigal, não há dúvida. Quer dizer, nós sabíamos disso antes, mas achávamos que podíamos ser diferentes, certo? Isso prova que não podemos. O Lester morreu e foi culpa nossa.

— Mas... mas a gente não pretendia... matar o Lester. Nem matar ninguém! Não estamos nem perto disso!

Dan balançou a cabeça.

— Não importa. De propósito ou não, isso não muda nada pro Lester.

Amy se revirou por dentro. A dor nos olhos de Dan espelhava a dor no coração dela própria – elevada à enésima potência.

Aquilo era insuportável.

Amy quase engasgou com o nó em sua garganta. Precisou ensaiar duas vezes antes de conseguir falar.

— Você está pensando o mesmo que estou pensando? — ela sussurrou.

— Ahã — ele disse, confirmando com a cabeça.

Ela não precisou parar para refletir.

— Tá bom — falou Amy.

— Tá bom — ele repetiu.

Não eram mais necessárias palavras.

* * *

— Aeroporto.

Nellie pisou com força no freio. Felizmente, eles ainda não tinham nem saído do estacionamento.

— Aeroporto? Pra quê? — ela exigiu saber.

Amy estava olhando pela janela.

— Vamos voltar pra casa — ela anunciou com a voz rouca — voltar pra tia Beatrice.

— O QUÊ?!

— É o único jeito — respondeu Dan — Somos Madrigal. Os Madrigal machucam as pessoas. Até matam. Ou pelo menos causam a morte delas. Temos que sair da busca antes que isso aconteça de novo.

Seguiu-se um silêncio que durou vários instantes.

— Vocês têm certeza disso? — perguntou Nellie afinal.

— Temos — eles disseram em uníssono, numa voz baixa mas sem hesitação.

Nellie saiu com o carro e pegou a avenida.

* * *

Dan ficou olhando pela janela do carro. *Minhas últimas cenas da Jamaica... nunca mais vou voltar aqui.*

Então um teve um sentimento de culpa.

Devíamos ir ver Miss Alice. Ele estava prestes a mencionar isso, quando viu a placa da saída para o aeroporto passar depressa.

— Ei, aquela era a saída pro aeroporto — ele disse — você passou. Mas tudo bem... Eu estava aqui pensando que a gente devia ir visitar Miss Alice antes de ir embora.

Amy lançou um olhar triste para ele.

— Tem razão — ela concordou.

— Então, Spanish Town em vez do aeroporto — concluiu Dan, já se perguntando o que poderia dizer a Miss Alice.

Não houve resposta de Nellie.

E ela não estava usando os fones de ouvido.

— Nellie? — perguntou Amy. — Queremos ir visitar Miss Alice, você entendeu?

Nellie tirou os óculos escuros do topo da cabeça e os pôs nos olhos.

— Eu ouvi — ela respondeu — sentem aí e relaxem. Vocês dois estão precisando descansar um pouco.

— Mas esse não é o caminho certo — avisou Dan — Spanish Town fica pra lá...

Ele estendeu o polegar por cima do ombro, indicando a direção oposta.

Depois de mais alguns instantes, ficou claro que Nellie não tinha intenção alguma de fazer o retorno, e Dan sentiu sua confusão se transformar numa vaga sensação de medo.

— Cadê a caixa do Lester? — ele lembrou de repente.

— Já disse, está em segurança — respondeu Nellie.

Ele viu o reflexo de Nellie no retrovisor. Ela lançou um sorrisinho para ele.

— Não se preocupe com isso — ela disse — lembre-se, o médico mandou você pegar leve.

— Vou pegar leve assim que você me falar onde está a caixa — insistiu Dan.

Nellie apertou os lábios. Depois disse:

— Não vou responder mais nenhuma pergunta. Você vai entender tudo quando chegarmos lá.

— Chegarmos AONDE? — Dan ergueu a voz. — Aonde você está nos levando?

Não houve resposta.

Amy deve ter sentido o mesmo pânico que ele, pois estava segurando a maçaneta da porta.

— Pare o carro — ela mandou. — Eu vou sair... não vou continuar enquanto você não contar pra gente o que está acontecendo.

— Sinto muito — disse Nellie. — Este é um carro expresso. Não faz nenhuma parada até... o terminal.

O *terminal*. O jeito como ela disse isso pareceu sinistro para Dan.

Amy mexeu na maçaneta. A trava para crianças estava fechada, eles estavam trancados.

— Para sua própria proteção — informou Nellie.

Por um momento de loucura, Dan pensou em agarrar o volante ou tapar os olhos de Nellie com as mãos – qualquer coisa que a fizesse parar o carro. Mas havia outros veículos na estrada e alguém poderia se machucar.

O coração de Dan batia tão forte que ele sentia os batimentos na garganta. Ele tentou falar, mas as palavras não vieram. Só conseguia ficar olhando, descrente, para a nuca de Nellie.

Esse tempo todo, ela estava nos ajudando só para nós baixarmos a guarda. Baixamos e agora, de repente, ela nos deu um soco.

* * *

Depois de uns poucos minutos na estrada, Nellie encostou o carro e deu um telefonema no celular.

— Estou indo — ela falou. — Não. Não funcionou. Mas eles estão comigo. O que significa plano B.

As palavras eram tão enigmáticas quanto assustadoras, mas, para Amy, a coisa mais apavorante de todas era a voz inalterada de Nellie. Era como se ela fosse um robô, não havia um fiapo de emoção em suas palavras E seu rosto parecia frio como pedra.

Sequestrados. Estamos sendo sequestrados.

Amy nem tentou perguntar o que significava o plano B, sabia que não receberia a resposta. Com os dedos trêmulos, soltou o cinto de segurança e pulou para o banco de trás. Precisava ficar perto de Dan.

Amy queria se sentir furiosa com essa última evidência incontestável da traição de Nellie. Em vez disso, foi quase derrubada por uma onda de exaustão.

Estou tão cansada. Cansada e triste demais para ficar brava. Ela queria se encolher num quartinho escuro e sem som, e dormir, dormir e dormir. Por uns dez anos.

Virando o rosto na direção da janela, Amy fechou os olhos contra sua vontade. Umas poucas lágrimas molharam seus cílios.

* * *

Depois de dirigir por cerca de uma hora e meia em silêncio absoluto, Nellie deixou a rodovia principal e pegou uma estrada menor que costurava entre as montanhas. Embora as montanhas parecessem quase totalmente desabitadas, de vez em quando passavam por uma ou outra casa. Umas poucas casas juntas formavam uma cidadezinha. A estrada ficava cada vez mais estreita e íngreme a cada curva e finalmente os levou a uma ponte de ferro, pavimentada com placas de aço, que atravessava um córrego.

MOORE TOWN, dizia a placa na ponte.

Nellie atravessou a ponte e parou o carro do outro lado. Abriu as trancas das portas.

— Podem sair — ela informou com a mesma voz sem expressão. — Mas nem pensem em correr pra lugar nenhum.

Ela não pode impedir nós dois, pensou Amy. *Talvez eu possa distraí-la enquanto o Dan sai correndo...*

Amy saiu do carro e olhou em volta. Moore Town não se parecia com nenhuma cidade que já tivesse visto antes. As casas ficavam dispostas dos dois lados de uma trilha de terra que subia a encosta da montanha. Algumas eram pintadas de cores tropicais – azul, rosa, amarelo-limão – desbotadas porém ainda alegres. As montanhas mais ao longe estavam envoltas numa névoa cinza-azulada e borrada.

Dan contornou o carro e se postou ao lado dela.

— E agora? — ele perguntou, angustiado.

— Depende de vocês.

A voz tinha vindo de trás deles. Baixa, áspera... Quando Amy se virou, agarrou a mão de Dan, sabendo exatamente quem veria.

O homem de preto.

Que agora estava todo vestido de cinza.

Amy ficou paralisada. Viu que ele estava segurando um embrulho de lona que ela já conhecia.

A caixa.

Nellie tinha dado a caixa ao homem de preto.

— NÃÃÃÃÃO!

Dan se libertou da mão de Amy e se jogou para a frente. Seu ódio era palpável. Amy sabia que em hipótese alguma ele permitiria que a caixa – a caixa de Lester – permanecesse nas mãos do inimigo.

Para um idoso, o homem demonstrou uma agilidade surpreendente. Deu um passo para o lado para evitar a investida de Dan e estendeu o pé. Dan tropeçou e se espatifou na terra.

Amy correu até o lado dele.

Ele ergueu os olhos para a irmã, ensandecido.

— Podemos enfrentar eles... você vai na Nellie e eu vou...

— Ora, por favor — o homem de cinza interrompeu. — E depois o quê?... Correr para fugir de nós? Você planeja correr exatamente para onde?

Em desespero, Amy percebeu que ele tinha razão. O homem provavelmente tinha escolhido aquele lugar por esse exato motivo. Ficava a quilômetros de distância de qualquer lugar seguro e Dan com certeza ainda estava fraco demais para correr muito longe.

— Talvez seja melhor vocês ouvirem o que eu tenho a dizer — afirmou o homem. — Vamos para algum lugar mais confortável onde possamos conversar?

— Você tentou matar a gente! — gritou Dan. — Na Áustria! Por que a gente ia sentar com um *assassino*?

O homem parecia surpreso.

— Vocês me entenderam mal. O que é perdoável, considerando que vocês não possuem conhecimento de todos os fatos. Infelizmente, devo insistir para que sentemos juntos. Estou sozinho no momento, mas tenho assistência por perto. — Ele levantou um celular. — Imagino que vocês prefiram falar comigo e não com um de meus colegas menos civilizados.

A ameaça não poderia ter sido mais clara.

* * *

Eles se sentaram sob um toldo na lateral de uma das construções, num bar que também funcionava como mercadinho. Nellie pegou a caixa e a trancou no carro. Depois, estranhamente, não se juntou a eles, mas ficou parada na beira da rua.

Amy e Dan se sentaram um do lado do outro de frente para o adversário.

— Vocês conhecem Moore Town? — perguntou o homem.

Amy já tinha decidido não dizer uma palavra a mais que o necessário para ele. Nem ela nem Dan responderam. Parecia ser uma pergunta retórica, de qualquer modo. O homem continuou a falar, sem se perturbar com a ausência de resposta.

— Era um dos assentamentos originais dos Windward Maroons — ele explicou. — Outro era Nanny Town, em homenagem, é claro, à Excelentíssima Nanny.

Amy tremeu. Parece que ele já sabia das investigações deles sobre Nanny. *É claro. Nellie deve ter contado pra ele*. *Nellie deve ter contado tudo pra ele.*

— Era tanto seu lar como sua base operacional — ele continuou. — Queria que pudéssemos ter nos encontrado em Nanny Town, mas a cidade está abandonada faz muitos anos.

Ele tomou um gole de sua bebida.

— A ponte que vocês atravessaram é o único acesso à cidade — ele disse. — Os Maroons eram muito espertos, todos os seus assentamentos tinham apenas um ponto de entrada. Isso tornava mais fácil protegê-los.

Apenas uns poucos Maroons eram capazes de deter um grande número de tropas britânicas. Nanny Town tinha uma defesa parecida, ficava numa saliência da montanha, virada para um rio.

Amy olhou de relance para Nellie, que estava de costas para eles. Nellie parecia estar vigiando a rua no sentido que voltava para a ponte.

O homem seguiu o olhar dela.

— Sim, isso mesmo — ele confirmou. — Ela está de guarda. Com ela ali, ninguém pode surpreender a gente, pois o único jeito de entrar em Moore Town é por essa estrada.

— Não estou interessado numa aula de geografia de alguém que tentou nos matar — disse Dan, ríspido.

Aquela era a única coisa boa na enrascada em que eles estavam: a raiva de Dan o fizera voltar a ser a pessoa que era.

O homem inclinou a cabeça.

— Mas é claro. Sua impaciência é compreensível.

Ele entrelaçou os dedos e pôs as mãos na mesa diante de si.

— A primeira coisa que eu deveria contar é que estou falando com vocês em nome dos Madrigal.

Amy cutucou Dan por baixo da mesa. Sentia a raiva do irmão fervilhando. *Fique calmo*, ela tentou dizer por telepatia. *Mantenha o foco. Temos que achar um jeito de pegar essa caixa de volta e depois sair daqui...*

— Os Madrigal vêm acompanhando seus avanços com grande interesse — começou o homem. — Eles estão muito impressionados. Fui encarregado de descobrir como vocês realizarão uma tarefa específica que eles prepararam para vocês.

— Não vamos fazer nada para eles! — cuspiu Amy.

O homem encolheu os ombros.

— Certo. Mas preciso adverti-los das consequências de não cooperar. Sem entrar em muitos detalhes, vocês deveriam saber que estamos de posse do seu outro companheiro.

— Nosso outro...? — Assombrada, Amy deixou a pergunta pela metade.

Saladin! Ela estava tão exausta no hotel na noite anterior que nem tinha notado que o gato não estava ali.

— Você... melhor você não... você deixe o gato em paz! — Dan mal conseguia pronunciar as palavras.

— O q-que vocês fizeram com ele? — A voz de Amy vacilou. Ela nem queria imaginar o que eles podiam fazer com Saladin... Quem eram essas pessoas, dispostas a ameaçar um pobre gato inocente?

— Ora, nada — respondeu o homem. — Ele está perfeitamente bem. E vai continuar bem, contanto que vocês cooperem. É bem simples: vocês só precisam fazer a caixa abrir.

— Quero que você dê sua palavra sobre uma coisa — disse Dan.

Amy percebeu, pela voz do irmão, que ele ainda estava lutando para represar sua fúria.

— Você não está exatamente em condições de negociar.

— Aí é que você se engana. Vocês querem que a gente faça isso. Se não quisessem, vocês mesmos fariam. Por isso quero uma coisa em troca.

O homem não disse nada.

Dan continuou:

— Depois que vocês tirarem seu precioso segredinho da caixa, eu quero ela de volta. A caixa... e o Saladin.

O homem deu de ombros.

— Acredito que isso possa ser providenciado.

— Quero sua palavra — teimou Dan. Ele olhou para o homem com uma expressão de desdém, depois acrescentou: — Quer dizer, isso se sua palavra servir pra alguma coisa.

O homem franziu o rosto, depois estendeu a mão.

— Dou minha palavra — ele concordou, baixando a cabeça.

Quando ele ergueu os olhos para Dan, Amy ficou surpresa ao ver no rosto do homem um olhar de... poderia ser respeito? Ou talvez até orgulho? Foi só por um breve segundo, mas talvez fosse só imaginação dela.

— Se você terminou o que tinha a dizer — ela disse numa voz fria — gostaríamos de começar.

* * *

— Senhorita Gomez?

Nellie abandonou seu posto de sentinela e se aproximou deles.

Parece o animal de estimação dele, pensou Amy, cheia de repulsa.

Mas, por baixo do pensamento desdenhoso, ela ainda sentia um oceano de mágoa com a traição de Nellie.

— Por favor, vá buscar a caixa — ele pediu — e depois eu e você deixaremos esses dois em paz para tentarem cumprir sua tarefa.

— O quê? — exclamou Nellie, franzindo a testa.

— Acho que você me ouviu muito bem.

— Não! — gritou Nellie. — Isso não era parte do acordo... Você disse que eu podia ajudar eles!

O coração de Amy pulou no peito. *Será que Nellie podia ser... uma agente tripla?* Amy tentou reprimir essa ideia, não aguentaria alimentar esperanças apenas para vê-las destruídas outra vez.

— O acordo, senhorita Gomez, somos nós que determinamos.

Nellie estreitou os olhos.

— Você acha? — Ela correu para o carro, abriu a porta e ergueu as chaves. Então berrou: — Se vocês não me deixarem ajudar os dois, eu vou embora com o carro agora mesmo. E levo a caixa.

O homem de cinza pareceu não se abalar.

— Quanto tempo você acha que levaria até localizarmos você?

— O suficiente para que eu dê a caixa para os Kabra — ela retrucou.

Uma leve inquietude passou pelo rosto do homem, mas no momento seguinte ele estava outra vez no controle.

— Ora, calma — ele disse. — Não tome decisões apressadas.

— Estou falando sério! — ela berrou. — Quer me testar?

O homem ergueu as mãos.

— Acalme-se, por favor — ele pediu, depois deu de ombros — Pode permanecer com eles, se é esse seu desejo.

— Você agiu certo — respondeu Nellie em voz baixa. E andou de volta até a mesa.

Amy olhou fixo para ela.

O que está acontecendo?

De um jeito ou de outro, eles estavam prestes a descobrir.

* * *

Nellie tirou a argola do nariz e pegou a cobra idêntica de Miss Alice. Amy pôs seu colar de dragão e a presa de lobo lado a lado diante de si. Dan tirou a garra de urso da corrente.

— Você vai precisar disso — disse o homem, tirando do bolso um pequeno alicate.

Nellie usou a ferramenta para arrancar os pinos de sua argola de nariz e do brinco de Miss Alice. Depois passou o alicate para Dan, que cortou a pequena alça do pingente onde estava a garra de urso.

Amy pegou o alicate. Hesitou só por um instante antes de arrancar o medalhão de dragão do colar de Grace.

O homem desembrulhou a caixa entalhada e a entregou para Nellie. Ela encaixou as cobras no lugar, em um dos lados.

Dan fez o mesmo com a garra de urso.

Então Amy pôs a presa de lobo no terceiro lado da caixa. Depois pegou o medalhão de dragão e prendeu o fôlego.

O dragão se encaixou perfeitamente no lugar, com um estalo.

A caixa não abriu. Amy soltou o fôlego. *É claro que não,* ela pensou. *Não é magia, pelo amor de Deus*.

Ela tentou abrir como abriria uma caixa normal.

Não teve sorte.

— Dá aqui, deixa eu tentar — pediu Dan, ansioso.

Ele fuçou os quatro lados da caixa, tentando abri-la. Até a virou de cabeça para baixo.

Também não funcionou.

O homem de preto estava observando os três, meio recostado na cadeira, de braços cruzados. Ele tinha posto os óculos escuros, Amy não podia ver sua expressão.

Nellie também tentou abrir. Por enquanto, Amy tinha decidido parar de se perguntar de que lado Nellie estava. Naquele momento, ela e Dan precisavam de toda a ajuda que estivesse disponível.

Cada um deles experimentou mais uma vez. Amy tentou abrir os painéis laterais, depois deslizar a tampa em vez de levantá-la.

Nada.

O homem de cinza ficou de pé.

— Parece que vocês fracassaram — ele concluiu, estendendo a mão para pegar a caixa.

Dan agarrou a caixa e a colocou atrás das costas. Lançou um olhar tão feroz para o homem que Amy quase tremeu. Ela nunca o vira com aquela expressão antes, não sabia o que poderia acontecer se o homem tentasse tirar a caixa de Dan.

— Por favor — ela disse, desesperada — não podemos ter só mais um tempinho? Temos os ícones, todos se encaixam, nós só temos que descobrir... — Sua voz foi morrendo.

O homem se afastou alguns passos. Tirou um celular, digitou um número e falou depressa. Depois se virou e olhou para eles.

— Agora são doze e cinco — ele anunciou. — Vocês têm exatamente uma hora. Se a caixa não estiver aberta à uma e cinco, vocês fracassaram. Entendido?

Amy fez que sim com a cabeça.

— Rapaz?

Dan ainda estava olhando feio para ele, mas também concordou.

— Eu volto em... — o homem conferiu o relógio de pulso — ... cinquenta e nove minutos. — Ele fez uma pausa. — Lembrem-se, todos os lados na verdade são um só, e vocês precisam de nós para vencer.

O homem se afastou, deixando-os com a caixa.

* * *

Quarenta minutos depois, Nellie olhou para Amy, sem esperanças. Amy estava à beira das lágrimas e nada que Nellie pudesse dizer consolaria a menina.

Eles tinham tentado de tudo. Tiraram os ícones e colocaram de volta, em todas as ordens possíveis. Encaixaram todos os quatro ícones ao mesmo tempo. Tinham deitado a caixa de cada um dos quatro lados. Tentaram abri-la com duas pessoas empurrando partes diferentes dela ao mesmo tempo. Tinham batido, fuçado e cutucado em cada centímetro quadrado.

Nada funcionou.

A cabeça de Amy estava baixa, numa vã tentativa de esconder seu choro. O suor escorria pelo rosto de Dan enquanto ele examinava a caixa mais uma vez.

Nellie sentiu que sua cabeça estava prestes a explodir. Tinha de haver algum jeito de ajudar...

— Pensem! — ela exclamou. — Devemos ter esquecido de alguma coisa. Pensem desde o comecinho... Desde as Bahamas.

Amy levantou a cabeça um pouco.

— A garra de urso — ela disse. — Isso foi nas Bahamas.

Dan parou de mexer na caixa e ergueu o rosto.

— Depois disso viemos pra cá... pra Jamaica... e achamos a cobra de Miss Alice.

Visivelmente, concentrar-se em outra coisa além da caixa estava fazendo com que se sentissem um pouco melhor.

— E depois o quê? — Nellie incentivou.

— Depois você ligou pro seu pai — disse Amy — e...

— A EXCELENTÍSSIMA NANNY! — gritou Dan. — A tira de ouro do chifre.

Amy já estava fuçando na mochila. Tirou o pedacinho de metal, que estava cuidadosamente embrulhado numa folha de papel.

Nellie viu Amy franzir a testa quase na mesma hora.

— Não encaixa — ela disse. — Olha. É mais comprida que qualquer um dos lados.

— Mas e na diagonal? — sugeriu Dan.

— Ainda assim é comprida demais.

— Talvez a gente tenha que dobrar — ponderou Nellie.

— Mas como? — perguntou Amy.

O coração de Nellie afundou no peito. Amy tinha razão, havia provavelmente cerca de um milhão de jeitos de dobrar a tira. Eles nunca descobririam a tempo.

— Só pode ser isso, só PODE ser isso — dizia Dan sem parar.

— Deixa eu ver — pediu Nellie. — Empresta a tira.

Ela inspecionou de perto o pedaço de metal. Aquelas letras minúsculas...

ektomaluja ektomaluja ektomaluja ektomaluja

— Por que será que tem letras dos dois lados? — ela perguntou. — Tipo, se isso encaixa na caixa como as outras peças, deveria ter frente e verso. Mas não tem. Os dois lados são iguais.

Dan e Amy se debruçaram sobre a tira nas mãos de Nellie. Então Amy levou um susto. Enfiou a mão na mochila outra vez e tirou o bloco de anotações.

— Pensei nisso uma vez e depois esqueci — ela lembrou. — Olhem.

Ela mostrou a eles a página onde tinha anotado a palavra misteriosa:

EKTOMALUJA
EK – Ekaterina
TOMA – Tomas
LU – Lucian
JA – Janus

— Fiquei me perguntando por que o clã dos Tomas tinha quatro letras quando todos os outros tinham só duas — ela continuou. — É porque não é T-O-M-A de Tomas.

Ela rabiscou freneticamente, depois mostrou a página outra vez.

EKTOMALUJA
EK – Ekaterina

TO – Tomas
MA – MADRIGAL
LU – Lucian
JA – Janus

— Brilhante! — gritou Dan.

Nellie fechou os olhos, concentrada.

— Lembram do que ele disse quando foi embora? Que nós precisávamos deles para vencer, ou alguma coisa assim. Dos Madrigal.

— Os quatro clãs, um ícone de cada lado da caixa — resumiu Amy. — Os Madrigal, no meio da palavra-código... Os Madrigal no meio, de algum modo...

Dan estava franzindo a testa com muita força. Olhou para Nellie.

— O que você disse antes? Você disse alguma coisa... Estou tentando lembrar...

— Sobre o homem de preto? Quer dizer, de cinza?

— Não. Antes disso.

Nellie pensou por um instante.

— Ah, lembrei. Eu estava perguntando por que tem letras de ambos os lados.

Dan ficou totalmente imóvel; era quase possível ouvir o esforço que seu cérebro estava fazendo.

— As letras estão em *relevo* — ele pensou em voz alta. — E dos dois lados. Isso significa que as letras se encaixam... em algum lugar onde não conseguimos enxergar. Me dá essa tira.

Nellie observou Dan formar um círculo com a tira, juntando as pontas.

— Está vendo? — ele mostrou. — Talvez entrasse assim, pela lateral, não de comprido, e se você enfiar exatamente no lugar certo...

Os três quase deram uma cabeçada ao se debruçar para examinar a caixa outra vez.

— Tem que ser na tampa — disse Amy, entusiasmada. — Não é nenhum dos quatro lados, por isso a tampa é, tipo, o meio.

Foi Dan quem achou: uma fenda estreita nos entalhes na tampa da caixa. A fenda tinha um formato elíptico, quase oval, em que a tira de metal se encaixaria.

Porém não encaixou. Na verdade *quase* encaixou, mas não exatamente. Por mais que eles tentassem várias posições, movendo a tira um pouquinho por vez, ela não cabia na fenda.

Nellie soltou um resmungo de frustração. Tirou o celular para conferir a hora.

— São uma e dois — ela informou num tom de urgência. — Ele vai voltar a qualquer minuto.

— Tinha mais uma coisa — disse Amy, de repente. — Ele disse mais alguma coisa antes de ir embora. Além da parte de nós precisarmos dos Madrigal.

— Ele disse... — Dan estreitou os olhos, concentrado — ... disse para nós lembrarmos que todos os lados na verdade são um só.

— Todos os lados são um só — sussurrou Amy. — Todos os lados são um só...

Houve um momento de completo silêncio.

Então Amy sorriu. Era um sorriso *radiante*, pensou Nellie. Não havia outra palavra para aquilo.

— Anel de Möbius — ela concluiu.

— Anel de quem? — disse Dan.

— De Möbius. É uma forma geométrica que tem um lado só.

Ela pegou o pedaço de ouro e formou um círculo outra vez. Mas antes de juntar as pontas, deu meia torcida na tira, que agora tinha um formato oval meio mole.

— Olhe — ela mostrou. — Se eu pusesse a ponta de um lápis aqui e traçasse uma linha até o meio da tira, poderia dar uma volta inteira até voltar para o começo. E a linha apareceria de ambos os lados, sem que eu jamais precisasse levantar o lápis. O que prova que na verdade a tira só tem *um* lado.

— Não entendi — disse Nellie.

— Eu te mostro de novo mais tarde — respondeu Amy. — Funciona melhor com uma tira de papel.

— ESQUECE ISSO! — exclamou Dan. — Vê logo se encaixa desse jeito!

— Ok, ok — falou Amy.

Nellie percebeu que Amy não estava mais com pressa nenhuma. Parecia totalmente calma e invadida por uma confiança suprema.

Segurando a tira de ouro como o anel de Möbius, Amy a inseriu na fenda. Tentou uma, duas, três vezes.

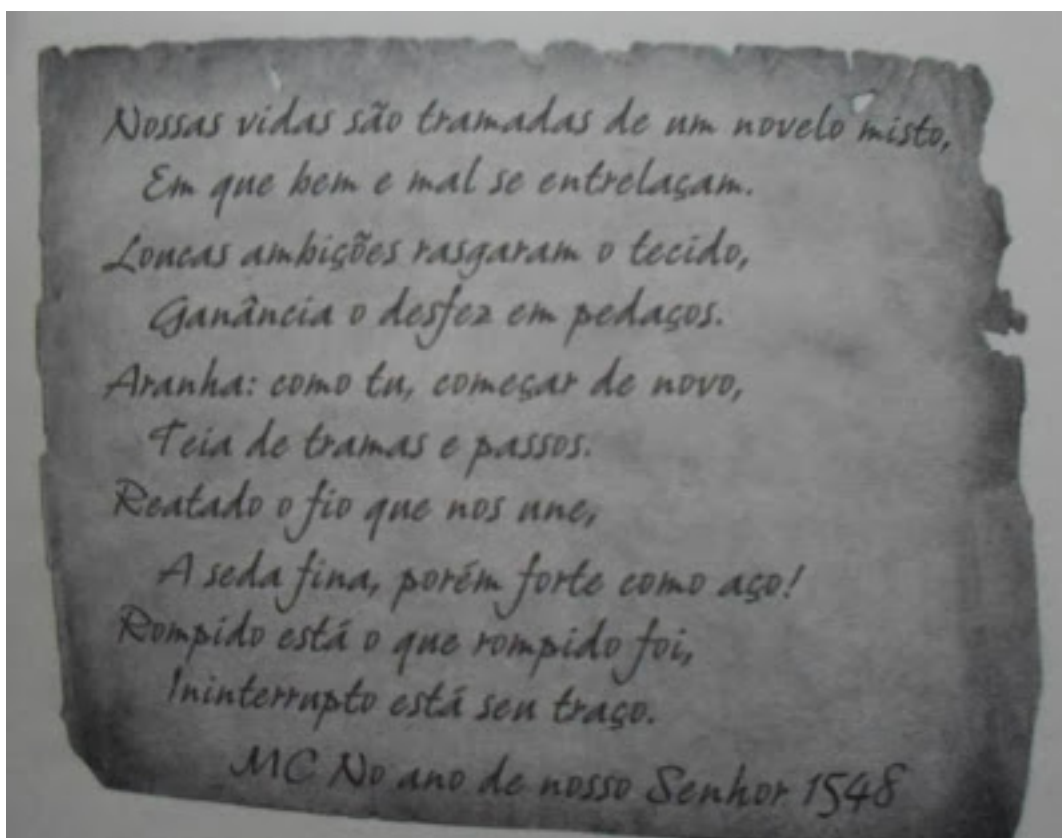
Na quarta tentativa, a tira se encaixou perfeitamente no lugar, com um estalo.

Ouviu-se um *pim* e a tampa da caixa se entreabriu.

— Vamos abrir juntos — anunciou Amy com os olhos brilhando. — Prontos? Um... dois... três...

O interior da caixa era forrado de seda e decorado com um complexo bordado de uma baleia. Havia dois objetos: um pequeno rolo de pergaminho e uma bolsinha.

Amy desenrolou o pergaminho com cuidado. As bordas estalaram e uns poucos minúsculos pedaços se soltaram. A tinta da página estava desbotada, porém ainda legível. Amy leu em voz alta:



Nossas vidas são tramadas de um novelo misto,
Em que bem e mal se entrelaçam.
Loucas ambições rasgaram o tecido,
Ganância o desfez em pedaços.
Aranha: como tu, começar de novo,
Teia de tramas e passos.
Reatado o fio que nos une,
A seda fina, porém forte como aço!
Rompido está o que rompido foi,
Ininterrupto está seu traço.
MC No ano de nosso Senhor 1548

— Posso ver? — Dan tomou o pergaminho com cuidado das mãos de Amy. Deu uma passada rápida de olhos nele.

— U-HU! — ele comemorou. — Finalmente, essa é fácil!

Ele fez um gesto convidativo com os dedos de uma das mãos.

— Vamos, perguntem pra mim — ele pediu.

Amy e Nellie se entreolharam levantando as sobrancelhas.

— Certo — disse Nellie — o que você descobriu?

A expressão de Dan era de pura arrogância.

— Quero que você implorem.

— Dan! — repreendeu Amy, meio rindo mas totalmente irritada.

— Só estava brincando — ele respondeu. Dan estendeu a página e apontou. — Estão vendo a primeira letra de cada verso? N-E-L-G-A-T-R-A-R-I. É outro anagrama e eu tenho certeza disso porque já desembaralhei a palavra: INGLATERRA! É esse o nosso próximo destino.

Ele fingiu lamber o dedo e depois o encostou na própria cabeça.

— *Ssss* — ele brincou. — Pois é, eu sou bom. Sou *muito* bom.

As meninas se entreolharam de novo. Num esforço para distrair a atenção de Dan de sua autoproclamada superioridade, Amy pegou a bolsinha. Era um belo artefato, forrado e acolchoado, fechado por um barbante de puxar. Ela abriu com cuidado e tirou um pequeno frasco de vidro.

O frasco estava cheio de uma substância vermelha amarronzada, como um pó grosso. Amy tirou a rolha do frasco e o levou ao nariz, cheirando a substância com cuidado.

— Não sei — ela disse, franzindo a testa. — Ainda dá pra sentir alguma coisa, mesmo depois de todo esse tempo, mas não sei...

Nellie pegou o frasco. Deu uma cheiradinha rápida nele.

— É macis — ela reconheceu imediatamente. — Aquele tempero que eu comprei. A casca da noz-moscada.

Os três abriram sorrisos imensos uns para os outros.

— Uma pista e o próximo lugar, tudo em cerca de trinta segundos! — comemorou Dan.

* * *

O homem de cinza estava de pé atrás de Nellie. Eles ficaram tão absortos na caixa e em seu conteúdo que nenhum dos três havia notado quando ele se aproximou.

— Muito bem — ele disse em voz baixa.

O homem se sentou e tirou os óculos escuros. Depois, para o espanto de Amy, enxugou os olhos, como se estivessem marejados.

Ele limpou a garganta e recolheu a caixa.

— Construída por um Ekat regenerado — ele começou — muito engenhosa, vocês não concordam? Os Ekaterina se proclamaram donos desta área, o Caribe, muito tempo atrás, e têm sido muito ativos aqui. Aliás, acho que vocês gostariam de saber que seu gato está seguro em Kingston. Vamos buscá-lo quando partimos daqui.

Ele pôs a caixa de volta na mesa.

— Devo pedir desculpas — ele disse. — Primeiro, por meu comportamento hostil de antes. Como vocês ficarão sabendo em breve, era tudo parte do grande esquema. E segundo, porque nunca me apresentei direito. Meu nome é Fiske Cahill. E eu gostaria de agradecer a vocês por proporcionarem tanta alegria a minha irmã.

Irmã dele?

— Grace — ele explicou, enquanto se sentava ao lado de Nellie. — Grace era minha irmã.

* * *

O queixo de Amy caiu.

Grace tinha uma única irmã: a tia Beatrice. Nenhuma delas jamais havia mencionado um irmão. Não podia ser verdade!

— Como é possível que nós nunca ouvimos falar de você? — perguntou Dan.

O homem franziu o rosto e se curvou um pouco na cadeira.

— Não há uma resposta fácil para esta pergunta — ele respondeu, quase falando consigo mesmo. Ele parou e tomou fôlego. — Quando criança, eu era terrivelmente tímido. Tão tímido que ficava quase sem ação quando estava com outras pessoas. Meus pais permitiram que eu não fosse para a escola e estudasse em casa, com um professor particular. Talvez isso tenha sido um erro, pois, no fim, tornou mais fácil que eu... que eu desaparecesse de vez quando decidi, na juventude, que não queria me envolver com... com o negócio da família.

O homem lançou-lhes um olhar inquisitivo a Amy sabia de qual negócio ele estava falando: a busca pelas 39 pistas.

O homes entrelaçou os dedos e olhou para as mãos.

— Na infância, Grace e eu nos adorávamos. Ela foi a única pessoa com quem mantive contato ao longo dos anos e sob as minhas condições, não as dela. Eu telefonava ou escrevia de vez em quando, fazia breves visitas a cada um ou dois anos. Foi só quando ela adoeceu que eu fui vê-la por um período mais extenso.

Ele balançou a cabeça e sua voz já baixa se tornou apenas um sussurro:

— Uma das muitas escolhas ruins que fiz na vida, a que mais me causa arrependimento, é não ter passado mais tempo com ela.

Amy sentiu um pequeno aperto na garganta. Como seria se Dan desaparecesse da vida dela? Então ela se flagrou pensando nisso e franziu a

testa. Se Fiske Cahill não estava falando a verdade, era um ator excelente. Provavelmente queria que ela pensasse exatamente o que estava pensando. Ela precisava ficar alerta...

— Espero que isso baste como explicação para o fato de nunca terem ouvido falar de mim — ele terminou — porque não há outra. Grace, em seus últimos dias, pediu que eu me envolvesse na busca pelas pistas. Eu não podia recusar seu pedido.

— Isso não é suficiente — disse Dan. — Você ainda não nos deu nenhuma prova real de que é irmão da Grace.

Fiske Cahill ficou em silêncio por um instante. Depois levantou o queixo, piscou os olhos e falou numa voz nasal, aguda:

— Qualquer pessoa que participe desse jogo imbecil é um idiota. Eu vou ficar com o dinheiro!

Amy olhou fixamente para ele, embasbacada. Ele tinha feito uma imitação perfeita da tia Beatrice, em todos os detalhes!

A tia Beatrice tinha dito algo muito parecido no dia da leitura do testamento de Grace. A semelhança era impressionante. Aquela imitação só poderia ter sido feita por alguém que a conhecesse bem... *muito* bem.

— Você estava lá? — sussurrou Amy.

— Sim. Escondido e ouvindo de outro cômodo. A voz da minha irmã mais velha pode ser muito irritante, como vocês certamente sabem.

Amy olhou para Dan. Ele fez que sim com a cabeça e encolheu os ombros, ao mesmo tempo.

Ela discordou com um gesto.

— Mesmo assim, pode ser um truque — ela insistiu. — Ele poderia ter, tipo, estudado ela. Sabe, seguido a tia Beatrice na rua, filmando ela ou algo desse gênero. E treinando essa imitação. Ou talvez ele esteja agindo em algum tipo de conspiração junto com ela...

— Com a *Beatrice*? — Fiske Cahill se espantou.

— Com a *tia Beatrice?* — repetiu Dan.

Eles não apenas tinham falado ao mesmo tempo, como tinham expressões idênticas de incredulidade no rosto. Amy foi atingida por uma revelação. Por muito tempo, ouvira falar de como lembrava Grace às pessoas. Miss Alice tinha reconhecido a semelhança entre as duas, muito embora fizesse anos que não visse Grace. Agora Amy viu exatamente o mesmo tipo de semelhança entre Dan e o homem de cinza!

Eles só podiam ser parentes.

— Tenho tanta coisa para contar a vocês, mal sei por onde começar — disse Fiske Cahill — vou fazer o possível. Vocês já sabem que pertencem ao clã dos Madrigal.

— Sim e sabemos que isso é uma má notícia — respondeu Dan.

— Não necessariamente — replicou Fiske. — Depende do ponto de vista.

— Ah, ótimo – disse Dan — agora tudo está mais claro.

Por uma fração de segundo, Amy achou que Fiske talvez sorrisse. Mas então suas sobrancelhas se aproximaram e ele pareceu muito sério.

— Gideon e Olivia Cahill tiveram quatro filhos — disse Fiske. Ele parou e esperou.

Dan e Amy se entreolharam. Pelo jeito, aquilo era uma espécie de teste.

— Katherine, Luke, Thomas e Jane — respondeu Amy.

Fiske confirmou com a cabeça, num gesto de aprovação.

— Gideon gastou uma fortuna e sua vida inteira tentando achar a cura para a peste. O soro que ele criou realmente protegia contra a peste, mas também, tinha efeitos colaterais inesperados. Embora ele não soubesse na época, seu soro alterava o DNA daqueles que o tomavam, proporcionando habilidades maiores em todas as atividades humanas. Por fim, Gideon deu a cada um dos filhos parte da fórmula. Logo depois, ele morreu num incêndio que destruiu seu laboratório. Seus filhos suspeitaram uns dos outros de sabotagem, o que levou à dissolução da família. Cada filho passou a liderar um clã específico dentro da família Cahill.

Pausa.

Era a vez de Dan.

— Ekaterina, Lucian, Tomas, Janus.

Fiske confirmou com a cabeça outra vez.

— Por séculos, os clãs vêm realizando uma busca incansável, enfrentando-se para encontrar pistas sobre os ingredientes que irão reconstruir a fórmula, tanto de seu próprio soro particular como do soro mestre que contém o segredo dos poderes de todos os clãs. Porém, cada vez que um clã chega perto, é impedido de alcançar o êxito.

— Pelos Madrigal — sussurrou Amy.

— E é por isso que eles são odiados por todos os outros clãs... quer dizer, *nós* somos odiados por todos os outros clãs... concluiu Dan. — Mas como os Madrigal se envolveram na busca das pistas, pra começo de conversa?

Fiske respondeu a pergunta com outra pergunta:

— Amy — ele pediu — posso ver aquele retrato em miniatura?

Confusa, Amy tirou o retrato da mochila e o entregou para ele.

Ele contemplou a pintura durante alguns instantes, depois falou devagar:

— Na época do incêndio, ninguém sabia que a mulher de Gideon, Olívia estava grávida de seu quinto filho.

Ele virou o retrato na direção deles.

— Esta é Madeleine Cahill — ele disse — fundadora da linhagem dos Madrigal.

* * *

Amy já tinha olhado para o pequeno retrato em diversas ocasiões, mas era como se o visse pela primeira vez. Era incrível... Não era à toa que a mulher na pintura era igualzinha à mãe dela!

— Sua tatara-tatara-tatara... bom, mais ou menos 22 tataras... avó — explicou Fiske.

— Foi ela que escreveu o poema — disse Dan, apontando para a caixa. — MC. Madeleine Cahill.

Fiske confirmou com a cabeça enquanto punha o retrato na mesa com cuidado. Ele limpou a garganta.

— No começo, Olívia Cahill apoiou os esforços do marido — ele contou — enquanto ele estava tentando achar uma cura para a peste. Mas ficou devastada com os danos que a obsessão pelos efeitos colaterais do soro causou à família. Seus filhos se espalharam pelo planeta para começar a tramar seus próprios planos. Ela foi deixada sozinha com o bebê.

— Olivia ficou apavorada com o poder corruptor do soro — ele continuou. — Também estava desesperada para reunir a família e criou Madeleine para crer que nada era mais importante que isso.

Amy fez um barulhinho de surpresa. Seu rosto se iluminou, não de felicidade, mas de compreensão;

Fiske Cahill abriu seu primeiro sorriso.

— Por que você não diz o que está pensando, mocinha?

— Isso também está no poema! — desembuchou Amy — a teia, o tecido, o fio que nos une... é isso que os Madrigal fazem! Eles tentam fazer os outros clãs pararem de brigar!

— Exatamente — concordou Fiske.

— Não entendo — disse Dan, revoltado. — Na minha opinião, eles com certeza não agem como pacifistas a maior parte do tempo.

Fiske parecia solene outra vez.

— Infelizmente você tem razão, Dan. Evitar que os clãs adquiram poder demais nem sempre foi uma tarefa agradável. E, o que é tão importante quanto, os Madrigal tentam evitar que pessoas inocentes se tornem vítimas da batalha.

— Oh! Ah. — Dan ficou sem palavras por um instante e Amy sabia que ele estava tentando assimilar os mesmo pensamentos que ela estava formulando.

Os Madrigal... então eles é que são do bem? Mas como...

— Os outros clãs ficariam muito descontentes se descobrissem que os Madrigal possuem o mesmo status de herdeiros da família Cahill e ainda mais descontentes se soubessem qual é a missão dos Madrigal — continuou Fiske. — É por isso que o clã sempre esteve envolto em segredos.

— E... e nossos pais? — Amy perguntou. — Também era isso que estavam fazendo?

Fiske confirmou com a cabeça.

— Eles estavam entre nossos membros mais ativos. Outra coisa que vocês deveriam saber: os Lucian colocaram a culpa de suas próprias atrocidades em Hope e Arthur. Isso aconteceu na África do Sul.

Winnie Thembeka! A mente de Amy voltou para o momento terrível em que havia dito a ela e Dan que seus pais eram assassinos.

— Eu sabia! Eu sabia desde o começo que eles eram do bem! — exultou Dan, mostrando a mão espalmada para Amy.

Amy retribuiu a batidinha na mão dele, mas por dentro não sentia exatamente o mesmo triunfo que o irmão. *Eles também tiveram de fazer escolhas difíceis,* ela pensou. *Ser bom talvez parecesse simples, mas nunca é fácil.*

— Mas e na Áustria? — perguntou Dan. — Isso também fazia parte do plano, explodir a gente? E depois o quê, nos resgatar? Sinceramente, acho bem arriscado... Nós poderíamos ter morrido.

— Foi Alistair Oh quem deflagrou a explosão — explicou Fiske. — Acreditem em mim, ficamos indescritivelmente aliviados ao saber que vocês estavam sãos e salvos. Vocês concluíram que eu era o culpado e decidimos que seria útil não corrigir esta suposição. Ela reforçava a imagem de poder dos Madrigal entre os membros dos outros clãs.

Foi a vez de Nellie se pronunciar:

— Vocês dois me deixaram apavorada quando disseram que queriam desistir da busca — ela disse. — Eu sabia o quanto os Madrigal precisavam de vocês.

Fiske concordou com um gesto solene da cabeça.

— Sem os Madrigal trabalhando com força total, inúmeras pessoas teriam um destino parecido com o de Lester — ele murmurou. — Quem sabe quantas outras...

O destino do mundo, pensou Amy.

Fez-se silêncio em volta da mesa. Amy viu que parte da mágoa tinha voltado aos olhos de Dan, mas não a mágoa vazia de antes. Em vez disso, ela viu neles uma espécie de determinação. Ninguém mais morreria como Lester morreu, não se Dan pudesse evitar.

E nisso ele podia contar com o apoio dela.

Foi Dan quem quebrou o silencio.

— Ainda tem uma coisa que eu não entendo — ele disse. — Por que a gente não podia saber de tudo isso antes? Por que o senhor McIntyre nos mandou ter cuidado com os Madrigal? Por que a Grace não podia ter contado pra nós que éramos Madrigal e o que os Madrigal fazem?

Fiske deu um suspiro.

— Essa é, talvez, a mais complicada da equação. Madeleine Cahill jurou, no leito de morte da mãe, que usaria de todas as suas forças para reunir a família. Ela estava ciente de como seria difícil a tarefa dos Madrigal e passou anos criando e implementando diretrizes para o clã.

— Algumas dessas diretrizes vocês já conhecem — prosseguiu — mesmo se não sabem disso. O clã dos Madrigal é matrilinear: os Madrigal muitas vezes recebem o sobrenome da mãe, e não o do pai. Era um símbolo da devoção de Madeleine a Olívia.

— Então é por isso que nosso sobrenome é Cahill e não Trent — concluiu Dan.

— Mamãe sempre dizia que era uma coisa feminista — lembrou Amy.

Dan pensou por um instante.

— Na verdade isso não era mentira — ele disse.

— Mas o mais importante — continuou Fiske — é que Madeleine sabia que sua única chance de sucesso seria se os Madrigal fossem os melhores dentre os melhores. Amelia Earhart, como vocês descobriram. Anne Bonn, Mary Read, Nanny Sharpe. Todas eram Madrigal. Muitos outros nomes: Madre Teresa, Frederick Douglas, Roberto Clemente. E mais da metade dos ganhadores do prêmio Nobel da Paz.

— Uau — disseram Dan e Amy, juntos.

— Tem mais — continuou Fiske — a linhagem dos Madrigal é a única da família Cahill em que a condição de membro ativo precisa ser *conquistada*. Apenas nascer dentro da linhagem não é suficiente.

— Conquistada? — Dan se espantou. — Conquistada como?

— Os Cahill que demonstram potencial de se tornar Madrigal ativos precisam passar por um período de provas rigorosas, *sem saber que elas estão acontecendo.* Assim, se não tiverem êxito, o segredo da linhagem dos Madrigal permanece inviolado.

— Algumas provas resultam de conflitos com os outros clãs ou da própria busca pelas pistas — Fiske continuou. — Outras são... como posso dizer... projetadas pelos próprios Madrigal. Este último desafio na verdade foi uma combinação. Precisávamos da presa de lobo e tínhamos muita esperança de que vocês podiam obtê-la. Uma vez que vocês conseguiram isso, decidimos submetê-los à prova de abrir a caixa sob condições um tanto ameaçadoras.

— Quer dizer que os Madrigal vêm tentando atrapalhar a gente de propósito o tempo inteiro? — A voz de Dan subiu de tom, à beira da raiva.

— Eles também ajudaram vocês algumas vezes — retrucou Fiske. — Acreditem em mim, queremos todos os membros ativos que pudermos obter. Nós *queremos* que vocês tenham êxito. Mas não podemos deixar que nossos desejos interfiram no objetivo de selecionar apenas os mais aptos. As atividades dos Madrigal em potencial são rastreados muito de perto, daí a intervenção da senhorita Gomez. E a necessidade de ela enganar vocês.

— Desculpa, galera — disse Nellie — eu quis contar isso um milhão de vezes, mas...

Então Nellie pousou a cabeça na mesa e, um momento depois, Amy ouviu estranhos barulhos que pareciam fungadas.

Mas que diabo... ela está... não, isso não é possível...

— Você está *chorando*? — Dan perguntou, olhando embasbacado para Nellie.

Nellie ergueu para Amy seu rosto coberto de lágrimas.

— Foi t-tão horrível — ela murmurou. — T-ter que mentir pra vocês, e... e depois quando vocês d-descobriram, não confiavam mais em mim, era quase como se vocês me odiassem... e … eu tinha que dar um jeito de s-seguir em frente...

Ela baixou a cabeça outra vez, tremendo e soluçando.

Por um longo instante, Amy se sentiu quase cega de raiva. Parte dela queria bater em alguma coisa ou em alguém com toda a força... por fazer com que eles três passassem por tudo aquilo.

Nellie tinha de fato sido uma traidora. E muitas vezes: para o senhor McIntyre, para o homem de preto, para os Madrigal.

Mas ela tinha feito isso pelos motivos certos. E, não devia ter sido fácil.

Amy respirou fundo. Expirou devagar, tentando soprar toda a raiva para longe.

Funcionou. Pelo menos em parte.

Quando sua visão clareou, ela deparou com o cabelo arrepiado loiro e preto de Nellie... Nellie, a superdurona, reduzida a uma poça de lágrimas por causa da busca pelas pistas...

Ela encostou a mão no braço de Nellie.

— Nellie? — ela disse em voz baixa. — Também peço desculpas. De verdade. Deve ter sito muito difícil pra você.

— Pois é, Nellie — completou Dan numa voz nervosa. — Agora está tudo certo, por isso pode parar de choramingar, beleza?

As fungadas de Nellie diminuíram de volume. Fiske limpou a garganta.

— A senhorita Gomez nem sempre cooperou tanto quanto gostaríamos — ele disse — houve diversas vezes em que ela agiu contra nossa vontade. Quando ajudou vocês com Isabel Kabra mais cedo, por exemplo. E agora há pouco, com a caixa.

Nellie se endireitou na cadeira, deu uma fungada forte e enxugou as lágrimas, deixando rastros de rímel que formavam desenhos interessantes em suas bochechas.

— Fazer o quê? — ela respondeu, dando uma piscadela aguada para Amy.

Amy piscou de volta.

Era incrível como um minúsculo movimento de pálpebra podia lhe transmitir um sentimento tão grande de alívio.

— Realmente — disse Fiske. Ele parecia quase estar achando graça. — Após o período de provas estabelecido por nós, aqueles considerados aptos são notificados de sua condição de Madrigal ativo e os segredos da linhagem dos Madrigal lhes são revelados.

Amy tomou fôlego, assustada.

— Então, se você está contando tudo isso pra gente agora...

Fiske Cahill confirmou com a cabeça.

— Sim. Fui autorizado a contar a vocês dois, Amy e Dan, que a condição de Madrigal ativo lhes foi concedida. — Ele parou. — Devo acrescentar que vocês são, de longe, os candidatos mais jovens que jamais conquistaram isso.

Amy teve quase certeza de que os olhos do homem estavam marejados de novo.

— Sua avó teria muito orgulho de vocês — ele disse. — Como eu tenho.

Dan pulou na cadeira.

— Tem, tipo um certificado? Ou um broche, ou distintivo, ou alguma coisa assim?

Fiske sorriu e inclinou a cabeça.

— Sinto muito, nada desse gênero. Mas há uma recompensa de outro tipo...

Ele parou e olhou furtivamente em volta.

— Até hoje, sete pistas Madrigal foram descobertas — ele disse. — Macis, é claro, graças a vocês. Além disso... — ele se debruçou pelo deles e sussurrou as outras pistas depressa, porém claramente.

Eu devia tentar lembrar de todas, pensou Amy. Naquele instante, Dan a cutucou de leve com o cotovelo e acenou com a cabeça. Ela sabia o que aquilo queria dizer. Ele já tinha decorado as pistas.

— Com essa informação vem uma grande responsabilidade — disse Fiske. — A família Cahill deve ser reunida. Era o maior desejo de Grace, ela passou a vida inteira se preparando para isso. Foi por isso que redigiu seu testamento desse modo: para deflagrar a busca pelas 39 pistas. Ela esperava que a busca se mostrasse tão difícil que os clãs se uniriam para levá-la a cabo.

Ele parou e olhou alternadamente para cada um deles.

— Como vocês bem sabem, isso não aconteceu. A busca agora está quase no fim. A Inglaterra será nossa última chance. Seu foco ali será duplo: vencer a busca pelas pistas em nome dos Madrigal e, ainda mais importante, fazer com que a família volte a se unir.

— A família? — Amy perguntou confusa. De quem ele estava falando? Dele e da tia Beatrice?

— Sim — respondeu Fiske. — Os outros clãs Cahill. Vocês devem agir em conjunto com eles, conseguir que cooperem, confiem em vocês e uns nos outros. Será o maior desafio que vocês jamais enfrentaram.

Amy mal conseguia acreditar no que estava ouvindo. Vencer a busca pelas pistas já seria difícil o bastante, mas fazer com que os quatro clãs cooperassem?

Os briguentos, mentirosos, traiçoeiros membros das famílias Wizard, Oh e Holt?

E pior de tudo...

— *Isabel?* — exclamou Dan, alarmado. — Você quer que a gente coopere com ela? De jeito nenhum... nem em um milhão de anos!

— Não p-podemos — gaguejou Amy. — Nossos pais, ela... eles... nós...

Fiske baixou a cabeça.

— Eu conheci sua mãe quando ela era menina — ele disse em voz baixa. — Uma perda terrível, alguém tão brilhante morrer tão jovem. E seu pai, igualmente.

Outro silencio. Depois Fiske limpou a garganta.

— Digam uma coisa. O que vocês acham que eles iam querer que vocês fizessem?

Quantas vezes a própria Amy já tinha se perguntado aquilo? Será que seus pais iam querer que ela não se metesse em encrenca? Que ficasse em segurança e protegesse o irmão? Talvez... mas quanta segurança haveria para eles num mundo governado por alguém como Isabel? Quanta segurança haveria para qualquer pessoa?

Dan empurrou a cadeira para trás e ficou de pé. Amy viu que ele tinha tomado uma decisão e sabia que o irmão estava certo.

Não é vingança, ela pensou de novo. *É justiça. E não só para nós e nossos pais, mas para o mundo inteiro.*

— Melhor a gente ir — disse Dan. — Inglaterra! Mas primeiro vamos buscar o Saladin, e depois... — sua voz ficou mais baixa — ... depois temos que ir ver Miss Alice.

Todos ficaram em silencio por alguns instantes.

Amy sentiu seu coração se partir quando ela pensou em Miss Alice, como ela ficaria sozinha sem Lester.

— Os Madrigal vão ajudá-la financeiramente e de outras maneiras — informou Fiske. — Agora e para o resto de sua vida.

Lester ia gostar disso, pensou Amy. Se ao menos a gente pudesse fazer mais por ela de algum jeito...

— E eles tomaram outra decisão — continuou Fiske — pela primeira vez na história, os Madrigal vão conceder a condição de membro ativo a alguém que não nasceu na linhagem Cahill.

Ele se virou pra Nellie.

— Senhorita Gomez? Bem-vinda aos Madrigal.

Amy observou a expressão no rosto de Nellie passar de confusão a espanto, e depois prazer. Então suas bochechas se tingiram de um rosa muito forte.

— *Cara* — ela disse.

ATENÇÃO : Cuidado com a página falsa com o nome da " máfia dos livros" no facebook, Existe uma falsa usando o nosso nome para angariar membros e agindo como se fosse nós , ludibriando e enganando a todos!
MAFIA DOS LIVROS SÓ EXISTE UMA – QUALQUER OUTRA NO FACE QUE NÃO ESSA ABAIXO É UMA FARÇA.



Para visitar nossa página no Facebook clique na imagem acima!!



Viste também nosso Fórum cadastre -se e interaja com os demais Mafiosos!!

